

# NGANGA

11 - Junho 2024





# Expediente

## Arte de capa:

Lupe Vasconcelos

## Direção:

Tata Nganga Kamuxinzela

Tata Nganga Zelawapanzu

## Diagramação:

Everton Martins

## Artes Internas:

Lupe Vasconcelos

## Fotos:

Tata Nganga Kamuxinzela e Tata Nganga Zelawapanzu

## Revisão:

Danyo Nascimento



# Sumário

Editorial .....	4
Daemonium: A Hierarquia Infernal da Quimbanda - Parte I .....	5
Beelzebuth é Chefe na Quimbanda .....	39
A Confusão de Doutrinas na Quimbanda .....	58
Santo Antônio na Quimbanda Nàgô .....	61
Ninguém se forma sem o fundamental .....	64
Demonologia na Quimbanda.....	67
Dos Oráculos do Kimbanda .....	73
Quimbanda & Manipulação Energética .....	75
A Universalidade das Técnicas de Magia .....	77
O Fenômeno do Sincretismo no Mundo Antigo e sua Noologia.....	84
Sufrimento, Violência & Sacrifício.....	88
Alguns Exus e suas apresentações dentro do “Livro Das Sombras De Exu” .....	91

# Editorial

A *Revista Nganga* rompeu limites que não eram esperados. Não só os adeptos da cultura de Quimbanda, mas vários outros adeptos de diversas correntes mágicas, filosóficas e religiosas encontraram a revista e fizeram dela um porto seguro em busca de informação de qualidade. Encerramos o primeiro ciclo na edição de número 10 e agora iniciamos tudo novamente, sendo essa a décima-primeira edição, mas também encerrando todo o simbolismo do número 11.

Nesta edição trouxemos um convidado para falar sobre sincretismo dentro da demonologia, Professor Rafael Daher, desta forma expandindo os horizontes daqueles que procuram por informação e não apenas propagação de conteúdo enganoso.

Em meio a tantas desinformações, tantos ditos e não ditos e tantas elucubrações, continuamos produzindo conteúdo para o público, de maneira acessível, intelectualizada e gratuitamente.

Que Maioral de Todo o Inferno esteja com vocês!

*Tata Nganga Zelawapanzu*

Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela  
Feitiçaria Tradicional Brasileira

# Daemonium: A Hierarquia Infernal da Quimbanda - Parte I

## SEÇÃO . I . A QUIMBANDA GOÉCIA

No fim da Antiguidade, durante o período apostólico, a presença de demônios era inferida muitas vezes através do mau comportamento das pessoas. Os ritos sacrificais e a piedade aos antigos deuses greco-romanos foram considerados, já nesse período, como sacrifícios oferecidos aos demônios. Tratava-se, portanto, de um comportamento inadequado, indevido e desviado fazer sacrifícios aos antigos deuses,<sup>[1]</sup> porque subordinava o homem aos caprichos das hostes do mal.<sup>[2]</sup> Nesse período construiu-se a ideia de que a prática da magia estava diretamente associada ao sacrifício aos antigos deuses; logo, qualquer *tipo* de prática mágica que ousou se valer de sacrifícios a partir desse período recebeu a alcunha de *magia demoníaca* porque envolve o exercício de ritos e sacrifícios aos demônios.

A partir da Idade Média e se estendendo por todo o período da Idade Moderna, um conjunto de manuscritos mágicos de feitiçaria demonológica europeia (*nigromancia*), conhecidos como grimórios, traziam informações práticas acerca da convocação de espíritos ctônicos, telúricos e aéreos, os

[1] Diferente das culturas anteriores ao cristianismo, o sacrifício aos deuses nas sociedades tradicionais antigas era considerado uma boa conduta, um bom comportamento. Veja o opúsculo O Sacrifício Animal: Mundo Antigo, Cultura Africana & Quimbanda.

[2] Valerie Flint. Ensaio Demonizando a magia e a feitiçaria na Antiguidade Clássica: redefinições cristãs das religiões pagãs. Publicado em BRUXARIA E MAGIA NA EUROPA. Madras, 2004.



demônios. Dentre eles existe um manuscrito da família de textos atribuídos a Salomão do Séc. XVIII chamado GRIMORIUM VERUM, que foi associado à feitiçaria tradicional brasileira, i.e. a Quimbanda, na década de 1950.<sup>[3]</sup> Essa associação transformou defi-

[3] Na Parte I do livro GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA, me esforcei por demonstrar tendências higienistas que hoje são propagadas na Quimbanda, cuja intenção é invalidar o trabalho das vertentes tradicionais de Quimbanda, fundamentalmente a Quimbanda Nãgô, e sua hibridização com a demonologia europeia, classificando inúmeras famílias de Quimbanda Nãgô

nitivamente a Quimbanda em i. uma cultura de goécia brasileira e;<sup>[4]</sup> ii. *nigromancia* brasileira.<sup>[5]</sup>

Na década de 1950, Aluizio Fontenelle (1913-1952) estabeleceu definitivamente Exu-Diabo no imaginário brasileiro. Ele conectou os Exus mais conhecidos da época a demônios do GRIMORIUM VERUM. O trabalho de Fontenelle proveu os rabiscos iniciais da Quimbanda como praticamos hoje, sua iconografia e estética diabólica. É em Fontenelle que pela primeira vez a ideia de reinos começa a se estabelecer na Quimbanda, apresentando o Reino das Encruzilhadas e o Reino do Cemitério.

Ao divulgar a Chancela Imperial de Maioral, Fontenelle codificou os símbolos fundamentais da Quimbanda, associando-a ao esoterismo ocidental, inserindo no contexto do culto conceitos alquímicos e astrológicos derivados da magia cerimonial, a *cabalá europeia*. Foi Fontenelle também que delineou a ideia dos Miorais ou os Chefes do Inferno no GRIMORIUM VERUM na Quimbanda (Lúcifer,<sup>[6]</sup> Beelzebuth<sup>[7]</sup> e Ashtaroth<sup>[8]</sup>), e elegeu o Baphomet de Eliphas Levi (1810-1875) como ícone central do culto, conectando o trabalho e as ações de Exu a *Luz Astral* ou

como dissidências ilegítimas.

[4] Como demonstrei nos dois volumes do DAEMONIUM, a goécia é uma prática de necromancia grega que data do Séc. V a.C. É somente com a *interpretatio romana* por volta dos Sécs. III-V d.C. que a goécia grega assumiu a forma salomônica e, desde então, associada a convocação de demônios. Veja Humberto Maggi. GOETIA: HISTÓRIA & PRÁTICA. Clube de Autores, 2020. Para uma introdução ao tema da Quimbanda como goécia brasileira, veja *Revista Nganga* No. 10.

[5] A *nigromancia* é uma expressão medieval pejorativa derivada do termo grego *necromanteia*, i.e. necromancia, a comunicação com os espíritos dos mortos para fins de divinação e de magia (quando ganha também o epíteto de *necrurgia*). A *nigromancia* na Idade Média foi associada à prática de magia negra demoníaca e a todo tipo de tabu mágico-religioso da sociedade europeia do período. O termo nasce para i. condenar os sacrifícios a antigos deuses pagãos, reclassificados como demônios e; ii. condenar o exercício ritual de grimórios noturnos, i.e. que lidam com todo tipo de espírito sub lunar, geralmente classificados como demônios também. Veja os livros DAEMONIUM Vol. 2 (Clube de Autores, 2022) e GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA (Clube de Autores, 2023). A Quimbanda é, declaradamente, o único culto *nigromântico* genuinamente brasileiro.

[6] Sincretizado com Exu Lúcifer.

[7] Sincretizado com Exu Beelzebuth.

[8] Sincretizado com Exu Rei das Sete Encruzilhadas. Na nossa família Cova de Cipriano Feiticeiro, Astaroth é sincretizada com Pombagira Rainha das Sete Encruzilhadas. Essa Trindade Infernal

*Agente Mágico Universal* de Levi, que em tradições platônicas e mágicas anteriores era identificada como a *alma do mundo*.<sup>[9]</sup> Aluizio Fontenelle estabeleceu uma ponte concreta entre a feitiçaria brasileira e o *Ocultismo* francês do fim do Séc. XIX. O Mestre de Quimbanda Muloji em seu livro KIWANDA: RAÍZES PERDIDAS DA QUIMBANDA MALEI, diz:

A Kimbanda Nago sempre foi a mais difundida, forte e conhecida em todo território do Brasil e se não foi a primordial. [...] Com o tempo alguns feiticeiros aderiram a mesclagem da Kimbanda Nago com a cabala goética dos demônios formando assim um submundo oculto para as práticas proibidas. [...] Esta é a linha mais propagada e tradicional de Kimbanda existente no Brasil. Cultuada com imagens trevosas de gesso. [...] Apesar de Exu Gererê ser o comandante supremo, tornou-se comum o uso sincretico da estatueta de Baphometh.<sup>[10]</sup>

A Quimbanda Nãgô absorveu muitas influências demonológicas e diabólicas do GRIMORIUM VERUM e muitos a conhecem pelo termo *Quimbanda Raiz* ou *Quimbanda Goécia*, porque seguindo o caminho estabelecido por Fontenelle que sincretiza os Exus aos demônios do GRIMORIUM VERUM, a Quimbanda Nãgô desenvolveu seus fundamentos práticos nessa direção, onde o Exu tutelar do *kimbanda* comanda uma miríade de demônios, não só do GRIMORIUM VERUM, mas de todos estes classificados como *nigromancia*.

Aqui nos encontramos com a fórmula mágica universal do espírito tutelar. Assim como na Magia de Abramelin o *Sagrado Anjo Guardião* é o agente de comando, poder e autoridade sobre os demônios; assim como na feitiçaria dos papiros gregos o paredros auxilia o feiticeiro a conjurar espíritos diversos e deificar sua alma; assim como Salomão fez do demônio Ornias seu espírito assistente; assim como Cipriano e Fausto conjuraram o Diabo para aprenderem os segredos da magia para comandar espíritos, obter conhecimento, poder e notoriedade, de igual modo o *kimbanda* tem acesso a uma

[9] Veja Cornélio Agrippa. TRÊS LIVROS DE FILOSOFIA OCULTA. Madras, 2008. Veja também *Revista Nganga* No. 8.

[10] Muloji. KIWANDA: RAÍZES PERDIDAS DA QUIMBANDA MALEI. Edição do Autor, 2023, pp. 118-125.

miríade de demônios sob a autoridade e poder de seu Exu tutelar.

Na Quimbanda Nàgô os Exus e demônios comem e atuam juntos;<sup>[11]</sup> o demônio potencializa a força e atuação do Exu. Trata-se, portanto, de um *poder* utilizado por Exu, um poder que está sob seu comando. Assim como o mago salomânico entendeu que poderia utilizar o poder dos demônios para servir aos seus propósitos, pelo simples fato deles estarem disponíveis na Natureza, de igual modo e através de seu Exu tutelar, o *kimbanda* tem acesso a esse mesmo poder disponível nos reinos fundamentais da Natureza: submundo, terra e ar.

Como veremos na Seção III a frente, os símbolos hieráticos que compõem o Brasão Imperial de Maioral codificam, ou pelo menos demonstram a codificação estrutural da Quimbanda, onde uma força superior, um *Mistério sem Nome*, cresce a partir da junção dos poderes de Ògún, Èşú, São Miguel e o Diabo. Dessa miscigenação mágico-cultural nasce o Chefe Império Maioral e com ele, a Quimbanda com suas hordas de Exus-Diabos.

É essa força inominável, é este *Mistério sem Nome*, que chamamos de Maioral o Diabo, a fonte do poder dos Exus sobre os demônios do submundo, terra e ar.

No trato com demônios na Quimbanda Nàgô não são utilizadas nenhuma das tecnologias mágicas tradicionais da magia cerimonial: círculo, triângulo, baqueta, robe etc. Outras, no entanto, são necessárias como a assinatura (*cabalá*) dos demônios. A metalinguagem hebraica da magia salomônica pode ser utilizada se o *kimbanda* tiver um bom nível de hebraico e souber manipular, por meio do Exu tutelar, a força ou *assinatura espiritual* por trás de cada letra e nome utilizado.

*Os espíritos que se apresentam dentro desta linha são denominados vulgarmente de bruxos ancestrais.*<sup>[12]</sup> Existe um entendimento de que a maioria dos Gangas que se apresentam para trabalhar na Quimbanda Nàgô

[11] Eles podem, no entanto, comer separados e terem moradas de poder (assentamentos) distintos. Tudo dependerá da natureza do Exu e do demônio.

[12] Muloji. KIWANDA: RAÍZES PERDIDAS DA KIMBANDA MALEI. Edição do Autor, 2023, pp. 120.

são feiticeiros, bruxos, religiosos e místicos de muitas tradições espirituais distintas, tanto de um passado distante quanto dos dias de hoje. *Os espíritos que são os componentes desta linha são exímios entendidos na prática da magia, seja astral, ou natural, ou de qualquer outra forma ou modalidade a eles requisitados.*<sup>[13]</sup> Isso indica que os Gangas da Quimbanda Nàgô têm a capacidade de atuar dentro da prática mágica de muitos sistemas distintos, assimilando-os e adaptando-os a Quimbanda. Isso abre uma dimensão magística gigantesca, dando ao *kimbanda* a liberdade de adaptar qualquer tipo de sistema magístico: *Abordam facilidade em sua fundamentação permitindo ao mestre criador as mais diferentes e poderosas formas de fundamentação.*<sup>[14]</sup> E a Quimbanda Nàgô é conhecida como *linha cruzada quando mesclam duas ou mais linhas com a nagô. Quando esta linha é cruzada com rituais de outros cultos.*<sup>[15]</sup>

Os demônios são convocados pelo poder do Exu tutelar e a autoridade da Trindade Maioral, seguindo o sistema tradicional de convocação demoníaca em nome de demônios chefes de falange. Aos demônios são oferecidos sacrifícios e oferendas. No primeiro volume do DAEMONIUM<sup>[16]</sup> eu resumi:

Na história de Fausto, Mefistófeles lhe confere uma acurada descrição de como se organiza a hierarquia espiritual, muito similar a descrições que encontramos nas famílias de espíritos de diversas tradições de cabala crioula:<sup>[17]</sup> espíritos menores são governados por espíritos maiores e mais poderosos. Tudo funciona como uma longa cadeia de transmissão onde o mago pede ao espírito e ele leva a seu superior o pedido do mago. E essa é a ideia central por trás da arte da goécia desde a Antiguidade clássica: o espírito ajuda o mago com a autorização de um poder superior, muitas vezes uma divindade. Na recessão cristã da hierarquia infernal, é o Diabo que assume a posição de espírito superior,<sup>[18]</sup> da mesma maneira que os deuses nas culturas gregas e romanas.

[13] Ibidem.

[14] Ibidem.

[15] Ibidem.

[16] Fernando Liguori. DAEMONIUM. Vol. I. Clube de Autores, 2019, pp. 239.

[17] Aqui, especificamente, eu me referia a Quimbanda.

[18] Assim como na Quimbanda.

A Quimbanda Nàgô é a derivada mais flexível da demonologia sincrética de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO (e toda corrente cipriânica-fáustica ibérica),<sup>[19]</sup> assim como da diabolologia do GRIMORIUM VERUM franco-italiano assimiladas por Aluízio Fontenelle, porque ela é muito rica em fundamentos, o que lhe confere uma abordagem magística abrangente. Um Mestre de Quimbanda Nàgô é capaz de operar com qualquer tipo de demônio derivado dos grimórios salomônicos, associando-o aos Gangas da Quimbanda.

## SEÇÃO . I I . O CHEFE IMPÉRIO MAIORAL: REI DO INFERNO

A qual comida, disse e confessou, que lhe feria muito a enxofre e alcatrão; e nas mesas estavam por candeias umas tochas como cabos de cordas alcatroadas com breu e alcatrão que davam um negro, escuro e fedorento lume. E na cabeceira da mesa estava assentado o seu maioral em sua cadeira de espalda negra, com um roupão com capuz frisado e, às vezes, o tinha tosado muito negro e uma barba muito comprida; e como rei o adoravam e obedeciam todos os outros e o serviam de joelhos e na mesa serviam muitos daqueles malignos espíritos.<sup>[20]</sup>

O excerto acima data de 1559; trata-se da descrição de um banquete diabólico fornecido à Inquisição de Portugal, e é nele que pela primeira vez o termo *maioral* é utilizado para descrever o Diabo como rei do inferno pelas feiticeiras ibéricas e pelos escribas do Santo Ofício. Nessa descrição qualquer um que conhece os toques secretos da Quimbanda reconhecerá traços peculiares ao culto: o enxofre, o cheiro de alcatrão na fumaça do tabaco, o breu utilizado em muitos feitiços, a iluminação pelo fogo (tochas), a mesa com as comidas ou oferendas, o trono e a presença do Diabo. Tudo isso nós encontramos nos toques de Quimbanda, regados à cachaça, pólvora, música, transe e sangue, o *sabbath* brasileiro das bruxas, a

[19] Veja também o artigo *A Trindade Infernal: Satanás, Caifás e Barrabás*, nesta edição.

[20] J.P.O. Martins, citado em Humberto Maggi. *O Diabo*. Clube de Autores, 2022, pp. 194-195.



feita dos feiticeiros. Por isso a Quimbanda tem sido reconhecida como a *bruxaria tradicional brasileira*.

Como o Chefe da Quimbanda, Maioral o Diabo aparece pela primeira vez na obra de Lourenço Braga de 1942: UMBANDA & QUIMBANDA:

Todos os espíritos da Lei de Quimbanda possuem luz vermelha sendo que o chamado «Maioral», conhecido no catolicismo como Satam, Satanaz, Diabo, Capeta, Lúcifer, Príncipe do Fogo, Tinhoso, Anjo do Mal, etc. possui uma irradiação de luz vermelha tão forte que nenhum de nós suportaria sua aproximação.<sup>[21]</sup>

Em Lourenço Braga o Chefe Império Maioral, o Diabo, se apresenta revestido de todos os significados que o catolicismo popular lhe atribuía na época, incluindo a ideia

[21] Lourenço Braga. UMBANDA & QUIMBANDA. EDC, 1942, pp. 26. O vermelho é uma cor tradicionalmente associada ao deus egípcio Set, ancestral do Diabo cristão. Os inúmeros templos modernos de satanismo e luciferianismo utilizam o vermelho em suas cerimônias, assim como a Quimbanda, representando o próprio ambiente mágico do culto. E é importante ter em conta, desde já, que a primeira descrição de Maioral como aqui observamos, tem um *pano de fundo* cristão. Quando chega na Quimbanda, o Diabo vem *colorido* pela cosmovisão cristã, simbolizando uma força de oposição ao cosmos da Umbanda, algo que se cristalizou somente no trabalho de Aluízio Fontenelle.

de Lúcifer<sup>[22]</sup> como um anjo caído. Mas é somente com Aluizio Fontenelle que Maioral é *enriquecido* ao ponto de se tornar o que ele hoje é, tradicionalmente, para Quimbanda.

Fontenelle i. conectou a ideia de Maioral segundo Lourenço Braga ao conceito de Baphomet delineado pelo ocultista francês do Séc. XIX, Eliphas Levi (1810-1875); ii. também sincretizou os Exus mais conhecidos da época aos demônios de um grimório do Séc. XVIII conhecido como GRIMORIUM VERUM e, a partir dali, os Exus da Quimbanda foram completamente demonizados, sendo tratados indiscriminadamente hora como almas de mortos deificados, hora como demônios.

De importância fundamental é compreender o que Eliphas Levi chamou de *luz astral* e como ela se associa a imagem teriomorfa de Baphomet. Porquê dessa compreensão depende o entendimento da fórmula mágica da Quimbanda.

Do *magnetismo animal* de Franz Anton Mesmer (1734-1815), Levi deriva a ideia de *luz astral* ou *agente mágico universal*, associado as ideias rosacricianas do Séc. XVII acerca da penetração dos raios estelares (i.e. que vêm dos astros) nas fibras orgânicas, alterando sua natureza oculta. Em 1766, em sua tese de doutorado, *De influen-*

*cia planetarum in corpus humanum*, Mesmer postulou a existência de um fluido invisível espalhado por toda parte. Ele serviria como veículo para a influência mútua que os corpos celestes exerceriam entre si, a Terra e os corpos animados – daí a expressão *magnetismo animal*. Mas longe de se espalhar na forma específica que Mesmer tentou conferir a ele, o *magnetismo animal* logo pôde ser visto operando em várias direções, influenciando não só a ideia de *luz astral* de Eliphas Levi, mas também os passes e os tranSES mediúnicos do espiritismo de Allan Kardec (1804-1869) no contexto de sua disseminação na Europa e no Novo Mundo.<sup>[23]</sup>

De acordo com uma das ideias mais difundidas no pensamento alquímico, a matéria contém uma luz ou um fogo invisível cuja natureza é a mesma da Palavra que criou a Luz no primeiro dia da Criação. Esse princípio ígneo está situado a meio caminho entre o mundo natural e o mundo suprassensível, e ele tem sido utilizado para interpretar a ideia platônica da *Alma do Mundo* e se diversificou em inúmeros temas como a *luz astral*.

Correspondendo a essa luz ou fogo invisível existe uma contraparte *terrestre*, que Levi chama de fluido terrestre, que é o *Grande Agente Magnético [...] saturado com*

[22] Lúcifer é uma deidade muito importante na Quimbanda. Assim como os conceitos de Baphomet, Diabo e *agente mágico universal* em Aluizio Fontenelle vêm de Eliphas Levi, a própria ideia de Lúcifer também. Como veremos, Eliphas Levi equipara o Diabo, Satanás e Lúcifer, o anjo de luz caído, a uma agência cega, uma força cósmica moralmente neutra. Fontenelle traz a Quimbanda esse Lúcifer de Levi, ao ponto dele ser completamente expresso pela autoridade espiritual de *Exu Rei: Sua majestade Lúcifer ou Exu Rei, é dono e senhor das Trevas. Considerado pela sua falange como o «Absoluto», é quem domina o reino da terra.* (Aluizio Fontenelle. Exu. Gráfica Editora Aurora, 1954, pp. 103.) O Absoluto na Quimbanda, portanto, é Lúcifer, o que está em sincronia com sua posição no GRIMORIUM VERUM. No sistema hierárquico dos demônios no GRIMORIUM VERUM, Lúcifer é a primeira emanção sendo, portanto, uma potência andrógena, da qual emanam duas outras potências: Beelzebuth (macho) e Ashtaroth (fêmea). Existe um consenso em que a iconografia de Maioral como Baphomet na Quimbanda costuma representar à unidade dos três Maiorais: Lúcifer, Beelzebuth e Ashtaroth. Vamos entender isso: seguindo a própria ideia da hierarquia das emanções no GRIMORIUM VERUM, a unidade da Trindade Infernal é simbolizada por Lúcifer, o pai de todos os demônios. Como um andrógeno ele simboliza o equilíbrio alcançado pela união dos contrários macho e fêmea. Essa figura andrógena na alquimia medieval era tão importante que representava a própria ideia de Grande Obra, que Eliphas Levi associou também a Baphomet. Na Quimbanda, Lúcifer como Exu Rei representa essa potência andrógena e a incorporação total da Trindade Maioral.

[23] A grande promulgadora das influências espíritas no Brasil é a FEB - Federação Espírita Brasileira, fundada em 1884, que teve dentre seus presidentes (1895) Adolfo Bezerra de Menezes. A FEB é a mais influente federação no que se tange o espiritismo e publicou as obras de Chico Xavier, que teriam a popularidade ao espiritismo. Entretanto muitos acusam a FEB de não seguir completamente os ditames espíritas por não respeitar o CUEE deixado por Kardec. CUEE é o *Controle Universal dos Ensinos dos Espíritos*, método desenvolvido por Allan Kardec para diminuir a influência do médium nas comunicações espirituais. A FEB também publicou no Brasil o grande antagonista de Kardec em seu tempo, Jean Baptiste Roustaing, autor de OS 4 EVANGELHOS, que os espíritas mais ortodoxos creditam ser uma obra escrita por espíritos das trevas, se contrapondo a Kardec. Desta forma, muito do pensamento espírita brasileiro foi formado a luz de Chico Xavier e pouco sobre Allan Kardec e a sua codificação, sendo os textos produzidos de Chico Xavier com metodologia muito parecida com a de Roustaing em sua obra, a escolha de um único médium para transcrever uma obra completa (o que contrapõe o CUEE). Dentre as polêmicas e cisões encontradas no movimento espírita, encontramos também a criação da Aliança Espírita Evangélica, fundada em 1973 por 8 casas espíritas a princípio, mas que é de interesse geral, por conta de Edgard Armond. Edgard Armond foi o grande responsável pela implementação da metodoliga de passes espíritas dentro dos centros espíritas. Apesar da prática já ser corrente desde o começo do movimento espírita, ela era baseada nos estudos de Mesmer, que era uma figura de interesse de Allan Kardec. Entretanto a forma como o passe hoje é aplicado, com suas qualidades, técnicas, duração e manejos, é algo formulado por Edgard Armond e os seus trabalhadores.

*todos os tipos de imagens e reflexões.* [24] Em outras palavras, a *luz astral* é um ambiente mágico protoplasmático, plástico, no sentido de ser o meio onde imagens podem ser magicamente impressas. O operador da magia pode manipular imagens, dissolvê-las, coagula-las, projetá-las etc. *É um espelho de toda imaginação e todas as imagens. [...] A luz astral reage ao próprio sistema nervoso. [...] Pode assumir todas as formas evocadas pelo pensamento e, nas coagulações transitórias de suas partículas radiantes, aparece aos olhos; pode até oferecer uma espécie de resistência ao toque.*[25]

A *luz astral* era em essência, ensinava Levi, a alma física dos quatro elementos: terra, ar, fogo e água, cuja sujeição por um quinto agente, que é a Vontade, é simbolizada pelo pentagrama. O pentagrama então se torna um glifo de poder sobre os espíritos elementais quando o signo é empregado com compreensão, ou seja, quando a vontade é dedicada à sua soberania. Isso é o que se entende pelo mago *regerando o universo*. [26]

Para Levi a magia é o poder sobre si mesmo, o meio de dirigir à vontade. Para que isso aconteça de forma eficaz, e para evitar que o magista seja expulso de seu curso, é necessária uma disciplina essencial: equilíbrio e harmonia. O magista está lidando com as correntes opostas de força ódica dentro da *luz astral* e que mantêm unidas a dinâmica do cosmos manifesto. O equilíbrio entre luz e escuridão, positivo e negativo, requer a compreensão de um importante princípio dos polos opostos, caracterizados como masculinos e femininos. Foi assim, pensando nisso, que Lévi apresentou ao mundo a imagem teriomorfa de Baphomet.

A imagem de Baphomet é um símbolo para androgenia (veja nota de rodapé sobre Lúcifer acima), para reconciliação dos opostos. Muito embora ela tenha sido diretamente associada ao Diabo da Igreja, o que Levi chegou a contestar, enfatizando que a Igreja havia perdido o *arcano mágico* do Diabo, do qual a imagem era a chave de interpretação,

pois a imagem, como ele a concebia, é um símbolo de domínio e maestria: a resolução dos opostos em uma unidade superior, pertencente ao estado do Homem antes da Queda na dualidade, manifestação e decadência. A Chama entre os Chifres da cabeça de Bode é a *flama da inteligência*, a luz mágica do equilíbrio universal das forças do Cosmos, e representa a alma que conquistou sua apoteose para além da matéria. O pentagrama em sua cabeça é de ponta para cima e, como vimos, representa à vontade sobre os impulsos dos instintos e a luxúria dos desejos. A sua mão direita aponta para a Lua Branca de Chesed (*misericórdia*), e sua mão esquerda para a Lua Negra de Geburah (*severidade/justiça*), demonstrando o equilíbrio entre os *fluxos-pilares* da Árvore da Vida e a harmonia de todas as forças dentro do Cosmos. No braço-fêmea está escrito *Solve* (separar), e no braço-macho está escrito *Coagula* (dissolver), dois princípios alquímicos de transformação (morte). No peito, vemos seios de mulher e pelos de homem. No lugar da genitália está o *Caduceu de Mercúrio*, um símbolo para o poder de equilíbrio entre as forças de oposição no Cosmos. As asas de Baphomet representam o conceito alquímico de *volátil*, que permite a mudança de um estado para o outro no processo alquímico.

Então, para olhos não iniciados, Baphomet é um monstro. Para o iniciado – um glifo para a assunção do Homem sobre todas as suas faculdades ocultas, capaz de exercer na *luz astral* soberana a sua vontade, o poder do homem-monstro sobre si mesmo pelo processo da iniciação. É uma imagem para um objetivo e, portanto, é progressiva. Por uma lei persistente do paradoxo, o belo parece a princípio monstruoso, já que a bruxa na mitologia é revelada como a donzela. A verdade não vem ao mundo nua, mas vestida de tipos e imagens. Baphomet é um símbolo baseado na ideia da esfinge, uma quimera: metade animal, metade humana, o que significa que não é nenhuma das duas, mas uma *Forma* para uma *Ideia Sem Forma* que, como veremos adiante, representa o *Mistério Sem Nome* que é o Chefe Império Maioral, e que influenciou profundamente a fórmula mágica da Quimbanda.

[24] Eliphas Levi. DOGMA E RITUAL DE ALTA MAGIA. Pensamento, 2017, pp. 139.

[25] Ibidem.

[26] Ibidem.



Nos escritos de Fontenelle vamos encontrar o mapa onde ele une o Maioral de Lourenço Braga ao Baphomet de Eliphas Levi:

A Entidade Máxima [do Mal], denomina-se «MAIORAL», tendo ainda outros denominativos, tais como: Lúcifer, Diabo, Satanaz, Capêta, Tinhoso, etc., etc.<sup>[27]</sup> Lúcifer mostra toda a sua supremacia como AGENTE MÁGICO UNIVERSAL.<sup>[28]</sup> Considerando Satanaz como o grande agente mágico empregado para as práticas do mal, pela sua vontade perversa de criar uma força puramente sobrenatural, é o dominador da Magia Negra em todas as condições que regem os destinos da humanidade, que se debate na inconsciência de obter para si o domínio daquilo que possa existir além da vida comum.<sup>[29]</sup>

Nessas passagens retiradas de duas obras de Fontenelle revela-se toda a fórmula mágica da Quimbanda. Para entendermos isso devemos retornar aos escritos de Eliphas Levi que influenciaram a visão que Fontenelle tinha da magia associada

[27] Aluízio Fontenelle. EXU. Gráfica Editora Aurora, 1954, pp. 93.

[28] Aluízio Fontenelle. UMBANDA ATRAVÉS DOS SÉCULOS. Editora Espiritualista Ltda, 1952, pp. 246.

[29] Aluízio Fontenelle. EXU. Gráfica Editora Aurora, 1954, pp. 229-30.

aos Exus e a natureza da Quimbanda.<sup>[30]</sup> Se referindo a Baphomet, Levi o identificava como:

O grande agente mágico, a dupla corrente de luz, o fogo vivo e astral da terra.<sup>[31]</sup> [...] É o fogo eterno da vida terrestre; é a Alma do Mundo e a lareira viva do inferno. Dizemos que a Luz Astral é o receptáculo das formas. Evocadas pela razão, essas formas são produzidas em harmonia, evocadas pela loucura, tornam-se desordenadas e monstruosas. [...] Quando invocamos o Diabo com as cerimônias exigidas, o Diabo vem e nós o vemos.<sup>[32]</sup>

Antes de Levi, o eminente ocultista Cornélio Agrippa (1486-1535) já havia mencionado em sua magna obra, TRÊS LIVROS DE FILOSOFIA OCULTA, que a Alma do Mundo – que Levi chama de *luz astral* – trata-se uma força cósmica impessoal sobre a qual é possível o mago imprimir a sua vontade, daí *o receptáculo das formas*.<sup>[33]</sup> Quer dizer, trata-se de um meio onde qualquer tipo de criação é possível através da manipulação das correntes mágicas de força ódica, i.e. a

[30] Veja *Revista Nganga* No. 8 para um aprofundamento sobre a relação que se estabeleceu entre o Maioral da Quimbanda e o Baphomet de Eliphas Levi.

[31] Eliphas Levi. DOGMA E RITUAL DE ALTA MAGIA. Pensamento, 2017, pp. 132.

[32] Ibidem, pp. 147. É possível ver na descrição do Diabo em Eliphas Levi muita influência do Iluminismo e do Romantismo do fim do Séc. XVIII. Por exemplo, a noção de energia criativa em William Blake (1757-1827) que tanto representa a corporeidade quanto a força ígnea que vem do inferno e, portanto, fonte do verdadeiro mal, parece ter influenciado a noção de *agente mágico universal* em Eliphas Levi.

[33] Formas aqui vem do grego eidos e simboliza a causa primeira de todas as coisas; na modernidade costumamos utilizar a ideia ou conceito de forma arquetípica ou simplesmente arquetipo, quer dizer, a coisa primeira da qual deriva toda a multiplicidade das formas sensíveis. Em Platão essas formas arquetípicas derivam do Plano das Ideias, nos cultos arianos hiperbóreos derivam do Mundo Híper-Urano, i.e. acima do céu.

A Alma do Mundo também é a fonte de todas as outras almas: [...] todas as almas que vagam ao redor do Mundo provêm de uma única Alma, a Alma do Todo. CORPUS HERMETICUM, Cap. X, Verso 7. Aqui Mundo é sinônimo de Cosmos material, cuja fonte é também a Alma do Mundo. Donald Tyson comenta em sua edição da Filosofia Oculta de Agrippa: No centro do corpo do mundo o Criador colocou a alma, que é mais velha que o corpo. Isso é evidente, uma vez que a alma governa o corpo e o Criador jamais permitiria que o mais jovem dominasse o mais velho. A alma se difunde de um modo especial por todas as partes do mundo, e também pelo «ambiente exterior dele», e é feminina, a amante do corpo do mundo. Veja Cornélio Agrippa. TRÊS LIVROS DE FILOSOFIA OCULTA. Madras, 1998, pp. 907. Essa qualidade feminina da Alma do Mundo é potência genitora de tudo o que existe materialmente, sendo, portanto, um meio adequado a todo e qualquer tipo de criação mágica.

energia vital, o *moyo* dos bantos ou o *àşę* dos *yorùbás*, o *magnetismo animal* de Mesmer. Eliphas Levi desenvolve a essa ideia, atribuindo a *luz astral* ou Baphomet um poder cego e moralmente neutro: *Já dissemos que o Diabo não é uma pessoa. É uma força [...], uma corrente ódica ou magnética.*<sup>[34]</sup>

Como se trata de uma força cega impessoal, Levi postula que ao homem comum esse poder desencaminha e leva ao erro, daí *o Diabo na Magia Negra é o Grande Agente Mágico utilizado para fins do mal por uma vontade perversa;*<sup>[35]</sup> então ele apresenta a *luz astral*, o *agente mágico universal*, a Alma do Mundo ou Baphomet como *uma nova alegoria para a condução de seres vilmente instintivos por forças cegas que podem colocar em movimento a má vontade e o erro.*<sup>[36]</sup> Isso significa que todos têm o poder de manipular a *luz astral*; o homem torpe e ignorante não tem conhecimento disso, e devido as suas inclinações passionais, torna-se o catalisador de uma torrente maligna de força ódica no mundo, criando a partir da *luz astral* todo tipo de ignorância, erro ou crime, porque ela reage aos impulsos nervosos do homem.

Aluízio Fontenelle entendeu muito bem isso e trouxe essa ideia da impessoalidade da *luz astral* para a Quimbanda, que a partir daquele período, portanto, tornar-se-ia um sistema de feitiçaria cujo objetivo é manipu-

lar habilmente essa força. *No entendimento de Fontenelle, entretanto, «fazer o mal» por si, a soldo ou movido por sentimentos como a inveja, cobiça, vingança etc. é o que caracteriza em essência a Quimbanda.*<sup>[37]</sup> Daí que Fontenelle afirma ser o *agente mágico universal* empregado para as práticas do mal por àqueles que desejam obter poder e domínio das forças sobrenaturais que estão para além da vida material, na intenção de manipular seus eventos por motivos mesquinhos e torpes. O mal, portanto, trata-se do *trabalho feito*, da *demandada encomendada*, do feitiço de amarração etc. Soldo: a Quimbanda nasce como um sistema de feitiçaria cujo objetivo é manipular as correntes de força ódica da *luz astral*, o corpo de Maioral, na intenção de resolver todo e qualquer tipo de mazela que aflija o ser humano. Então na Quimbanda:

[...] Lidamos com o fantasma de todos os terrores, o dragão de todas as teogonias, o Ahriman dos Persas, o Tifon dos egípcios, a Piton dos gregos, a antiga serpente dos hebreus, [...] a grande besta da Idade Média e, pior ainda, o Baphomet dos Templários, o ídolo barbudo dos alquimistas, o obscuro deus de Mendes, o bode do *Sabbath*. [...] Todos os iniciados nas ciências ocultas adoravam, ainda adoram e sempre adorarão o que é simbolizado por este símbolo aterroizante.<sup>[38]</sup>

## A QUIMBANDA & O APERFEIÇOAMENTO DA ARTE DE FAZER MAGIA

Esse é um lema que sempre ensino, e ele é técnico: a Quimbanda se trata do aperfeiçoamento da arte de fazer magia. Em Aluízio Fontenelle não apenas Maioral, o Lúçifer e Exu Rei, é o *agente mágico universal*; os Exus também são *agentes mágicos universais*<sup>[39]</sup> *que tanto podem fazer o bem quanto o mal.*<sup>[40]</sup> Na Quimbanda, são os Exus os agentes que manipulam a força ódica, a substân-

[34] Eliphas Levi. DOGMA E RITUAL DE ALTA MAGIA. Pensamento, 2017, pp. 246.

[35] Ibidem, pp. 147.

[36] Ibidem, pp. 246. Essa agência neutra, impessoal e amorosa da Alma do Mundo em Eliphas Levi está em sincronia com a HERMÉTICA. No CORPUS HERMETICUM (Cap. X, Verso 10), Hermes fala acerca da natureza do Cosmos, que não está separado da Alma do Mundo, repositório de todas as formas que nele se encontram: O Cosmos não é, na verdade, mau, mas também não é bom, como Deus é bom; pois é material, e sujeito a perturbação. No Timeu, Platão expressa essa mesma ideia quando diz que a Alma do Mundo é a fonte do bem e do mal. Está presente nesse desenvolvimento da Alma do Mundo ou Luz Astral em Eliphas Levi a própria ideia dessa força como o movimento potencial de todas as coisas. Isso nós encontramos também em Platão, que define a Alma do Mundo como: primordial surgimento e movimento de tudo o que existe, existirá ou existirá, bem como de todos os seus opostos, uma vez que ela se revelou como a causa universal de toda mudança e movimento. Platão. LEIS (Livro X, Verso 896, Edipro, 210, pp. 413-14). É interessante notar que essa qualidade da Alma do Mundo como fonte do movimento de todas as coisas seja compartilhada com o Êşú da cultura *yorùbá*, e que por sua vez a transferiu ao Exu da Quimbanda. Todas essas ideias foram concentradas e agrupadas na codificação do culto da Quimbanda, e estão presente no Brasão Imperial de Maioral. Veja Seção III abaixo.

[37] Humberto Maggi. O DIABO. Clube de Autores, 2022, pp. 196.

[38] Eliphas Levi. DOGMA E RITUAL DE ALTA MAGIA. Pensamento, 2017, pp. 303.

[39] Aluízio Fontenelle. Exu. Gráfica Editora Aurora, 1954, pp. 229.

[40] Ibidem, pp. 105.

cia magnética e altamente volátil da *Luz Astral*, o corpo de Maioral. Essas correntes de força que os Exus são capazes de manipular à vontade têm *caráter*, quer dizer, *qualidade* ou *vibração peculiar*, são *fluxos* ou *torrentes* de energia mágica distribuídos e organizados nos Reinos da Quimbanda.

Do *òrìṣà Èṣú* da cultura *yorùbá* o Exu da Quimbanda herda a virtude do *movimento*, da *multiplicidade*, do *dinamismo* e da *comunicação*. O *òrìṣà Èṣú* está em toda parte porque ele dá movimento a própria ordem do cosmos, *dinamizando* todos os processos cosmológicos. Èṣú é ainda o agente que possibilita a comunicação entre o homem e as diversas deidades que existem no cosmos, encarregado da entrega de todas as oferendas (*ẹbọ*) ofertadas ou realizadas em nome dos *òrìṣà* ou dos *ìrúnmolè*.

Imbuído, portanto, das virtudes do Èṣú *òrìṣà*, o Exu da Quimbanda passa a ser o agente mágico que possibilita o *kimbanda* a imprimir sua vontade na *luz astral*, o corpo de Maioral. Assim como Èṣú *òrìṣà* leva até as deidades as oferendas (*ẹbọ*) dos homens, de igual modo o Exu da Quimbanda leva a *tensão mágica* produzida pelo *kimbanda* em um feitiço ou oferenda até o corpo de Maioral, manipulando suas correntes de força mágica.

Em sua jornada de iniciação, i.e. o caminho do Noviço ao Mestre, o *kimbanda* aprende as técnicas de manipulação das correntes de força ódica que são oferecidas pelo sistema da Quimbanda.

### SEÇÃO . I I I .

#### O BRASÃO IMPERIAL DE MAIORAL

Ògún encruza linha da Umbanda com a Quimbanda,  
Ògún abre caminho pra Exu vir trabalhar,  
Cavaleiro do além gira nas almas e no cruzeiro, manda  
povo de Exu pra curimba nesse terreiro,  
Eu quero ver cruzar eu quero ver,  
Cruza o garfo de Exu com sua espada Ògún Mege,  
Mege abre as portas do cruzeiro, saravá Ògún das almas,  
Mege abre a porteira da calunga, saravá Ògún das almas, abre essa

gira pra Exu fazer valer, saravá povo de ganga saravá  
Ògún Mege.

No Brasão Imperial de Maioral estão impressas as chaves ou símbolos hieráticos<sup>[41]</sup> que transmitem a fórmula mágica do Culto de Exu a partir de seu *segundo momento*<sup>[42]</sup> no Brasil. O Brasão foi publicado pela primeira vez na obra de Aluízio Fontenelle, Exu, de 1951. Muito embora ele não tenha feito nenhuma descrição acerca do Brasão Imperial nessa obra, o atribuiu a força mágica de Maioral cuja hierofania, i.e. a experiência ou percepção espiritual concreta e objetiva, é àquela mesma tradicional de Lúcifer, segundo sua descrição, atribuída então à atuação de Exu Rei na Quimbanda. Já em outra obra, A UMBANDA ATRAVÉS DOS SÉCULOS, de 1952, Fontenelle descreve os símbolos que compõem o conjunto do Brasão Imperial de Maioral:

É um ponto místico de chamada, onde *Lúcifer mostra toda a sua supremacia como AGENTE MÁGICO UNIVERSAL*. Está representado com as seguintes características. O triângulo mágico de Salomão; tendo na parte superior o Sol tem a significação de: agente mágico dominador das forças naturais e dos fenômenos da Natureza. A cobra mordendo a cauda significa o domínio sobre a vida e a morte, pelos dogmas mágicos da medicina astral. O pentágono de Salomão circunscrito à cobra, e tendo na sua parte superior o ponto de São Cipriano (pentáculos de Ezequiel e de Pitágoras – duplo triângulo de Salomão), representam as ciências ocultas (alta magia e magia negra). Os dois ponteiros perpendiculares ao crescente lunar que têm sobre si sete cruzeiros, significam o poder sobre a terra e o poder sobre os homens, dominados pelas forças cósmicas [as correntes de amor e cólera citadas por Levi], e de natureza terrena. As duas espadas cruzadas por trás do triângulo de Salomão, significam o poder absoluto, tendo a dirigi-lo a irradiação de Marte e Mercúrio (duas estrelas laterais).

O entendimento desse conjunto de símbolos hieráticos carrega uma hierofania que chamamos de *Mistério Sem Nome*, porque sua apreensão não está diretamente associada à inteligência, mas um conhecimento

[41] Palavra de origem grega, *hiératiká*, usada para significar tudo o que é sagrado, religioso ou sacerdotal.

[42] Sobre o *primeiro* e o *segundo momento* da Quimbanda, veja o segundo volume de DAEMONIUM.

(gnose) para além dos construtos da mente. Então sejam lá quais forem às descrições que construímos acerca de Maioral, ainda sim nenhuma delas conseguirá de verdade transmitir o que ou quem é o Chefe Império Maioral. Por isso nós utilizamos metáforas para descrevê-lo: *primeira encruzilhada de fogo, dragão negro, força cega, mistério sem nome, luz astral etc.*, e gostamos de pensar que é melhor que seja assim.

A ideia de Maioral na Quimbanda iniciou-se com Lourenço Braga (1942), foi modelada como hoje a conhecemos por Aluízio Fontenelle (1951) e desenvolvida pelos autores subsequentes como Antônio de Alva, José Maria Bittencourt e outros. Todos esses autores contribuíram para a construção, pelo menos inicial, da ideia de Maioral que hoje possuímos na Quimbanda.

O conceito central do Brasão Imperial é demonstrar que os Gangas da Quimbanda são rígidos, comandados, regulados, orientados e, modernamente, nascidos por meio de uma Força Superior, um *Mistério Sem Nome* que chamamos pelo epíteto de Maioral, Exu-Rei ou Lúcifer, símbolos amalgamados na iconografia teriomorfa de Baphomet.

Mas para compreender isso, nós temos de voltar às concepções teológicas e teogônicas dos umbandistas por volta das décadas de 1930 a 1950, onde o *òrişà* Ògún fora considerado o patrono, regulador, comandante e protetor da Quimbanda.

Nas primeiras décadas da codificação do culto branco da Umbanda, o Exu demonizado da Macumba – por influência do *òrişà* Èşú diabolizado ainda na África no Séc. XVIII e que permaneceu assim na estrutura dos Candomblés até o Séc. XX – havia desaparecido completamente. Tanto que as encruzilhadas, *lócus* de poder de Exu, haviam sido transferidas para os domínios de Ògún.

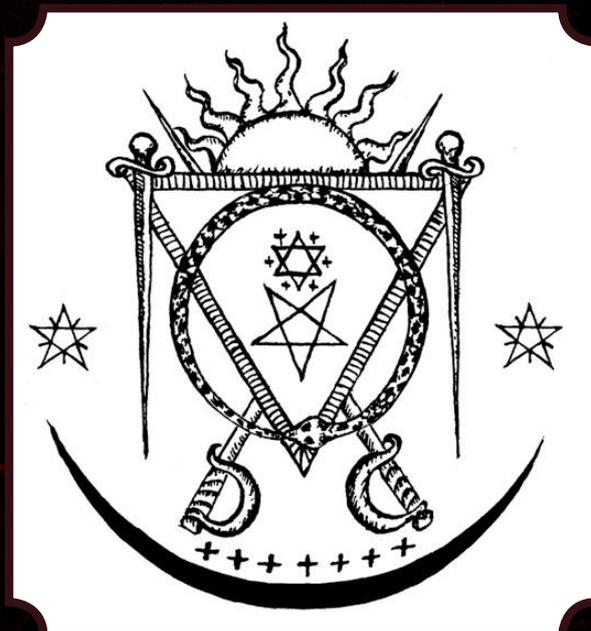
A partir de 1940, a começar pela Tenda Espírita São Jorge sob a autoridade do Caboclo Tupinambás, os Exus retornaram as cerimônias de Umbanda, no fim das sessões, para fazer a limpeza energética do templo. Os autores umbandistas da época tiveram de lidar com essa situação, desde então, alocando os Exus em algum lugar dentro da cosmovisão da Umbanda. Seu destino foi a

Quimbanda! Nesses anos iniciais dessa nova visão de Quimbanda, agora como um *sistema* operacional de trabalho para comunicação efetiva com Exu, e não mais como exercício pessoal de feitiçaria, Ògún tornou-se o Guardião e o Regulador da Quimbanda.

A inspiração para isso obviamente vem do culto *yorùbá*. Na religião Tradicional *Yorùbá*, é Ògún que permite Èşú, seu irmão, utilizar ou compartilhar seus poderes. Ògún é dono do *mistério vermelho* (*awon pupa*), a terra que provê sustentação a ação do progresso, mobilidade e evolução de tudo o que é animado no reino da geração. Ògún é um mestre ferreiro que domina o fogo, além de guerreiro e patrono dos caçadores. Ògún assume a própria forma do fogo e, portanto, é o *domador* do ferro, componente que enriquece o sangue. Assim, Ògún é ainda o patrono do esqueleto humano e do uso do sangue.

Na cultura *yorùbá* Ògún é a inteligência espiritual que forja e transborda força e vida por meio de sua ação ígnea crepitante a qualquer estrutura ou caminho. Por isso ele é associado à força vital, seu impulso para cópula sexual, guerra e agressão. Ògún representa toda força do fogo e o ímpeto de desenvolvimento no homem, no grupo e em toda a sociedade.

E é interessante notar também que Ògún é dito vir do lado esquerdo, daí sua ação de domínio e expulsão de *ajoguns*, espíritos



zombeteiros associados a todo tipo de infortúnios na vida do homem. Então Ògún ganha um papel importante nas primeiras décadas da Quimbanda pelas virtudes que possui.

Como falei no livro *GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA*, a influência de Ògún na Quimbanda é transparente: a pimenta ardida, o ferro, o fogo, o sangue, as bebidas quentes (água de fogo) etc., são elementos de culto a Ògún na África.<sup>[43]</sup>

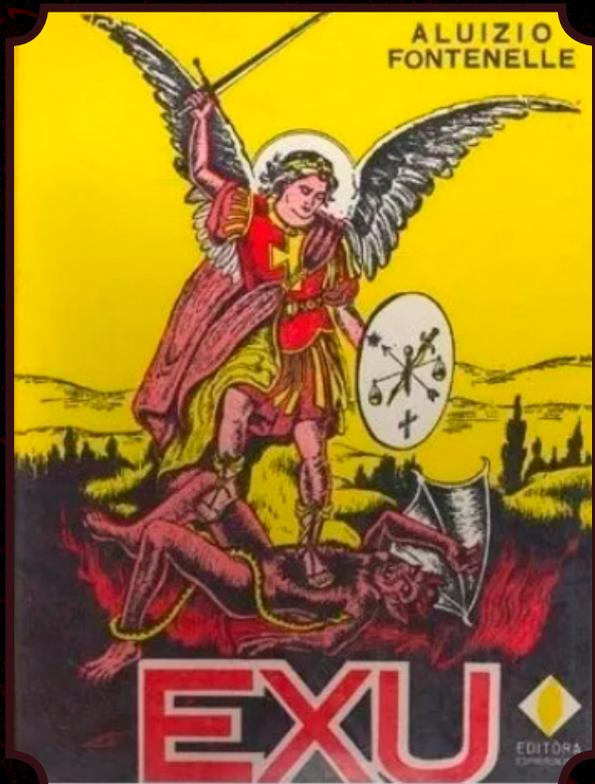
Mas por outro lado, quando pensamos na ação de Ògún na Quimbanda, percebemos que ele carrega algumas virtudes ou poderes *acoplados*, podemos dizer, sincretizados, tanto da cultura banto, quanto do catolicismo popular.<sup>[44]</sup> Dos bantos Ògún recebe poder de Nkosi, palavra que significa *leão*; do catolicismo popular Ògún recebe poderes de São Miguel, o arcanjo exorcista de demônios.

O pano de fundo da Quimbanda é a cosmovisão banto, do Congo. Essa palavra, *kongo*, significa *caçador*, que é uma virtude associada ao t Nkosi que, por sua vez, compartilha com Ògún inúmeros de seus poderes, mas o que Ògún recebe efetivamente de Nkosi é a capacidade de abrir caminhos e cruzar limiares.<sup>[45]</sup>

[43] Na África a maioria desses elementos não tem relação com o culto de Èṣú, como as pimentas e o tabaco, que se relacionam a Ògún.

[44] O termo *catolicismo popular* é complicado. Dependendo do país ou de regiões dentro de um só país, o catolicismo poder ser mágico, místico ou ambos. Vou dar um exemplo da experiência pessoal com este culto. Há mais de 20 anos sou iniciado no Santo Daime, um culto católico popular que agrega elementos da pajelança cabocla, do espiritismo kardecista e da cultura aborígine brasileira, como uso ritual da ayahuasca e o ritual do *bailado*. Posteriormente as entidades da Umbanda e da Quimbanda começaram a aparecer em *linhas de trabalho* dentro da estrutura ritual do Santo Daime. Essas *linhas de trabalho* ficaram conhecidas como Umbandaime. O Umbandaime é, portanto, um ritual, uma linha de trabalho dentro do corpo estrutural do Santo Daime, não fora! Com esse povo chegou à magia no Santo Daime, que até então era apenas um culto místico de êxtase. A partir desse ponto algumas igrejas do CEFLURIS começaram a agregar exorcismos, conjuros, rezos e orações mágicas, algumas delas retiradas de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO, ou pelo menos também são encontradas nele. Outros elementos são agregados como o uso de velas, terços, cruzeiros, água e pólvora. Os rituais com estes elementos são, obviamente, somente para fardados e ocorrem fora do calendário oficial de rituais do CEFLURIS, e apenas em algumas igrejas.

[45] Na cultura banto estes caminhos e limiares, por outro lado, são portais de acesso a outros *nkisis*, Pambu ia-Njila e Àlùwàlá, relacionados as encruzilhadas e são senhores dos caminhos. Veja Nicholaj de Mattos Frisvold. *SEVEN CROSSROADS OF NIGHT: QUIMBANDA IN THEORY AND PRACTICE*. Headen Press, 2023, pp. 51.



Note que na primeira edição do livro *Exu* de Aluizio Fontenelle, imagem acima, onde o Brasão Imperial de Maioral aparece pela primeira vez, é São Miguel que estampa a capa.

São Miguel Arcanjo é associado ao Sol, ao poder do fogo e ao exorcismo de demônios no catolicismo popular.<sup>[46]</sup> Exorcismos em seu nome são encontrados em qualquer breviário católico de orações:

São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate, contra as maldades e as ciladas do demônio. Ordene-lhe Deus, instantemente O pedimos, e Vós, príncipe da milícia Celeste, precipitai no inferno a satanás e a todos os espíritos malignos, que andam pelo mundo para perderem as almas. Assim seja.<sup>[47]</sup>  
+ Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém!

Grande e glorioso Príncipe dos exércitos celestes, São Miguel Arcanjo, defendei-nos «Porque para nós a luta não é contra a carne e o sangue, mas sim contra as potestades, contra os poderes mundanos destas trevas, contra os espíritos da maldade celeste.» [Efes. 6, 12].

Vem e assiste ao homem que foi criado na Sua imagem e a quem Ele redimiou da tira-

[46] Não só no catolicismo popular, tecnicamente. São Miguel Arcanjo é o exorcista de demônios e protetor da Igreja de Roma. Veja *O Exorcismo de São Miguel Arcanjo* do Papa Leão XIII.

[47] EXORCISMOS E ORAÇÕES DE SÃO MIGUEL ARCANJO. *Invocação da Milícia Celeste*. Vozes, 2008, pp. 22.

nia do demônio a um grande preço. A Santa Igreja venera-vos como seu guardião e protetor. A ti o Senhor confiou às almas dos demitidos, para que as dirija ao Céu.<sup>[48]</sup> Gloriosíssimo Príncipe da Milícia Celestial, São Miguel Arcanjo, defendei-nos na luta que temos combatido «contra os principados e potestades, contra os chefes deste mundo tenebroso, contra os espíritos malignos espalhados pelos ares». Vinde em auxílio dos homens que Deus criou incorruptíveis à sua imagem e semelhança, e a tão «grande preço resgatados» da tirania do demônio. Com os exércitos dos anjos bons peleja hoje os combates do Senhor, como outrora lutaste contra Lúcifer, chefe da soberba e contra seus anjos apóstatas. Eles não puderam vencer, e perderam seu lugar no céu. «Foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente e denominado diabo e satanás, o sedutor do universo: foi precipitado na terra e com ele foram lançados seus anjos». (Apoc. 12,8-9).<sup>[49]</sup>

Parece que Aluízio Fontanelle viu alguma conexão entre o poder de São Miguel exorcista de demônios, e o poder de Ògún que expulsa todo tipo de *ajogun*, espíritos obsessores diversos que trazem infortúnios ao homem, sincretizando-os. Essa associação Fontanelle demonstrou no Brasão Imperial da seguinte maneira: as duas espadas cruzadas e ocultadas pelo triângulo salomônico de manifestação representam Ògún; as duas espadas cruzadas por trás do triângulo de Salomão, significam o poder absoluto, tendo a dirigi-lo a irradiação de Marte e Mercúrio (duas estrelas laterais).<sup>[50]</sup> O Sol que coroa o Brasão é uma referência a São Miguel.<sup>[51]</sup> Então duas forças combinadas, Marte (Ògún) e Sol (São Miguel) dirigindo o poder absoluto sobre os Gangas da Quimbanda foi a ideia inicial da força de comando do Chefe Império Maioral.<sup>[52]</sup>

[48] *O Exorcismo de São Miguel Arcanjo* do Papa Leão XIII.

[49] EXORCISMOS E ORAÇÕES DE SÃO MIGUEL ARCANJO. Súplica a São Miguel Arcanjo. Vozes, 2008, pp. 22.

[50] Aluízio Fontanelle. A UMBANDA ATRAVÉS DOS SÉCULOS. Editora Espiritualista, 1952, pp. 247.

[51] Nicholaj de Mattos Frisvold. SEVEN CROSSROADS OF NIGHT: QUIMBANDA IN THEORY AND PRACTICE. Headen Press, 2023, pp. 41-2.

[52] E isso parece estar em pleno acordo com a magia salomônica dos grimórios, que influenciou profundamente o trabalho de Aluízio Fontanelle por meio do GRIMORIUM VERUM.

No contexto da magia salomônica, desde que Deus permitiu que uma parte dos espíritos malignos permanecessem livres para que seu líder, o príncipe Mastema, pudesse agir sobre a humanidade em O LIVRO DOS JUBILEUS, permitindo, portanto, a ação do mal no

Além das forças insidiosas do Sol (São Miguel)<sup>[53]</sup> e de Marte (Ògún) sobre a Quimbanda, também há a presença de Mercúrio, que é a virtude planetária conectada ao òrìṣà Èṣú e por extensão deste, ao Exu da Quimbanda.

Èṣú é o mensageiro das deidades *yorùbá*. É ele quem carrega os sacrifícios dos homens até os òrìṣà e *irúnmolè*, tornando-os efetivos. A alcunha de *trapaceiro* dada a Èṣú nada mais é do que seu poder de escolha representado pelo símbolo da encruzilhada. Èṣú é o guardião da própria força vital que anima o Cosmos e um de seus símbolos mais potentes é o poder do magma, o fogo líquido das profundezas da Terra (*inferius*) que brota do centro da encruzilhada. Por conta

mundo, que anjos têm sido utilizados tanto para expulsar demônios, como convocá-los e comandá-los, porque o mago que tem poder para expulsar demônios, também tem poder para comandá-los. Uma vez que o Diabo e seus demônios estão livres no Mundo para assolar as vítimas humanas, o mago salomônico entendeu que podia utilizar a força desses demônios para seus propósitos, subjugando-os através do poder dos anjos.

Isso é demonstrado nos dois livros que inauguram a tradição salomônica: O TESTAMENTO DE SALOMÃO e O TRATADO DE SALOMÃO. No primeiro os anjos são apresentados como forças que expulsam os demônios, medicina que curam os males causados por eles. Trata-se literalmente de um texto sobre exorcismo. É interessante notar que o poder para comandar os demônios não está disponível a qualquer pessoa, mas somente a Salomão, que recebeu o anel mágico que lhe garantia o poder sobre os espíritos malignos. Não há invocações ou qualquer instrução do modo de operação mágica.

Já em O TRATADO DE SALOMÃO o poder está disponível. É nele que pela primeira vez são apresentadas instruções para convocação de anjos e demônios, e estes, necessariamente são convocados após os anjos, submissos, portanto, a autoridade deles. Diferente dos anjos de O TESTAMENTO DE SALOMÃO que frustram os demônios, os anjos de O TRATADO DE SALOMÃO os controlam para o benefício do mago.

[53] O Sol é um símbolo poderoso na magia, porque como um fenômeno, ele tanto cria quanto destrói com seu poder. Algumas pessoas podem se sentir frustradas por encontrarem no Brasão Imperial de Maioral a presença de um anjo/santo representando o poder do Sol. Mas o que um *kimbanda* faz, porque vê o Cosmos sob o olhar do homem tradicional, é perceber a atividade (*energeia*) do poder, não sua máscara deífica. Por outro lado, o Sol no Brasão Imperial de Maioral é o Sol no Submundo, cuja fórmula mágica é àquela dos heróis *glorificados no inferno*. O São Miguel aqui é, portanto, o Herói que, glorificado no inferno, tem o poder de comando sobre os demônios do Submundo, um santo ctoniano, como São Cipriano, o Herói da goécia como tradição viva e cuja espinha dorsal de seus grimórios são as orações de exorcismo. Como vimos no texto *A Teologia Noturna da Goécia*, a cosmogonia tradicional da goécia no Mundo Antigo e que se manteve preservada no sistema do GRIMORIUM VERUM, é noturna, sublunar. No pensamento tradicional do Mundo Antigo, a esfera sublunar envolvia a totalidade de todos os processos cíclicos da Natureza; o Sol e a Lua eram as Ilhas de Hades e de Perséfone: Hades como o Sol do Submundo no fundo e Perséfone como a Lua no topo do firmamento. É somente dentro desta cosmogonia noturna, i.e. lunar do pensamento tradicional antigo, que faz sentido a *Trindade Maioral*.

disso, Èşú é vitalidade e vigor, virtudes sempre representadas na forma de um falo erecto, um bastão ou tacape; portanto, Èşú é a inteligência espiritual da força ativa e dinâmica do Cosmos, associado à multiplicidade, porque está em toda parte e vai a todo lugar. Assim como o Hermes-Thoth greco-egípcio, Èşú é o Senhor do Bastão, àquele que carrega a Dupla Baqueta de Poder que atravessa o espaço e o tempo com rapidez.

Fontenelle faz uma associação direta entre as virtudes de Èşú *òrìşà* e a ideia de *luz astral* ou *agente mágico universal* de Eliphaz Levi: *Sendo Exu o dono principal das ruas e encruzilhadas, é a ele quem primeiro devemos salvar, pois é somente com sua licença que podemos dirigir um trabalho de Magia, pelo fato de ser ainda ele, o elemento mágico universal.*<sup>[54]</sup>

Mas o Èşú *yorùbá*, no entanto, ainda é agregado a outra força. Por conta de suas virtudes acima descritas, ele foi associado ao Diabo, por sua vez associado ao acaso, à sorte e à escolha e por isso à trapaça, um poder muito próximo a Deus, mas com apetites humanos, guardião das encruzilhadas, manipulador do fogo mercurial etc. Esse Diabo possui muita ressonância com Èşú sim, mas sua característica cristã de genitor do mal no Mundo não possui ressonância alguma. Mesmo assim, esse Èşú-Diabo, associado ao mal e aos poderes demoníacos, foi o protótipo do Exu da Macumba e, posteriormente, do Exu da Quimbanda: tanto alma quanto diabo.<sup>[55]</sup>

A Quimbanda, como é apresentada nessas primeiras décadas, entretanto, adota o conceito de multiplicidade de Exu herdado da África, o reinterpreta em chave kardecista, e o veste com a iconografia europeia associada aos diabos e feiticeiros. Ao mesmo tempo, a partir da obra seminal *Exu* de Aluizio Fontenelle, se introduz uma visão diabólica desses espíritos, que são identificados por este autor com os demônios do tratado mágico de origem francesa intitulado *GRIMORIUM VERUM*. As duas interpretações, a kardecista que vê os exus como alma de

mortos, e a de Fontenelle, passam a ser adotadas a partir daí, separadas ou em conjunto, e sem que, muitas vezes, os praticantes que adotam ambas se preocupem com harmonizações conceituais entre elas.<sup>[56]</sup>

Então na obra *Exu* de Aluizio Fontenelle aparece pela primeira vez à aglutinação da força marcial do Ògún *yorùbá*, da força solar do São Miguel exorcista do catolicismo popular, e da força mercurial do Exu-Diabo da Macumba, e dessa miscigenação nasceu *assinatura espiritual* que chamamos de *Mistério Sem Nome* no Brasão Imperial de Maioral e que comanda todos os Gangas da Quimbanda.

Essa tem sido uma ideia difícil de transmitir. Maioral não é Ògún ou Mesmo São Miguel, mas o *Mistério Sem Nome* que miscigena suas potências associadas ao dinamismo e multiplicidade de Exu. E dessa miscigenação também nasceu o Ògún de Quimbanda, que é um Exu-Ògún, i.e. um Exu *fundamentado* na força de Ògún *òrìşà*, como Ògún Xoroquê, guardião das tronqueiras; Ògún Megê, guardião dos cemitérios; Ògún Malê, guardião das matas e clareiras; Ògún Retranca do Mar, guardião das praias; Ògún Naruin, guardião das encruzilhadas etc.

A função do Ògún de Quimbanda é *fiscalizar* a Banda, a atuação dos Exus e Pombagiras nos seus respectivos reinos ou pontos de força, tratando-se de uma herança integral da poderosa influência de Ògún na Quimbanda.

Eliphaz Levi associa o *anjo radiante que reprime e contém o dragão embaixo do seu pé e da sua lança*, i.e. o São Miguel solar na capa do livro de Aluizio Fontenelle, a vontade soberana do mago.

A vontade soberana é representada nos nossos símbolos pela mulher que esmaga a cabeça da serpente, e pelo anjo radiante que reprime e contém o dragão embaixo do seu pé e da sua lança.<sup>[57]</sup>

Isso é interessante de muitas maneiras, porque todo império da vontade, seja no Cosmos ou no homem, tem como símbolo

[54] Aluizio Fontenelle. *Exu*. Editora Espiritualista, 1954, pp. 90.

[55] Por influência do kardecismo, o Èşú *òrìşà* tornou-se Exu alma de morto; por outro lado, o Èşú demonizado no Séc. XVIII pelos missionários cristãos na África, posteriormente com Aluizio Fontenelle tornou-se definitivamente o Exu-Diabo no imaginário brasileiro.

[56] Humberto Maggi. *O Diabo*. Clube de Autores, 2022, pp. 194.

[57] Eliphaz Levi. *DOGMA E RITUAL DE ALTA MAGIA*. Madras, 2019, pp. 66.

o poder radiante do Sol. Esse poder, essa vontade no homem, é o agente fundamental pelo qual o mago manipula a *luz astral*: *Dissemos que para adquirir o poder mágico são necessárias duas coisas: desembaraçar a vontade de toda servidão e exercê-la à dominação.*<sup>[58]</sup> Por outro lado, ao descrever o Brasão Imperial, Aluízio Fontenelle diz que o *poder absoluto* é dirigido pelas forças de Marte (vontade) e Mercúrio (imaginação). O entendimento do uso dessas três correntes de força é fundamental a produção da tensão mágica que dará *movimento a luz astral*, o Corpo de Maioral. O *Caduceu de Mercúrio* no ventre de Baphomet também é associado ao poder da vontade do mago, representado pela baqueta, bastão, cajado mágico ou falo, que manipula as correntes da *luz astral*: o Sol comandando a força de Marte e Mercúrio. Esse é o fluxo do Caduceu.

Na plenitude de sua potência o caduceu ganha asas, símbolo de sua transcendência. Note que Eliphaz Levi é muito claro no significado e importância da soberania da vontade sobre os desejos e paixões animalescas – geralmente simbolizadas na região do baixo ventre no homem – para a manipulação das correntes de força da vontade (Marte) e imaginação (Mercúrio) no domínio da *luz astral*. É por isso que o *Caduceu de Mercúrio* está no baixo ventre de Baphomet, harmonizando como um eixo, uma espinha dorsal, as partes bestiais teriomorfos que o compõem. Eliphaz Levi conclui:

Declaremos aqui, sem rodeios, que o grande agente mágico, a dupla corrente de luz, o fogo vivo e astral da terra, foi figurado pela serpente de cabeça de touro, de bode ou de cão, nas antigas teogonias. É a dupla serpente do caduceu, é a antiga serpente do Gênesis; mas é também a serpente de zinco e Moisés, entrelaçada ao redor do tau, isto é, do *ligham* gerador; é também o bode o Sabbat e o Baphomet dos Templários; é o Hyle dos Gnósticos; é a dupla cauda da serpente que forma as pernas do galo solar Abraxas; é, enfim, o Diabo do Sr. Eudes de Mirville, e é realmente a força cega que as almas têm de vencer para libertar-se das cadeias da terra; porque, se a sua vontade as não separar desta imantação fatal, serão absorvidas na corrente pela força que as produziu, e voltarão ao fogo central e eterno.

[58] Ibidem.

Toda obra mágica consiste, pois, em desembaraçar-se dos anéis da antiga serpente, e depois pôr o pé na cabeça dela e guiá-la aonde se quiser. «Eu te darei – diz ela, no mito evangélico – todos os reinos da terra se te ajoelhares e me adorares». O iniciado deve responder-lhe: «Não me ajoelharei, e tu te arrastarás aos meus pés; nada me dará, mas servir-me-ei de ti e tomarei o que quiser: porque sou teu senhor e dominador!» Resposta que está compreendida, mas oculta, na que lhe fez o Salvador.

Já dissemos que o diabo não é uma pessoa. É uma força desviada, como, aliás, seu nome indica. Uma corrente ódica ou magnética, formada por uma cadeia de vontades perversas, constitui este mau espírito, que o evangelho chama legião e, que precipita os porcos ao mar: nova alegoria do arrastamento dos seres baixamente instintivos pelas forças cegas que pode por em movimento a má vontade e o erro.<sup>[59]</sup>

Aluízio Fontenelle após aglutinar todos esses símbolos no Brasão Imperial de Maioral – a miscigenação simbólica dos elementos marciais de culto a Ògún,<sup>[60]</sup> mercuriais de culto a Èşú<sup>[61]</sup> òrìşà e por extensão ao Exu-Diabo<sup>[62]</sup> da Quimbanda, e solares de

[59] Ibidem.

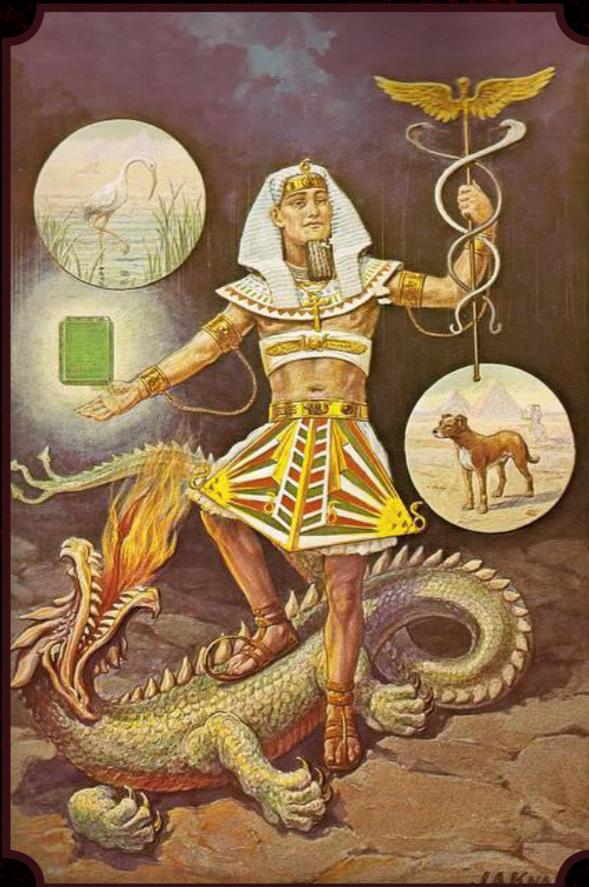
[60] De modo geral, Ògún teve um impacto profundo em vários cultos e tradições derivadas da diáspora, sendo associado aos poderes da magia para ataque e defesa, sob os símbolos vermelho e azul do fogo, a lança e a espada do ferro; a caça, o impulso de desenvolvimento, a guerra e o domínio. No imaginário brasileiro, Ògún é o arquétipo do *caçador primordial*. Daí, por extensão desde o início, devido à importância de Ògún e sua representação hierofônica, a Quimbanda herda essa virtude ancestral de guerra, caça, abate, domínio (força) e expansão do território, e isso está em sincronia, em certa medida, com a tradição fáustica-cipriânica europeia.

[61] No culto tradicional *yorùbá*, o Işésé Lågà, Èşú carrega a virtude mercurial da comunicação entre os planos material e espiritual. É Èşú o *agente de comunicação* que carregar as orações dos homens até Olúdumarè, o dono do Mundo. Èşú é amigo íntimo e confidente de Òrúnmilà, deidade *yorùbá* da sabedoria, e se encontra no centro de toda e qualquer encruzilhada, de onde ele observa todos os eventos em todos os lugares do Mundo. Èşú carrega o tacape da punição, com o qual ele castiga os homens, instigando-os a confusão na intenção de corrigir o caráter das pessoas. Algumas casas antigas de Candomblé interpretaram que, sendo Èşú esse espírito irascível e indomável, ele deveria comer primeiro na intenção de ser apaziguado e não trazer confusão para a *ordem do ritual*, deixando-o fora do ambiente do barracão.

Mas no Işésé Lågà não é assim. Tanto no Işésé quanto no Ifá, Èşú come primeiro porque ele está no limiar entre o mundo dos espíritos e o mundo dos homens e, portanto, compreende todas as situações da perspectiva espiritual e da perspectiva humana. Èşú é, assim, uma ponte, uma encruzilhada entre os reinos visível e invisível.

O Exu-Diabo e seu culto na Quimbanda concentram as virtudes destes dois *òrìşà*, Èşú e Ògún, fundidas em uma só entidade.

[62] Tanto Èşú quanto Ògún na África foram diabolizados antes de chegarem ao Brasil. Por conta de suas virtudes e características peculiares, para os cristãos missionários do Séc. XVIII eles eram



Hermes segurando o Caduceu de Mercúrio

São Miguel – ele associa todo o conjunto a força solar e insidiosa de Lúcifer Exu-Rei. Mas essa associação também vem inspirada em Eliphaz Levi, que conecta todos os símbolos da *luz astral* a irradiação solar de Lúcifer:

demônios e Êsú em especial, o Diabo, devido aos cornos e o falo ereto, assim como era retratado o Diabo do *Sabbath das Bruxas*. Mas não é sua associação com o princípio do Mal que o assemelha a Êsú; na Bíblia, o Diabo tentava os indivíduos por ordem do Deus todo poderoso; o Diabo levou Jó ao limite do desespero porque Deus permitiu (*Jó 2:7*); no deserto, o Diabo tentou Jesus porque Deus também permitiu (*Mateus 4:1*); quando o Diabo aplicava alguma punição, era por meio do julgamento de Deus (*Zacarias 3:1*). Então o Diabo exerce uma função no Cosmos. O Diabo conhece todos os segredos do Cosmos; o Diabo é capaz de curar, de amaldiçoar e punir; o Diabo pode dar todas as coisas que facilitam a vida na matéria; por isso ele é o Rei deste Mundo, o Senhor de todas as Bestas, o Espírito Selvagem da Natureza. Todas essas virtudes foram associadas a Exu e, sobre tudo, ao Chefe Império Maioral. A própria ideia de que Exu é uma função, assim como o Diabo o é, já foi interpretada de maneiras distintas por inúmeras vertentes de Umbanda. E isso está em acordo a uma passagem de Fontenelle, levando em conta toda essa miscigenação mágico-cultural que tratamos até aqui, onde ele coloca Maioral como uma função: *Ele [i.e. Maioral] trabalha com diversas falanges em cumprimento às determinações que lhe são impostas pelo divino criador*. Aluizio Fontenelle. Exu. Editora Espiritualista, 1954, pp. 105.

[...] A antiga serpente da lenda nada mais é do que o agente universal, é o fogo eterno da vida terrestre, é a Alma do Mundo, e o fogo vivo do inferno.

O grande agente mágico, a dupla corrente de luz, o fogo vivo e astral da terra.<sup>[63]</sup> [...] É o fogo eterno da vida terrestre; é a Alma do Mundo e a lareira viva do inferno. Dizemos que a Luz Astral é o receptáculo das formas. Evocadas pela razão, essas formas são produzidas em harmonia, evocadas pela loucura, tornam-se desordenadas e monstruosas.<sup>[64]</sup>

[...] O grande agente mágico se revela por quatro espécies de fenômenos, e foi classificado, pelas experiências das ciências profanas sob quatro nomes: calórico, luz, eletricidade, magnetismo.

Deram-lhe também os nomes de *Tetragrama, Inri, Azoth, Éter, Od, fluido magnético, Alma do Mundo, Serpente, Lúcifer*, etc.

O grande agente mágico é a quarta emanção da vida-princípio de que o Sol é a terceira forma (ver os iniciados da escola de Alexandria e o dogma de Hermes Trimegisto).<sup>[65]</sup>

De modo que o olho do mundo (como o chamavam os antigos) é a miragem do reflexo de Deus e a Alma do Mundo é um olhar permanente do Sol que a terra recebe e guarda por impregnação.

A lua concorre para esta impregnação da terra, repelindo para ela uma imagem solar durante a noite, de sorte que Hermes teve razão de dizer, falando do grande agente: «O Sol é seu pai, a Lua é sua mãe». Depois, acrescenta: «O vento o trouxe no seu ventre, porque a atmosfera é o recipiente e como que o cadinho dos raios solares, por meio dos quais se forma esta imagem viva do Sol que penetra a Terra inteira, vivifica-a, fecunda-a e determina tudo o que se produz na sua superfície, por seus eflúvios e suas correntes contínuas, análogas às do próprio sol».

Este agente solar é vivente por duas forças contrárias: uma força de atração e uma forma de projeção, o que faz Hermes dizer que ele sempre sobe e desce. [...] É por esta dupla força que tudo é criado e tudo subsiste.<sup>[66]</sup>

Como vimos anteriormente, Lúcifer toma preeminência na Quimbanda e o Braço Imperial de Maioral é onde Lúcifer mostra toda a sua supremacia como *agente mágico universal*.<sup>[67]</sup> Em seu livro *TRABALHOS PRÁ-*

[63] Eliphaz Levi. *DOGMA E RITUAL DE ALTA MAGIA*. Pensamento, 2017, pp. 132.

[64] *Ibidem*, pp. 147.

[65] Referência a Tábua de Esmeralda.

[66] Eliphaz Levi. *DOGMA E RITUAL DE ALTA MAGIA*. Madras, 2019, pp. 86.

[67] Aluizio Fontenelle. *UMBANDA ATRAVÉS DOS SÉCULOS*. Editora Espiritualista Ltda, 1952, pp. 246.



Ilustração em Antônio de Alva  
Trabalhos Práticos de Magia Negra, 1984

TICOS DE MAGIA NEGRA,<sup>[68]</sup> Antônio de Alva abre com uma prece a *Sêo Lúcifer*:

Senhor LUCIFER, Salve o SENHOR! Salve a VOSSA FORÇA! Salve o VOSSO PODER! Aqui estamos reunidos, por VÓS e para VÓS! Bem sabeis que não aceitamos, de modo algum, a existência de um DEUS e um DIABO! Não, de modo algum, não! Ao contrário - e nisto nos julgamos absolutamente certos - aceitamos um só e único DEUS, PODER SUPREMO e ABSOLUTO, com duas FACES, uma das quais SOIS VÓS! Eis porque, ao nos dirigirmos a VÓS, à VOSSA MAJESTADE, fazemo-lo como, na verdade, ao DEUS ou PODER SUPREMO, CRIADOR e SENHOR ABSOLUTO de tudo e de todos! Vemos, pois, em VÓS, tudo o que, de mais belo, maior e melhor, se poderá humanamente conceber e aceitar! E, justamente por isso, na certeza de que nos aceitareis e nos atendereis, pedimo-VOS, por QUEM SOIS, LUZ, FORÇA e PODER para, pelo mundo inteiro, espalhando o que temos e aceitamos como certo e verdadeiro a VOSSO respeito, algo de grande e positivo podermos fazer, divulgando os nossos pontos de vista, por intermédio desta nossa CRENÇA EM VÓS! Assim o desejamos! Assim será! Por VÓS e para VÓS!

[68] Pallas, 1984.

Lúcifer é Exu-Rei, a Unidade Absoluta de onde emana todo o poder da Quimbanda:

A Entidade Máxima, denomina-se «MAIORAL», tendo ainda outros denominativos, tais como: Lúcifer, Diabo, Satanaz, Capêta, Tinhoso, etc., etc., sendo que nas umbandas é mais conhecido como EXU-REI.<sup>[69]</sup> Sua Majestade «Lúcifer» ou Exu-Rei, é o dono e senhor das trevas. Considerado pela sua falange como o «ABSOLUTO», é quem domina o reino da terra. [...] Dotado de poderes infernais, intitula-se REI DOS ESPÍRITOS ou o SACTUM REGUM.<sup>[70]</sup>

Na Quimbanda, portanto, Exu-Rei representa a unidade transcendente de todos esses mitos e símbolos aglutinados sob a alcunha de Lúcifer. Na figura de Exu-Rei, representa a Unidade da Trindade Maioral: Lúcifer, Beelzebuth e Ashtaroth.<sup>[71]</sup> É por isso que se diz que se trata de um Exu primordial e, portanto, nunca se apresentando em terra, i.e. manifesto em incorporação.

Ele é o Sanctum Regnum, i.e. o Reino Divino da Quimbanda, sua totalidade. Os Reinos da Quimbanda derivam dele, que é a fonte ou o trono de onde surge, de onde começa, toda a Quimbanda. Por isso é dito que Maioral é a *primeira encruzilhada de fogo*, o princípio de tudo, o Absoluto. Na Quimbanda Lúcifer é Deus!

Mas este Lúcifer apresentado por Aluizio Fontenelle também é uma síntese. Nele podemos ver a interpretação corrente da Igreja, como o anjo belo caído, herança de O LIVRO DE ENOCH, aliada a síntese moderna de Eliphaz Levi, acrescido da identidade que recebeu no curso da tradição dos grimórios. Em seu estudo sobre o GRIMORIUM VERUM, Jake Stratton-Kent diz sobre o Lúcifer que ali aparece:

Palavra latina para *Portador da Luz*, um título para Vênus como *Estrela da Manhã*, que também parece ter sido aplicado ocasionalmente a Mercúrio, um deus das encruzilhadas.

[69] Aluizio Fontenelle. Exu. Editora Espiritualista Ltda, 1954, pp. 93.

[70] Ibidem, pp. 103-4.

[71] Também referida como *Trindade Infernal* porque Lúcifer, Beelzebuth e Ashtaroth equiparam-se no GRIMORIUM VERUM e *zeitgeist* da época, a uma trindade pagã do submundo, Lúcifer como uma figura de Hermes-Prometeu, mais Baal e Astarte. Veja o segundo volume de DAEMONIUM.

das com o papel de mensageiro. O fósforo grego tem a mesma interpretação, incluindo as associações astrológicas. Outra conexão é com Prometeu que trouxe o fogo para a humanidade, que também tem associações astronômicas de natureza semelhante.<sup>[72]</sup>

Como o *Portador da Luz*, na Quimbanda Lúcifer tem uma exaltada posição – como àquela que possuiu um dia nos Céus como o mais belo, exaltado e brilhante de todos os anjos, e como o Soberano do Inferno após sua queda – onde aparece na Quimbanda *como figura de altos conhecimentos, [...] prometendo-nos este mundo e o outro, exigindo tão somente que por nós, seja tratado por: Majestade.*<sup>[73]</sup> [...] *Tendo começado o exercício de sua missão [...] Exu-Rei, o Maioral dos Exus, [...] é invocado em trabalhos de «Alta Magia Astral», visto ser considerado como a entidade de maior poder e de maior capacidade no culto de Magia Negra.*<sup>[74]</sup>

Sendo a Quimbanda um sistema de aperfeiçoamento da arte de fazer magia, Lúcifer nos confere através da gnose com ele, o Maioral dos Infernos, o poder de fazer magia; a luz que ele nos confere é o conhecimento para manipular as suas correntes de força na *luz astral*, seu corpo luminoso. E isso está em acordo com a tradição dos anjos caídos que se tornaram demônios, dos quais Lúcifer tornou-se o Supremo Comandante no Inferno. Em O LIVRO DE ENOCH os anjos ensinavam a humanidade os saberes ocultos da magia, astrologia etc. Isso está em acordo também com a tradição cipriânico-fáustica da magia, onde o Diabo *pessoal* ensina conhecimentos ocultos ao mago que com ele pactua.<sup>[75]</sup> Na bruxaria tradicional, é o Diabo que confere acesso aos espíritos da Natureza e através deles, operar magia. Não é diferente na Quimbanda: é o Chefe Império Maioral que confere o acesso do *kimbanda* as hordas de Exus, porque todo Reinado vem dele.

[72] Jake Stratton-Kent. THE TRUE GRIMOIRE: ENCYCLOPAEDIA GOETICA. Scarlet Imprint, 2022, pp. 196.

[73] Aluizio Fontenelle. Exu. Editora Espiritualista Ltda, 1954, pp. 93.

[74] Ibidem, pp. 103-4.

[75] Veja os dois volumes do DAEMONIUM para aprofundar nesse tema.

Lúcifer na Quimbanda é uma potência andrógena. No ponto cantado de Maioral na Quimbanda Nàgô nós aprendemos: São três potências, são três forças, são três Matorais. *Saravá São Lúcifer, Ashtaroth e Beelzebuth.*<sup>[76]</sup> Em si mesmo, como um arquétipo andrógeno, Lúcifer encerra os poderes masculinos do Sol (Beelzebuth) e os poderes femininos da Lua (Ashtaroth). Trata-se, portanto, do equilíbrio perfeito entre as forças solares e lunares no Cosmos e no homem, possibilitando a *materialização* do Cosmos.<sup>[77]</sup> Uma deidade cognata seria Fanes, nome grego que significa *luz*, no sentido de fazer-se aparecer a criação ou o princípio celestial que pervade e une todo o Cosmos: a Terra (Gaia) ou mundo visível, e o Céu (Urano) ou mundo invisível, representando a missiva hermética tradicional de *acima e abaixo* no axioma de Hermes. O princípio luciférico de Fanes, neste caso, é a própria essência da gnose da força mágica em sua forma transcendente e que possibilita a *criação* ou *materialização* em todo e qualquer caso, i.e. poder de magia, domínio das correntes de força que possibilitam a realização da magia, a taumaturgia.

A Unidade transcendente de todo esse mistério está impressa no Brasão Imperial no símbolo do *Ouroboros*,<sup>[78]</sup> representando a Força Enteléquia<sup>[79]</sup> de Maioral.

O dragão *Ouroboros*, o um o todo – também identificado com a *Prima Matter* – no Brasão Imperial de Maioral, é um antigo selo hermético de clausura nos livros da *Arte Régia* e está ali demonstrando a força transcendente e a absoluta autossuficiência

[76] Ponto cantado de autoria de Táta Nganga Malembu Mikunga e Táta Nganga Kilumbu.

[77] O entendimento disso é muito importante na Quimbanda, porque ele está apresentado iconograficamente na imagem de Baphomet de Eliphas Levi. Como um equilíbrio perfeito de forças, Baphomet torna-se o ícone ou o símbolo da Grande Obra alquímica, i.e. o trabalho completo do iniciado.

[78] Tudo o que a Quimbanda representa, sua natureza e totalidade (abrangência), está harmoniosamente demonstrado no Brasão Imperial de Maioral. Ali estão todas as conexões hermético-alquímicas da Quimbanda.

[79] *Enteléquia* na filosofia aristotélica é a realização plena e completa de uma tendência, potencialidade ou finalidade natural, concluindo o processo transformativo de todo e qualquer ser animado ou inanimado do Cosmos. É o *ser em ato*, i.e. plenamente realizado, completamente iluminado, em oposição ao *ser em potência*. Em Aristóteles, enteléquia é o impulso natural de realização interno a qualquer ser, ou melhor, sua realização. É a força inata que a tudo faz passar de *potência* a ato.

de Maioral, a força única de coesão entre os Quatro Elementos e o domínio régio sobre eles, o todo que contém em si todas as potências de desenvolvimento e geração de todas as coisas, perpassa todas as coisas, está latente em todas as coisas e é a totalidade de tudo no todo.

Essa força basta a si mesma e também encerra a si mesma, contendo em si o poder (veneno) da dissolução e a capacidade de transformação. Ao mesmo tempo que é o princípio de domínio (macho), também é princípio dominado (fêmea), sendo, portanto, potência andrógena. É a *matéria dos sábios* ou a Pedra, porque encerra e contém em si tudo o que necessitamos para o trabalho mágico; é o ovo que contém em si todas as potências de desenvolvimento e geração de todas as coisas, a força que se desenvolve na multiplicidade caótica de todo o Mundo. É o tudo do todo. É a água divina cuja natureza é difícil de contemplar porque é indômita: cria, destrói e recria; copula, impregna-se e dá a vida. O Dragão Indomável do qual falou Eliphaz Levi.

O grande agente mágico, que denominamos luz astral, que outros chamam de Alma do Mundo, que os antigos alquimistas designavam sob os nomes de *Azoth* e *Magnésia*, esta força oculta, única e incontestável é a chave de todos os impérios, o segredo de todos os poderes; é o Dragão Volante da Idade Média [*ouroboros*], a serpente do mistério edênico; é o espelho universal das visões, o laço das simpatias, a fonte dos amores, da profecia e da glória. Saber apoderar-se deste agente é ser depositário do próprio poder de Deus; toda magia real, efetiva, todo o verdadeiro poder oculto. Está aí, e todos os livros da verdadeira ciência só têm o fim de o demonstrar.

Para apoderar-se do grande agente mágico, duas operações são necessárias: concentrar e projetar; em outros termos, fixar e mover. O autor de todas as coisas deu para base e garantia do movimento a fixidez; o mago deve agir da mesma forma.

Note como os dois pentagramas laterais, Marte e Mercúrio, formam com o Sol no topo do Brasão Imperial um triângulo ascendente, delineando essa influência mágica que chamamos de *Mistério Sem Nome*. Todo esse *Mistério Sem Nome*, por outro lado, é projetado para baixo a partir do triângulo salomônico de manifestação. O pentagrama in-

vertido no centro do Brasão reforça a ideia de descida ou materialização da força espiritual, o que efetivamente ocorre na ação dos Gangas da Quimbanda, representados pelas sete cruzeiras na parte de baixo do Brasão, as Sete Linhas de Quimbanda.

Fontenelle descreve o triângulo de manifestação como sendo o triângulo mágico de Salomão. Na magia salomônica, de onde vem o uso do triângulo da arte ou de manifestação, seu uso nunca é endereçado à comunicação com deuses ou anjos, mas com espíritos ctônicos, telúricos e aéreos, os demônios dos grimórios. Trata-se da área destinada à manifestação material do demônio. Seu uso como um símbolo no Brasão Imperial de Maioral reforça o significado de que o poder impessoal do *Mistério Sem Nome* representado nele é capaz de materializar, restringir e dirigir os demônios, as forças das trevas, e comandar a potência dinâmica do reino da geração. O pentagrama invertido, por outro lado, é um símbolo universal das forças elementais dominando a matéria e na magia negra da Quimbanda, o poder de materialização e realização da força espiritual de Maioral. Em conjunto, esses dois símbolos, o triângulo salomônico de manifestação e o pentagrama invertido demonstram que toda a força espiritual ali descrita é material ou, em outras palavras, tem pleno poder sobre tudo o que envolve o reino da geração.

## SEÇÃO . I V .

### A DEMONOLOGIA DO GRIMORIUM VERUM<sup>[80]</sup>

Em todos os países e em todos os tempos, encontra-se comumente disseminada a crença em seres sobrenaturais, de uma classe inferior à dos deuses, que interveem diretamente no curso das coisas e especialmente nos assuntos humanos, seres benfezejos, maléficos ou indiferentes, com quem o homem procura se conciliar mediante práticas religiosas ou mágicas; é o povo inumerável e temível dos espíritos, demônios, anjos e gênios de toda espécie, invisíveis, ativos e obsessores.<sup>[81]</sup>

[80] Em conexão com esta seção, veja o artigo *As Origens da Demologia de Aluizio Fontenelle*, nesta edição.

[81] Jean Beaujeu. OPULÉE. OPUSCULES PHILOSOPHIQUES – DU DIEU DE SOCRATE, PLATON ET SA DOCTRINE, DU MONDE. Citado em Luiz

A transcendência radical da divindade suprema e a distância intransponível entre os deuses e os humanos, como postulado pelos peripatéticos, alimentou a ânsia dos platonistas de reconciliar o homem com o divino. [...] A demonologia forneceu uma solução. Postulou uma hierarquia divina na qual a agência prometeica dos demônios garante toda interação entre homens e divindade. Ao atribuir multiplicidade e mobilidade a esses seres intermediários, a demonologia ajudou a preservar o politeísmo tradicional e, ao mesmo tempo, a unidade, o afastamento e a serenidade do reino divino.<sup>[82]</sup>

Na Quimbanda, carinhosamente chamamos os Gangas de *diabos*. Tem um ponto cantado de Exu dos Rios que começa assim:

Fui num riacho pra colher tabatinga  
E pegar okutá pra assentar meu diabo...<sup>[83]</sup>

Esse apelido carinho de diabo dados aos Gangas da Quimbanda é uma herança<sup>[84]</sup> do GRIMORIUM VERUM, que começa assim:

Aqui começa o *Sanctum Regum*, chamado o rei dos Espíritos, ou as Clavículas de Sa-

Karol. De Deo Socrates: A Demonologia no contexto do Império Greco-Romano. Tese de doutorado no Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas. UFRJ, 2016, pp. 65.

[82] Jean Beaujeu. APULÉE. OPUSCULES PHILOSOPHIQUES – DU DIEU DE SOCRATE, PLATON ET SA DOCTRINE, DU MONDE. Citado em Luiz Karol. De Deo Socrates: A Demonologia no contexto do Império Greco-Romano. Tese de doutorado no Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas. UFRJ, 2016, pp. 29.

[83] Ponto de autoria de Táta Nganga Malembu Mikunga, família Danjilesunbu.

[84] A alcunha de diabo é usada para se referir a demônios diversos desde o período colonial. *O carpuchinho Yves d'Evreux foi outro europeu pródigo em alusões aos feiticeiros tupis, com os quais os diabos mantinham comunicação constante com os índios [...] por intermédio de demônios familiares.* Laura de Mello e Souza. INFERNO ATLÂNTICO: DEMONOLOGIA & COLONIZAÇÃO SÉCULOS XVI-XVIII. Companhia das Letras, 1993, pp. 28. Como tenho demonstrado desde o segundo volume do DAEMONIUM, a *incursão diabólica* do Diabo e sua corte demoníaca ocorreu nos dois momentos do Culto de Exu no Brasil. No primeiro momento (período colonial), ouve uma disputa entre as forças do bem e do mal pelo Brasil e que, segundo os etnodemonólogos quinhentistas e seiscentistas da época, foi personificada na própria identidade brasileira. Era comum ver os espíritos reverenciados pelos aborígenes como *diabos*, como nas peças de teatro compostas por José de Anchieta (1537-1597), onde o Diabo e os demônios são associados diretamente a cultura ameríndia. É interessante que o Novo Mundo criou um impacto profundo no imaginário Europeu, então faz sentido que um dos três Chefes Maiores do GRIMORIUM VERUM, Ashtaroth, esteja associado diretamente às Américas, porque no imaginário europeu, o Diabo e suas legiões de demônios fugiu para o Novo Mundo, onde o poder da Cruz de Jesus ainda não era tão insidioso sobre a terra, tanto que, pelos conluios ardilosos do Diabo, mudou-se o nome da terra de *Terra de Santa Cruz* para Brasil. Para o tema dos dois momentos do Culto de Exu no Brasil, veja o segundo volume do DAEMONIUM.



lomão, mui sábio Nigromante, ou Rabino, hebreu. Na primeira parte estão contidas diversas disposições de caracteres, pelos quais são invocadas as Potências, os Espíritos, ou melhor dizendo, os Diabos, para os fazer vir quando vos agradar, cada um de acordo com sua potência, e para lhes constringer a fazer tudo que tu lhes ordenar, e sem jamais se aquietar por qualquer coisa, desde que eles estejam satisfeitos com sua parte, porque esse tipo de criatura não faz nada por nada.<sup>[85]</sup>

Os espíritos do GRIMORIUM VERUM são o que denominamos em nossa cultura ocidental de *demônios*. Tradicional, por definição, este livro [i.e. o Verum] pertence à magia negra, na medida em que ele ensina ao operador a conjurar aqueles que ele admite serem demônios.<sup>[86]</sup> Como vimos nas edições anteriores, a palavra demônio evoluiu com o tempo. Ela aparece primeiro na ILÍADA e na ODISSEIA de Homero (928-898 a.C.) como referência aos próprios deuses do Olimpo. Em Hesíodo (c. 750-650 a.C.) os demônios aparecem como a alma dos homens que haviam vivido na era dourada da humanidade, responsáveis por distribuir as riquezas pelo mundo. O demônio como distribuidor de coisas boas ou ruins está em acordo com a origem eti-

[85] GRIMORIUM VERUM, 1817. Tradução em Humberto Maggi. Thesaurus Magicus, Vol. I. Clube de Autores, 2010, pp. 438.

[86] Idries Shah. A TRADIÇÃO SECRETA DA MAGIA. Bertrand Brasil, 1998, pp. 96.

mológica da palavra. Nesse contexto, Zeus seria o *grande demônio*, por distribuir todas as coisas boas, mas também ruins, a humanidade. O interessante é que em Hesíodo os demônios passam a ser criaturas espirituais intermediárias entre os homens e os deuses, além de terem a conotação de almas de mortos. Platão reforça a ideia dos demônios como criaturas espirituais intermediárias e distribuidoras de riquezas, destacando Eros como o *grande demônio*. No fim da Antiguidade a palavra demônio já era utilizada como sinônimo para uma variedade de espíritos, indicando qualquer agência espiritual, não importando a diferença. Mortos, criaturas da natureza e deuses, todos eram chamados de demônios. Herdando concepções de Plotino (204-270 d.C.), Jámblico destaca o valor do *demônio pessoal*, ideia fundamental por trás do conceito medieval e moderno de *Sagrado Anjo Guardião*. É a partir da SEPTUAGINTA que os termos demônio e anjo começam a ter o significado que hoje conhecemos e usamos. E é somente na SEPTUAGINTA, i.e. o VELHO TESTAMENTO traduzido para o grego *koiné*<sup>[87]</sup> no Séc. III d.C. pela primeira vez, que a palavra demônio aparece de forma pejorativa, designando todos os deuses e espíritos menores adorados por outras nações, culturas e folclore, e essa é a raiz da demonologia estabelecida no GRIMORIUM VERUM.

A partir da *demonologia* que se construiu na SEPTUAGINTA e derivada dela, a demonologia do Novo Testamento e dos primeiros padres da Igreja, o Ocidente desde o fim da Antiguidade criou uma demonologia particular, modelada a partir de tradições bíblicas e conjugada com elementos retirados das religiões pagãs da Europa e, a partir do Séc. XV, das Américas também. Segue um resumo de contextualização:

A Igreja fabricou o mito<sup>[88]</sup> dos anjos *neutros* (i.e. nem bons e nem maus), que apare-

[87] Aportuguesando, *coiné*. Significa comum. Era a língua comum falada e escrita entre os gregos do Mediterrâneo oriental nos períodos helenístico e romano. Foi o resultado da fusão de diversos falares gregos entre os Sécs. I e V a.C., tendo como base o dialeto ático.

[88] O imaginário do homem ocidental foi construído sobre os mitos criados na tradição bíblica, desde o *Livro do Gênesis* até o *Livro do Apocalipse*, assim como sobre os mitos clássicos gregos. Para uma investigação incrível veja Northrop Frye e Jay Macpher-

cem na recessão mítica contada no *Livro do Gênesis*. Considerando as sugestões de São Justino (114-165 d.C.), alguns apologistas gregos repetiram a fábula que afirmava que os gigantes (*nephilim*) ou demônios nasceram do congresso sexual entre os anjos caídos e as filhas dos homens. Estes demônios habitavam entre os homens, afastando-os da presença de Deus, além de serem a fonte que espalhou o conhecimento da magia, da idolatria e do vício no mundo. São Ireneu (130-202 d.C.) e Tertuliano (155-220 d.C.) foram profundamente inspirados por essa tradição, e Lactânio (260-325 d.C.) depois deles disse que dos anjos caídos nasceram os *demônios celestiais* e deles, os *demônios terrenos*, sendo estes os espíritos impuros (i.e. malignos) que vagam pela terra. Então Santo Agostinho (354-430 d.C.) fornece um último detalhe importante desse desenvolvimento demonológico cristão: os deuses das nações são demônios ainda mais impuros, e que desejam ser pensados como deuses, aproveitando-se dos nomes de antigas almas e de aparência de criaturas grotescas. Essa demonologia construída no fim da Antiguidade forneceu o combustível para demonologia que se estabeleceu na Idade Média.

E os espíritos menores dos locais de poder e outras criaturas encantadas da natureza, conhecidos na Antiguidade como faunos, sátiros etc. e na Idade Média como íncubos, súcubos, elementais, duendes, gnomos, fadas etc.? Martianus Capella (360-428 d.C.) combina Lactânio e Santo Agostinho para concluir no Séc. V d.C. que:

Os locais [de poder] inacessíveis ao homem [comum, católico piedoso] são habitados por uma legião de *antigas criaturas* que assombrom os bosques, clareiras, lagos, nascentes, riachos e cavernas, cujos nomes são Pã, Fauno, Sátiro, Ninfa, Fadas ou mesmo Fantasmas.<sup>[89]</sup>

O bispo Martinho de Braga (520-579 d.C.) menciona os anjos que caíram do céu junto com Lúcifer:

son. A BÍBLIA E OS MITOS CLÁSSICOS: A ESTRUTURA MITOLÓGICA DA CULTURA OCIDENTAL. Sétimo Selo, 2023.

[89] Citado em Claude Lecouteux. DEMONS AND SPIRITS OF THE LAND. Inner Traditions, 2015, pp. 25.

Muitos são aqueles que permanecem no mar, nos rios, nas nascentes ou nas florestas; a adoração popular [folclórica] deles como deuses é reverenciada com sacrifícios. No mar eles invocam Netuno; nos rios, as Lârnias; nas primaveras, as Ninfas; nas florestas, Diana; que não são nada além de demônios e espíritos malignos que oprimem a fé do homem que não sabe ou não pode se defender com o sinal da cruz.<sup>[90]</sup>

Hugo de Pisa (1115-1182 d.C.) baseando-se em Martinho de Braga diz:

Muitos dos demônios expulsos do céu vivem no mar, nos rios, nas nascentes ou nas florestas; os ignorantes os chamam de quase deuses e lhes oferecem sacrifícios. No mar, eles são chamados de Netuno, Lârnia nos rios, Ninfas nas fontes e Diana nas florestas.<sup>[91]</sup>

Entre os Sécs. VI e XII d.C. essa demonologia cristã foi completamente desenvolvida ao ponto de oferecer uma explicação canônica pela Igreja. Um grupo pequeno de anjos não participou da luta que enfrentou Deus contra Lúcifer. Como o pecado deles era menor do que o dos anjos rebeldes, Deus os lançou na terra e não no inferno. Esse mito aparece na história irlandesa da *Viagem de São Brandão*, aparecendo posteriormente nos contos populares nas regiões germânicas em seguida no Parzival de Wolfram von Eschenbach (1170-1220 d.C.). O novo mito se espalhou até aparecer nos registros do papa inquisidor Jacques Fournier (Bento XII – 1285-1342 d.C.).

E o que aconteceu com esses anjos que foram lançados na terra? Eles se tornaram os espíritos que habitam os locais de poder na natureza selvagem e virgem.<sup>[92]</sup> Assim é estabelecida nessa demonologia uma conexão direta entre os anjos caídos e os diversos espíritos da natureza e deuses de inúmeras culturas e folclores: todos demônios.

[90] *Ibidem*, pp. 26.

[91] *Ibidem*.

[92] Nos relatos dos etnodemonólogos quinhentistas e seiscentistas é possível ver essa associação direta entre o Diabo, os demônios e a natureza selvagem do Brasil, quando personificavam inúmeros impedimentos, cascatas e tempestades por exemplo, como obstáculos oferecidos pelo próprio Diabo contra a expansão do poder da Cruz de Cristo. Veja Laura de Mello e Souza. *INFERNO ATLÂNTICO: DEMONOLOGIA & COLONIZAÇÃO SÉCULOS XVI-XVIII*. Companhia das Letras, 1993.

Geraldo de Gales (1146-1223) coletou um relato interessante e o disponibilizou em sua *JORNADA PELO PAÍS DE GALES* no Séc. XII:

Um dia um estranho se aproximou do bispo de Dácia e lhe disse: «Antes de Jesus Cristo nascer na carne», disse ele, «mas quando ele veio, esse poder foi muito diminuído. Eles [os demônios] estavam dispersos, alguns aqui, outros lá, porque fugiram da presença dele. Alguns se arremessaram para o mar. Outros se esconderam em árvores ocas e nas rachaduras das rochas.»<sup>[93]</sup>

Walter Map (1130-1210 d.C.) acrescenta que os anjos rebeldes foram lançados na terra às vezes em vastos desertos, e às vezes em lugares habitados, dependendo de seu pecado.<sup>[94]</sup> Enganados pela astúcia do Diabo, nossos ancestrais pensaram que estes demônios eram semideuses e com base onde habitavam, eram chamados de *Criaturas dos Montes, Silfos e Sílfides, Dríades, Oréadas, Faunos, Sátiros e Náíades*.<sup>[95]</sup> Os nomes aqui delineados são àqueles que figuravam na cultura folclórica e cultos populares. E em um texto do Séc. XIII, chamado de *MAGNIFICAT*, nomeia os demônios com base em sua habitação:

Deus lançou os demônios na terra. Eles estão em toda parte. Nas águas e nas montanhas habitam o *Nicker* e os anões, nas florestas e pântanos Deus também colocou os pequenos peludos; Estes são os elfos, os *Thurses* e os *Wichte*, que não valem nada.<sup>[96]</sup>

Aqui *nicker* é sinônimo de sereia; os *thurses* são gigantes e *wichte* é um termo genérico utilizado para se referir aqueles cujos nomes não se deseja falar, por trazerem mau augúrio. Estes correspondem aos nomes latinos de *Lamia, Neptunos, gigas, spiritus* etc. e como tais, são espíritos das tradições populares, os seres da mitologia e folclore.

Em uma das melhores contribuições para o estudo da demonologia, o professor David Frankfurter em sua obra, *EVIL INCARNATE: RUMORS OF DEMONIC CONSPIRACY AND*

[93] Citado em Claude Lecouteux. *DEMONS AND SPIRITS OF THE LAND*. Inner Traditions, 2015, pp. 27.

[94] *Ibidem*.

[95] *Ibidem*.

[96] *Ibidem*.

SATANIC ABUSE IN HISTORY, levantando a indagação de *por que o demoníaco, associado ao marginal, o liminar, o caótico, o prometeico, o não estruturado parece interculturalmente como um reino tão rigidamente organizado?*<sup>[97]</sup> descreve como a demonologia se organizou nos diversos períodos da história religiosa do homem, a partir das instituições já estabelecidas, sobre todos os espíritos da cultura e do folclore, contrastando com a realidade dos cultos familiares e populares. Ele diz:

Um paradoxo intrigante: [enquanto] as hierarquias [de demônios] precisas que as instituições religiosas constroem, com suas fileiras, títulos e armamentos, que consistem em seres meio animais e perversos empenhados em causar estragos no mundo, [por outro lado] nas paisagens locais onde as pessoas realmente se emaranham com demônios, nas quais se acredita que os demônios representam ameaças concretas à saúde e ao bem-estar social, na verdade há pouca ou nenhuma organização ou sistema para essas crenças. Mesmo que os demônios – seres sobrenaturais malignos – sejam uma parte bastante real da experiência local, a compreensão de como eles operam tanto no universo imediato quanto no mais amplo dos seres permanece fluida e não sistematizada. Além disso, os demônios no ambiente local não são maus em um sentido uniforme, polarizados contra um reino de espíritos benéficos, a maneira que as culturas cristãs estão acostumadas a definir o «demoníaco». Em vez disso, eles compreendem um reino diversificado de fantasmas, bruxas noturnas, divindades menores caprichosas, deidades maiores ambíguas na forma de locais ou eventos, e espíritos facilmente irritados da paisagem [i.e. o bioma em que existem]. E como na religião local moderna, assim nos mundos das aldeias da antiguidade: o «demoníaco» é menos uma categoria de ser sobrenatural do que uma reflexão coletiva sobre ocorrências infelizes, sobre a ambivalência das divindades, sobre as tensões em torno dos papéis sociais e sexuais e sobre os perigos culturais que surgem de pessoas, lugares e atividades liminares ou incompreensíveis.

De fato, a forma mais básica que uma noção flexível de «demonologia» é sistematizada para se tornar uma «demonologia» estabelecida está no mapeamento informal ou tradicional do infortúnio no meio ambiente. Um grupo de aldeões concorda depois de muito debate que a morte de cinco vacas deve ser atribuída ao seu pastoreio por uma determinada árvore onde um determinado espí-

rito é conhecido por habitar; a raiva desse espírito deve ter sido acesa recentemente – ou há muito tempo? É a natureza habitual do espírito, ou é a negligência do pastor em não propiciar o espírito? A paisagem local – com seus pontos de mistério (penhascos), perigo (lagoas), extensão (campos), sigilo (cavernas) e associações antigas (pedregulhos antropomórficos) – torna-se assim uma topografia de catástrofe, à medida que o lugar e a passagem se correlacionam ao infortúnio através das histórias dos demônios locais. Consequentemente, evitar o infortúnio é expresso através da evitação consciente ou atenção ritual a lugares da paisagem.

Os animais também servem a um propósito de conceituar o poder demoníaco. Em religiões antigas, particularmente, a fauna é a própria imagem dos poderes demoníacos e, portanto, serve como um meio adicional para as culturas mapearem seu senso de poderes malignos. Os ritos de proteção pública na Grécia antiga envolviam a repelência de leões, lobos, ursos e insetos e, no antigo Egito, antílopes, escorpiões e serpentes – como manifestações de poder cósmico, em vez de simples pragas ou vida selvagem, enquanto até mesmo ritos privados de proteção podem jurar demônios exclusivamente como «lobos» ou «cães». Cabras e chacais representavam poderes demoníacos no antigo Israel e certos gatos «briticária» para os Azande. O demoníaco é frequentemente imaginado não apenas em termos de animais, mas também como tendo uma afiliação intrínseca com o mundo animal, muitas vezes manifestada nas aparências polimórficas atribuídas a demônios: combinações monstruosas de mulher e cavalo, pernas e bunda e corpo humano, cabeça de lobo e tronco de homem. Enquanto apresentam uma imagem horrível do monstruoso – o marginal, o inclassificável, o perverso – esses demônios são ao mesmo tempo fixos e localizados por referência a animais específicos e, portanto, organizados no mundo compreensível.

Os demônios também ganham personagens específicos por estarem ligados ao clima, às estrelas, a pecados e impurezas (como luxúria ou menstruação), a partes do corpo e a doenças específicas. Mas em vez de personificar os infortúnios dos demônios nesses domínios, pode-se dizer que o infortúnio em si é classificado e (portanto) controlado por referência a estes sistemas culturais de classificação: o corpo, códigos morais, características observáveis do ambiente. Através de um contexto eternamente flutuante de cultos tradicionais, discussão pública e apelo às autoridades locais, o infortúnio e o perigo não se tornam mais ambíguos e caóticos, mas localizados, como um sistema rudimentar de demônios que podem ser identificados, discutidos e ritualmente evitados. Parafraseando Claude Lévi-Strauss, animais, corpos e paisagens são bons para

[97] David Frankfurter. EVIL INCARNATE: RUMORS OF DEMONIC CONSPIRACY AND SATANIC ABUSE IN HISTORY. Princeton and Oxford, 2006, pp. 13.

se pensar quando uma comunidade é confrontada com coisas que acontecem. Mas toda essa sistematização rudimentar de demônios pertence ao domínio oral e interativo da discussão popular, da lenda e da recomendação (ou composição) de feitiços de proteção. É na conversa que se identifica um demônio, a inferência de sua história e tendências, propondo uma resolução para suas aflições. A crença demoníaca neste caso é específica do contexto – para uma certa aflição, para um certo grupo de participantes da conversa – e é *ad hoc*. Não é relevante nem concebível contemplar toda a gama de espíritos potencialmente malignos ou integrá-los à teologia formal da instituição religiosa dominante. Demonologias desse tipo, envolvem a coleta, classificação e integração de demônios fora de seus contextos sociais imediatos, e surge em função da centralização religiosa: às vezes nos ensinamentos orais dos profetas, preservados ao longo do tempo em fórmulas e poesia, mas mais frequentemente em função da própria escrita. Em ambos os casos, o estágio essencial para tirar demônios de seu particular ambiente e discussão oral para um sistema especulativo envolvem algum tipo de lista [classificação].<sup>[98]</sup>

A *demonologia* no contexto da Antiguidade clássica e tardia é o estudo da natureza dos demônios como espíritos intermediários, tutelares, deidades urânicas ou ctônicas, espíritos dos mortos, *genii loci* etc. O termo *demonologia* no contexto da cristandade designa o estudo acerca dos demônios, a forma cristã, corrupta e pejorativa do termo grego original, associado a toda e qualquer criatura espiritual greco-romana e como vimos, acima de tudo os associando a anjos caídos. É por causa da demonologia cristã que o imaginário cultural ocidental conecta a iconografia dos demônios (com pés de bode e chifres a partir de uma resignificação do sátiro greco-romano para o Diabo/Satanás adversário medieval). Em uma das melhores ontologias organizadas sobre a *demonologia*, encontramos a seguinte categorização:

A etimologia de *demonologia* é bastante direta, embora se complique rapidamente. É uma combinação de *daimon* com a raiz grega de *logos*, que significa, entre muitas outras coisas, argumento, conta, definição e assim por diante. Assim, a *demonologia* simplesmente promove um relatório ou substancia argumentos sobre os demônios. Em outras

[98] Ibidem, pp. 13-5.

palavras, é o campo de estudo ou investigação sobre a natureza, objetivos, caráter e assim por diante do demoníaco. Dada a facilidade de definir a *demonologia*, leva à parte complicada: ela depende da noção de um «demônio». Então, como caracterizar ou definir um demônio se torna a tarefa em mãos. Na entrada do OXFORD ENGLISH DICTIONARY para «demônio», encontramos várias definições distintas, as mais relevantes das quais são as seguintes:  
«Um espírito maligno».  
«Uma pessoa ou animal cruel, perverso ou destrutivo; especialmente uma emoção ou atividade destrutiva».  
«A fonte ou a causa de um mal ou um grande sofrimento».  
«Um espírito associado a uma pessoa em particular; um espírito atendente».  
«Especialmente em contextos não cristãos: qualquer espírito ou ser sobrenatural».  
Tem as seguintes subdefinições:  
«Um espírito maligno ou ser sobrenatural maligno; um diabo».  
«Um ídolo, um -falso deus».  
«Um espírito maligno que possui uma pessoa, animal etc.».

É também no sentido de (2) que o álcool ou as drogas são frequentemente referidos como «demônio». Da mesma forma, muitas referências a uma doença mental ou física no sentido de (3). Então, enquanto (1) a (3) captam a visão tradicional (frequentemente ocidental) dos «demônios» como puramente negativos e maus, os sentidos (4) e (5) não têm tais conotações malignas. De fato, navegar entre esses dois polos nos valores dos demônios – ou seja, negativo ou neutro – desempenha um papel na história do termo e sua base conceitual.

Etimologicamente falando, o [termo] demônio [*demon*] em inglês deriva do *daimon* grego e do *daemon* latino. Tendo sua raiz no grego dividir, o *daimon* grego tem uma longa história no pensamento e na literatura gregas. Assim, o sentido grego original de *daimon* conota, em vez de um ser maligno, uma classe de «seres espirituais que não são obviamente deuses». No entanto, essas noções vagas de *daimon/daemon* seguiram uma trilha neutra em valor: um ser sobrenatural quase-deus, semideus ou subdeus que não conota valor positivo ou negativo intrínseco. Para obter o sentido intrinsecamente negativo do demônio expresso nos sentidos (1) a (3) listados anteriormente, precisamos considerar como o [termo] demônio é adotado, integrado e utilizado dentro de certas tradições religiosas – mais notavelmente a tradição teísta ocidental. Dada a neutralidade do demoníaco expressa nas definições (4) e (5) anteriores, podemos estender nosso olhar sobre os demônios além da abordagem teísta ocidental tradicional, tomando um demônio como exclusivamente negativo, como visto nas definições (1) a (3). Consequentemente, devemos

fazer uma distinção entre a tradição teísta ocidental e outras. [...] Parece haver uma devoção religiosa precoce generalizada a «seres invisíveis que controlam ou afetam fortemente as condições da vida humana [...]». Parece ser um traço essencial da humanidade pensar em suas próprias interações com o mundo físico em termos antropomórficos, considerando forças e até objetos como se tivessem personalidades». Tais seres comumente mantêm «proteção ou habitam lugares, corpos de água ou vegetação». Eles são, portanto, candidatos plausíveis em tais culturas para «a conceituação antropomórfica de forças naturais discretas e invisíveis que são perceptíveis principalmente através de seus efeitos, como vento ou doenças específicas». E, dada a identificação de demônios (força personalizada) com tais fenômenos naturais, «as tentações de controlar ou aplacar essas forças invisíveis assumem a forma de exorcismo, trapaça (por exemplo, substituindo efígies ou potenciais vítimas humanas) ou adoração».<sup>[99]</sup>

Comentando sobre a natureza de seus espíritos, o GRIMORIUM VERUM sumariza assim: *Na primeira parte [deste grimório] são ensinados os meios para convocar os espíritos elementais do Ar, Terra, Mar e Inferno, de acordo com as correspondências corretas.*<sup>[100]</sup> E Jake Stratton-Kent completa:

À primeira vista, os espíritos do GRIMORIUM VERUM são simplesmente maus, de natureza infernal e cumprindo o estereótipo das ideias cristãs sobre pactos e ações pecaminosas. [...] Há também indicações no texto de que VERUM considera os espíritos aproximados dos elementais descritos por Paracelso. A natureza geralmente benigna de tais elementais é o tema central do CONDE DE GABALIS. Esta foi a fonte para a *Oração das Salamandras*, e pelo menos parte da inspiração para a classificação elementar do VERUM.

[...] Os elementais são, principalmente, aliados de mente elevada e disponíveis aos Sábios [i.e. magos], embora alguns entre os espíritos subterrâneos sejam propensos à influência das regiões infernais. Eles são idênticos aos antigos espíritos da natureza da religião pagã, alguns dos quais (podemos pensar em Astarte) eram então entendidos como divindades e as vozes [por trás] dos oráculos. Mais tarde, todos eles foram mal interpretados como demônios pela Igreja. Esta foi uma reputação muito imerecida, já que eles são dados ao nobre pensamento religioso. Eles ajudam alegremente o adepto

na Grande Obra, buscando assim sua própria imortalidade.<sup>[101]</sup>

Os espíritos do GRIMORIUM VERUM são antigas deidades pagãs. Esse termo, *deidade*, associado aos espíritos do VERUM deveria chamar atenção, porque também é um termo usado para se referir aos Gangas da Quimbanda. Uma *deidade* trata-se de uma força divina reverenciada a qual confiamos nosso destino.<sup>[102]</sup> Essa força divina é reverenciada na forma de oferendas e sacrifícios propiciatórios. No Ocidente as diversas forças divinas da natureza (*daimones* na Grécia, *genii* em Roma, *òrìṣà* ou *nkisi* na África etc.) foram classificadas como demônios.

E é interessante que Idries Shah em seu comentário sobre O LIVRO DO DIABO, i.e. o GRIMORIUM VERUM, diz: *As Artes Negras foram genericamente divididas em duas seções. A primeira é a tradicional concepção cristã do Diabo e o pacto que se estabelece com ele, com a finalidade de trocar a alma imortal de um homem ou mulher por vantagens materiais, [sendo o pacto] sujeito a um estreito limite de tempo. O segundo tipo de magia negra envolve penalidades menos severas. O operador trata com demônios da mesma maneira como faziam os babilônios e depois os árabes: assumindo que os diabos são menos poderosos que Deus, e que certas palavras sagradas (nomes ou palavras de poder) se conhecidas pelo operador, podem compelir a aliança dos ditos demônios, gostem eles ou não.*<sup>[103]</sup>

O GRIMORIUM VERUM reintroduz na tradição dos grimórios as alianças espirituais com as antigas deidades pagãs, agora classificadas como demônios, na forma do *pacto diabólico*. Eu tratei na natureza do pacto nos dois volumes anteriores do DAEMONIUM, demonstrando que o *pacto diabólico* se trata da recessão cristã da antiga fórmula mágica do pacto com espírito tutelar. Mas entrelinhas, o GRIMORIUM VERUM reestabelece o contexto ctônico do *pacto diabólico*, restaurando a sua função teúrgico-soteriológica, mas mascarada pela natureza diabólica es-

[99] Benjamin W. McCraw e Robert Arp, edit. PHILOSOPHICAL APPROACHES TO DEMONOLOGY. Routledge, 2017, pp. 1-2.

[100] Jake Stratton-Kent. THE TRUE GRIMOIRE: ENCYCLOPAEDIA GOETICA, Vol. I. Scarlet Imprint, 2022, citação pp. 130.

[101] Jake Stratton-Kent. THE TRUE GRIMOIRE: ENCYCLOPAEDIA GOETICA, Vol. I. Scarlet Imprint, 2022, pp. 130-1.

[102] S. Connolly. Demonolatria Moderna. Via Sestra, 2019, pp. 15.

[103] Idries Shah. THE SECRET LORE OF MAGIC. ISF Publishing, 2016, pp. 85.

tabelecida pela cristandade, daí que *eles [i.e. os diabos do grimório] ajudam alegremente o adepto na Grande Obra, buscando assim sua própria imortalidade.*<sup>[104]</sup> A grande obra aqui citada por Stratton-Kent é a deificação da alma do operador através da ajuda do diabo pessoal, tema extensivamente abordado nos dois volumes do DAEMONIUM e nas edições anteriores da *Revista Nganga*.

Ao reintroduzir antigas práticas religiosas, banidas dos primeiros grimórios salomônicos latinos, o GRIMORIUM VERUM lida com seus espíritos da forma como faziam as antigas religiões pagãs: com oferendas, sacrifícios e uma abordagem mais branda, amistosa e respeitosa para com os diabos. Abordagem essa que vai na contra-mão dos grimórios salomônicos anteriores. O Diabo do GRIMORIUM VERUM é àquele das bruxas e feiticeiras, que embora astuto e traçoeiro, era também amigo, professor, fonte de poder de magia, o protetor que não aponta o caminho, mas oferece as escolhas no meio da encruzilhada. Dessa forma, a Trindade Infernal, Lúcifer, Beelzebuth e Ashtaroth, é compreendida em última análise no seu sentido mítico original: antigas deidades. Então o GRIMORIUM VERUM resgata uma velha tradição da magia, além de facilitar o acesso a ela: *Do ponto de vista de outros rituais desta natureza, o GRIMORIUM VERUM é simples, tem menos tabus e restrições, e – acima de tudo – assume que o operador não sabe nada da arte mágica, então ele [o grimório] começa do início e prove detalhes completos. [...] São por essas razões que, durante o século dezanove, este grimório foi considerado o livro mágico par excellence da Europa.*<sup>[105]</sup> Sobre a natureza mítica dos antigos deuses, agora diabos no GRIMORIUM VERUM, Jake Stratton-Kent diz:

#### Lúcifer

Latim para portador de luz, um título de Vênus como *Estrela da Manhã*, que também parece ter sido aplicado de vez em quando a Mercúrio, um deus das encruzilhadas com um papel de mensageiro. O *phosphorus* grego tem o mesmo significado, incluindo as

associações astrológicas. Outra conexão é com Prometeu, que trouxe fogo para a humanidade, que também tem associações astrológicas de natureza semelhante.

#### Belzebuth

A forma bem conhecida de Belzebub, que significa Senhor das Moscas, é aparentemente uma má-tradução insultuosa de origem judaica. É significativo que o VERUM evite essa forma insultuosa em favor de algo mais parecido com a origem. O nome original teria envolvido uma forma de Baal, um título comum de deuses fenícios e cananeus, além de: *zbyb* (jorrando para fora); *tzabaoth* (dos Exércitos); *sabaoth* (sete). Este presumivelmente seria um título de Baal Shamem, o Senhor do Céu, identificado com Hadad e Zeus, de acordo com a correspondência planetária do título Príncipe, o de Belzebuth em vários grimórios, que equivale a Júpiter. Há também um Baal Tzephon, considerado sinônimo de Belzebuth, cujo nome está ligado ao do Tifon grego e egípcio, associado a Set.

#### Astaroth

Esta é a forma hebraica da deusa cujo nome em grego era Astarte. Ambas as versões do nome se referem a uma importante deusa lunar fenícia, adorada em todo o Oriente Médio e também associada a Vênus. Ela é frequentemente emparelhada com uma ou outra forma de Baal, e também – em uma forma guerreira chamada Astoreth – com Set. A Ishtar mesopotâmica e Inanna são outras formas dessa deusa. Os mistérios de Inanna e Dumuzi, Ishtar e Tammuz, e de Astarte e Adonis, foram uma influência nos mistérios egípcios de Ísis e Osíris, nos quais uma «Rainha Astarte» aparece. Dada a influência combinada do culto de Ísis e da Deusa Sória no culto cristão posterior de Maria, Astarte está entre as mais influentes e importantes de todas as divindades clássicas. Alguns tradicionalistas modernos descartam muito prontamente a identificação de Astaroth, o espírito, com a divindade mais velha. Na realidade, apesar das inovações, a cosmologia [da] goécia deve muito a [cosmologia] dos papiros mágicos e de outras tradições antigas. Assim, várias ex-rainhas do submundo podem ser rastreadas em obras de fontes goécia, como Proserpina em Collin de Plancy e assim por diante. Como Kore, ela aparece entre os espíritos menores no Abramelin alemão; significativamente, a adaptação francesa – que se baseia na tradição gótica – a eleva dessa posição subsidiária e a faz parceria com Magot como o chefe dos espíritos (observe que Magot é um título de Bael); é neste papel Astaroth pode ser encontrado neste e em outros grimórios. Mesmo Ísis, como noiva de Osíris, senhor do submundo na magia egípcia, não está fora do lugar em tal contexto; e de fato ela aparece – ou, pode ser mais preciso dizer, reaparece nas edições

[104] Jake Stratton-Kent. THE TRUE GRIMOIRE: ENCYCLOPAEDIA GOETICA, Vol. I. Scarlet Imprint, 2022, pp. 131.

[105] Idries Shah. THE SECRET LORE OF MAGIC. ISF Publishing, 2016, pp. 85-6.

italianas e espanholas do século dezessete no ENCHIRIDION do Papa Leão III.<sup>[106]</sup>

E sobre a natureza elemental dos espíritos do VERUM, trata-se de um eco de ideias mais antigas, como encontramos no LIBER JURATUS:

Os Demônios Elementais não são nem bons nem maus, nem benevolentes nem malévolos por natureza; assim, eles podem ser empregados para fins bons ou maus. Não são os demônios, nem o chamado deles, nem a arte mágica que é má, mas é o uso que os homens maus podem fazer da arte mágica. Não há mal na arte mágica que não seja o primeiro nos corações dos homens maus; aqueles que são bons e pretendem o bem produzem o bem; aqueles que são maus e pretendem o mal produzem o mal. Homens que são bons e fiéis não precisam temer mal da arte mágica, pois os demônios são conquistáveis e feitos subservientes à vontade de um bom homem por fortaleza e coragem. Desses demônios, há quatro ordens, uma para cada elemento: do oeste ou água, do sul ou fogo, do norte ou da terra e do leste ou do ar. Cada uma dessas ordens tem domínio sobre o funcionamento do elemento para o qual a ordem é nomeada, e os demônios de cada ordem possuem qualidades e poderes que estão em harmonia com o elemento governado.<sup>[107]</sup>

O GRIMORIUM VERUM também categoriza seus espíritos em inferiores e superiores, enfaticamente eleva o status dos elementais ígneos, e geralmente usa o termo inferno ao invés de fogo ao se referir a estes espíritos. *Há uma ambiguidade enigmática nos termos e - mais importante - nas fontes usadas na composição deste famoso grimório. VERUM diz, de pelo menos alguns de seus espíritos, que, sendo de natureza solar, eles são mais sábios e melhores do que os outros; isso está de acordo com a tradição de que os espíritos orientais (e ocidentais) são mais brandos do que os do Sul e do Norte, que são mais violentos. Também pode se conectar com ideias antigas sobre o Sol como governante do Fogo.*<sup>[108]</sup> Interessante notar, neste contexto, que os Gangas da Quimbanda são diretamente associados

[106] Jake Stratton-Kent. THE TRUE GRIMOIRE: ENCYCLOPAEDIA GOETICA, Vol. I. Scarlet Imprint, 2022, pp. 134-5.

[107] Citação em Jake Stratton-Kent. THE TRUE GRIMOIRE: ENCYCLOPAEDIA GOETICA, Vol. I. Scarlet Imprint, 2022, pp. 131.

[108] Jake Stratton-Kent. THE TRUE GRIMOIRE: ENCYCLOPAEDIA GOETICA, Vol. I. Scarlet Imprint, 2022, pp. 130.

ao fogo do inferno e como vimos anteriormente, o Sol que coroa o Brasão Imperial de Maioral, é associado ao poder e domínio dos espíritos infernais e seu símbolo àquela do Sol da Meia Noite, o Sol do Submundo que Reina no Inferno como um *Mistério Sem Nome*. E no livro GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA, demonstrei como a relação entre os Exus e os diabos do GRIMORIUM VERUM foi intermediada pelos três éteres sublunares: céu, terra e inferno, os reinos aéreo, telúrico e ctônico da Natureza. É nestes três reinos ou éteres que habitam os Exus (e toda sorte de espíritos de mortos), e os demônios (espíritos sublunares de todo tipo, encantados benignos e malignos).

E finalmente, outra congruência. Assim como os Gangas da Quimbanda, os diabos do GRIMORIUM VERUM não são bons ou maus, mas forças, potências mágicas disponíveis na Natureza, ao bom ou mau uso do operador, porque estes espíritos, assim como qualquer força no Cosmos, não respondem as inclinações ou premissas de ordem moral. São forças dinâmicas da Natureza acessíveis por meio de fórmulas mágicas apropriadas, manipuladas pelo operador à revelia da ordem moral para qualquer fim desejado, apropriado ou não, para o progresso ou para o caos. No texto *11 Aforismo para Entender a Quimbanda*,<sup>[109]</sup> escrevi:

O objetivo último da Quimbanda, motivo pelo qual ela existe de fato, trata-se do aperfeiçoamento da arte de manipular as diversas correntes de energia dentro da Alma do Mundo, o Corpo de Maioral, o Diabo, modificando os padrões da Natureza, definindo o caminho do feiticeiro com liberdade e autonomia. O *kimbanda*, assim, não «resiste» aos padrões de força da Natureza (cosmos), ele apreende o seu movimento, fluxo e fluidez, manipulando-os em acordo a sua vontade com a ajuda de Exu.

[...] Como Arte de feitiçaria a Quimbanda manipula correntes de energia, i.e. as correntes mágicas que se movimentam em direções ou fluxos distintos dentro do corpo do Chefe Império Maioral nos três reinos primordiais: ctônico, telúrico e aéreo. As tecnologias espirituais da Quimbanda são produzidas dentro dos protocolos da Arte: trata-se de operações que envolvem processos mágico-energéticos na intenção de produzir medicinas ou «alquimias» para a

[109] Disponível no blog do site [www.quimbandanago.com](http://www.quimbandanago.com).



manipulação dessas correntes de energia cujo objetivo serve a diversos fins.

[...] Quimbanda é feitiçaria, a arte de manipular e projetar vetores de força mágica (i.e. energia/moyo) através de bases materiais. Um *kimbanda* mensura tudo no cosmos em quantitativos energéticos: as interações e relações pessoais, as paixões, desejos e impulsos por trás das ações, a atividade sexual, os negócios e compromissos firmados, a manipulação do oráculo (*Eriṅ* ou *Cabalá de Exu*), o feitiço de oferendas e feitiços. Absolutamente tudo se mensura pela equalização das forças envolvidas, porque um *kimbanda* trata-se de um manipulador de energia! Isso não é fácil de conquistar e levamos a vida toda para aperfeiçoar essa arte.

Energia, i.e. o *àṣẹ* entre os *yorúbás*, o *moyo* entre os bantos, o *magnetismo animal* dos mesmeristas etc., em última análise, é a moeda de troca com os espíritos. Não é a moral que os compele a agir, é a energia mágica a eles fornecida por meio de fórmulas mágicas de comunicação, como o sacrifício animal.<sup>[110]</sup> E o leitor poderia indagar se os Gangas da Quimbanda não herdaram essa virtude dos próprios diabos do VERUM. Mas não! Ainda no *primeiro momento* do Culto de Exu no Brasil (período imperial), nós temos o caso do *kimbanda* par excellen-

[110] Veja o texto *Quimbanda & Manipulação Energética*, também disponível no blog do site [www.quimbandanago.com](http://www.quimbandanago.com).

ce, o chefe das macumbas, Juca Rosa, que declarava que sua deidade tutelar, o Pai Quimbombo, podia tanto executar o bem quanto o mal.<sup>[111]</sup> Estabelecendo a mesma comparação que fiz no livro *GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA*, entre os *jinn* da magia salomônica árabe e os demônios da magia salomônica judaico-cristã, no que concerne ao GRIMORIUM VERUM, Idries Shah diz:

Aqui pode ser instrutivo mencionar um tipo de intermediário de magia, muito usado pelos árabes e provavelmente derivado [da magia] da Assíria. Isso consiste na utilização dos poderes dos *jinn* (gênios) que não são nem totalmente bons nem completamente maus. Nisso, eles parecem se assemelhar à humanidade, pois são capazes de exercer qualquer função que sejam obrigados a desempenhar. Há, é verdade, bons *jinn*s e os maus, machos e fêmeas. Aqueles que a tradição diz que foram presos por Salomão e lançados no mar eram quase todos maus. Mas há um número que é bom e alguns incertos. Eles podem ser comparados a um símbolo de reconhecimento da possibilidade de um poder mágico ser utilizado para [realizar] a vontade do operador.<sup>[112]</sup>

Em uma entrevista que dei a uma emissora de TV local em Juiz de Fora (MG) em 2014, e que está disponível no YouTube, afirmei que a magia é como a eletricidade, i.e. uma força da Natureza que pode ser utilizada para o bem (quando produz luz), ou para o mal (quando usada para uma execução na cadeira elétrica). Nos termos da Quimbanda, essa força é o *agente mágico universal*, disponível a manipulação dos *kimbandas*. Interessante que Idries Shah faz um comentário na mesma direção. Ele diz:

É interessante notar, neste contexto, que um escritor e ocultista moderno árabe comparou o *jinn* à eletricidade. *Jinn* são, ele explica, bons ou ruins, dependendo de como você os usa. Eles são uma força indubitável, que existe em todos os lugares, mas seu uso depende de certos requerimentos. Nós não sabemos sua exata natureza, não mais do que qualquer pessoa sabe sobre a eletricidade.<sup>[113]</sup>

[111] Gabriela dos Reis Sampaio, *A História do Feiticeiro Juca Rosa*. Tese de Doutorado, maio de 2000.

[112] Idries Shah. *THE SECRET LORE OF MAGIC*. ISF Publishing, 2016, pp. 84.

[113] Idries Shah. *THE SECRET LORE OF MAGIC*. ISF Publishing, 2016, pp. 84-5.

E para finalizarmos essa seção, podemos buscar descobrir a natureza dos diabos do GRIMORIUM VERUM cruzando referências com as tabulações demonológicas de Cornélio Agrippa. Em seu TRÊS LIVROS DE FILOSOFIA OCULTA (Livro III, caps. 16, 17 e 18), Agrippa delinea uma classificação de espíritos que inclui àqueles conectados a goécia. Suas fontes derivam dos neoplatônicos, principalmente, mas também dos cabalistas e cristãos teósofos. No cap. 16, os espíritos são divididos em três éteres, sendo os dois primeiros supercelestial e celestial, o terceiro sendo material. Os espíritos desse terceiro éter formam uma categoria extremamente ampla, incluindo todo tipo de espíritos astrais (aéreos), telúricos (terrestres e aquáticos), e também os mortos. No entanto, separados destes espíritos materiais, existe ainda uma outra classe de espíritos de tipo *inferior*, os demônios do submundo. São estes espíritos demoníacos do submundo àqueles classificados como malignos pelos neoplatônicos. E no senso comum, todos os espíritos dos grimórios foram equiparados a estes do submundo. E não há qualquer boa razão para identificar a maioria dos espíritos dos grimórios com estes, e muitas boas razões para não os identificar de modo algum.

Estes espíritos de ordem material foram alocados sob uma ordem menor de anjos e fica claro que uma miríade de outros espíritos da natureza foram deixados de fora, por muitos motivos, como já apresentarem um comportamento duvidoso em seus locais naturais de culto e adoração. Os espíritos que se incluem nessa faixa cinza da classificação de Agrippa foram, em grande medida, demonizados. Entre os espíritos materiais também estão todo tipo de mortos, mas não os mortos sem descanso. Estes foram alocados no submundo, devido a sua atuação maléfica na vida dos homens, agindo como espíritos demoníacos. Mas pouquíssima atenção é dada aos mortos nessa classificação.

O cap. 17 traz referências aos famigerados demônios aéreos, presentes na maioria dos manuais demonológicos. E muito embo-

ra não estejam associados a terra ou ao submundo, os teólogos os classificaram como seres malignos. E neste mesmo capítulo há referências aos demônios conhecidos pelos teólogos como *falsos deuses*, quer dizer, as antigas deidades de várias culturas demonizadas pela Igreja. Então todas as deidades e espíritos menores que não podiam ser categorizadas entre anjos e inteligências, tornaram-se demônios, todos associados aos éteres aéreo, telúrico e ctônico sublunares.

O LIVRO DO DIABO, nome pelo qual se popularizou o GRIMORIUM VERUM, é uma abordagem ritual que reinsere antigas práticas e valores pagãos na literatura dos grimórios, restaurando segredos arcaicos da feitiçaria na adoração de antigas deidades, agora como diabos, e com um pano de fundo diabólico. Celebrando a herança da rica corrente ancestral da goécia no GRIMORIUM VERUM, Idries Shah romantiza:

No atual estágio do conhecimento mágico, nós temos a liberdade, plenamente justificável, de dizer que, diante de tudo o que sabemos, o GRIMORIUM VERUM é mais original que a CHAVE [de Salomão]; ou que ele é um dos livros originais da Biblioteca de Hermes, ou até mesmo das bibliotecas de magia dos babilônios.<sup>[114]</sup>

## SEÇÃO . V .

### A INCURSÃO DIABÓLICA NA QUIMBANDA

É significativo o fato de que é o GRIMORIUM VERUM a fonte que supriu estas «intrusões» dos espíritos [i.e demônios] dos grimórios na Quimbanda.<sup>[115]</sup>

De algumas perspectivas, aqueles que enfatizam exageradamente expressões puramente literárias da cultura, o GRIMORIUM VERUM pode parecer ter sido particularmente influente. A realidade é que, como um grimório popular com fortes conexões com a magia folclórica, ele reflete de forma mais abrangente do que outros as amplas tradições de magia popular de origem europeia que tiveram um forte impacto no Novo Mundo. Não foi o principal veículo dessas

[114] Idries Shah. A TRADIÇÃO SECRETA DA MAGIA. Bertrand Brasil, 1998, pp. 93.

[115] Jake Stratton-Kent. THE TRUE GRIMOIRE: ENCYCLOPAEDIA GOETICA, Vol. I. Scarlet Imprint, 2022, pp. xii.

tradições, mas sim um reflexo literário singularmente rico delas. O verdadeiro veículo dessas tradições foram as pessoas, incluindo milhares de ciganos no caso do Brasil, cuja impressão na Quimbanda e, de fato, em toda a cultura, ainda é poderosamente sentida. Os grimórios populares eram um aspecto da tradição, mas enquanto estão entre os últimos vestígios dessa tradição na Europa, eles são apenas uma pequena parte de sua sobrevivência no Novo Mundo. Em outras palavras, muito do que foi perdido nas tradições mágicas europeias ainda prospera nas religiões do Novo Mundo.<sup>[116]</sup>

A *incursão diabólica* que aqui irei me debruçar nessas duas últimas seções é àquela que ocorreu em detrimento da *nova síntese da magia* promulgada por Aluízio Fontenelle na década de 1950 e que deu nascimento a Quimbanda como a conhecemos hoje. No segundo volume do DAEMONIUM tivemos a oportunidade de sumarizar inúmeros pontos dessa *incursão diabólica*, o que continuamos no livro GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA, e nas edições da *Revista Nganga*. Entretanto, essa *nova síntese da magia* estabelecida por Fontenelle, que inaugura o *segundo momento* do Culto de Exu no Brasil, foi o ápice de um longo processo de miscigenação cultural que começou no *primeiro momento*, i.e. no período colonial e imperial.

No período em que se desenvolveu a colonização, degredo e o tráfico de escravos entre os Sécs. XVI e XVIII, o Brasil foi considerado a *terra do diabo*. Os primeiros registros etnológicos continham profundas resenhas demonológicas, e é por isso que a autora Laura de Mello e Souza<sup>[117]</sup> nomeou os autores desses registros de *etnodemonólogos*. A travessia no Atlântico, o contato com a terra selvagem e seus habitantes, foram completamente descritos sob as lentes do imaginário europeu da época, no mesmo período em que eclodia o fenômeno cultural da bruxaria que pode ser resumido em três pontos: i. o contato com *diabos pessoais* (i.e. familiares mágicos); ii. o pacto que se estabelece com o Diabo e a idolatria dele decorrente; e iii. o *sabbath*, a festa das bruxas.

[116] Jake Stratton-Kent. THE TRUE GRIMOIRE: ENCYCLOPAEDIA GOETICA, Vol. I. Scarlet Imprint, 2022, pp. 197.

[117] Laura de Mello e Souza. INFERNO ATLÂNTICO: DEMONOLOGIA & COLONIZAÇÃO SÉCULOS XVI-XVIII. Companhia das Letras, 1993.

Esses registros etnodemonológicos tiveram um impacto profundo no imaginário europeu, causando fascínio, medo e repulsa nas mentes europeias. Na época em que o continente descoberto deixou de ser chamado de *Terra de Santa Cruz* para ser conhecido com o nome que carrega hoje, Brasil, muitos desses autores e até as autoridades da Igreja chegaram a acreditar que haviam perdido o novo continente para o Diabo.<sup>[118]</sup>

Matas fechadas, infestação de insetos, correntezas e terras áridas, tempestades e alagamentos, tudo o que a natureza selvagem oferecia era considerado pelos etnodemonólogos maquinações arranjadas pelo Diabo para evitar que o poder da Cruz de Cristo se estabelecesse no novo continente. Como o Diabo havia fugido da Europa para o Brasil, porque lá o poder da Igreja o expulsou, o novo continente se tornou também o novo campo de batalha entre Deus e o Diabo. Esses autores descreviam os pajés curandeiros como feiticeiros e as parteiras como bruxas.<sup>[119]</sup> Então quando falamos de *incursão diabólica* temos de nos lembrar que desde que o Brasil foi descoberto, iniciou-se também uma luta entre Deus, seus anjos, santos e representantes terrenos, contra o Diabo, seus demônios, e os idólatras que os cultuam pelo domínio da terra. E no imaginário de muitos cristãos europeus dos dias de hoje, o Brasil permanece a *terra do diabo*. Bom, se o Brasil é a *terra do diabo* de fato, então faz todo o sentido a Quimbanda, a *bruxaria brasileira*, representar no imaginário brasileiro uma expressão legítima deste *domínio, reinado e rebelião* do Diabo.

Durante esse longo período que constituiu o *primeiro momento* do Culto de Exu no Brasil, estabeleceu-se uma intensa miscigenação cultural entre os povos indígenas, os povos africanos e os povos europeus, iniciando uma intrincada amálgama de tradições mágicas que se sincretizaram em troncos diversos. *O sincretismo se caracteriza fundamentalmente por uma intermistura de elementos culturais. Uma íntima interfu-*

[118] Ibidem.

[119] Ibidem. Veja também Luís Rafael Araújo Corrêa. FEITIÇO CABOCLÓ: UM ÍNDIO MANDINGUEIRO CONDENADO PELA INQUISIÇÃO. Paco Editorial, 2018.

são, uma verdadeira simbiose, em alguns casos, entre os componentes das culturas que se põem em contato. Symbiose que dá em resultado uma fisionomia cultural nova, na qual se associam e se combinam, em maior ou menor proporção, as marcas características das culturas originárias.<sup>[120]</sup> A Quimbanda, com sua fusão entre os Exus e os diabos do GRIMORIUM VERUM a partir do *segundo momento*, é o resultado desse longo período de sincretismos religiosos que se estabeleceram de diversas formas em todo território brasileiro. O autor Waldemar Valente,<sup>[121]</sup> rastreando os troncos sincréticos que se formaram no Brasil, os elenca:

- 1) jeje-nagô;
- 2) jeje-nagô-malê;
- 3) jeje-nagô-banto;
- 4) jeje-nagô-mina;
- 5) jeje-nagô-malê-banto;
- 6) jeje-nagô-malê-mina;
- 7) jeje-nagô-malê-banto-mina;
- 8) afro-tupi;<sup>[122]</sup>
- 9) afro-tupi-espírita;
- 10) afro-tupi-espírita-católico;
- 11) afro-tupi-espírita-católico-protestante;
- 12) afro-tupi-espírita-cristão-teosófico;
- 13) afro-tupi-espírita-cristão-teosófico-esotérico.

Dentro destes troncos sincréticos que se estabeleceram no Brasil você consegue determinar a origem de inúmeros Candomblés tradicionais ou de caboclo, assim como a Umbanda e a Quimbanda, que se enquadram nos troncos 12 e 13. Porque é impossível falar da fusão entre Exus e demônios sem abordar a profunda questão do sincretismo religioso no Brasil. Hoje criticado por inúmeros africanistas de *olhos azuis*, o sincretismo é uma ferramenta do espírito religioso do homem, e ocorreu em todas as culturas mágicas do passado. É somente na contemporaneidade que passamos a acreditar em religiões puras dentro de contextos de degredos e diásporas; até o Séc. XIX toda e qualquer cultura religiosa se adaptou, evoluiu e se miscigenou, sempre na intenção de perdurar no tempo. Esses africanistas reivindicam um purismo religioso que já não existia na África cristianizada e islamizada, quanto mais no Brasil. Não há nada de puro nascido em terras brasileiras, sejam

Candomblés, Umbandas ou Quimbandas etc. Aqui, como se diz, é *tudo junto e misturado*: preto, banco e amarelo. Essa desonestidade intelectual do purismo africanista chaga a ser nojenta! No Brasil o cristianismo se *crioulizou* e ainda na África, as culturas negras se cristianizaram e se islamizaram.

De certa forma, nem mesmo dentro da ciência da religião é aceito que haja uma religião pura, pois todas as religiões surgem de experiências culturais misturadas e por dentro delas se estabelecem e se renovam. Se formos analisar pelo panorama das religiões de massa, podemos afirmar sem nenhuma dúvida que o cristianismo surge das concepções zoroastristas misturadas com as influências judaicas em menor grau, trazendo assim a concepção por exemplo de bem e mal e de duas deidades brigando para se estabelecerem, sem falar em outras consonâncias dentro da teologia. Quando analisamos as muitas religiões encontramos situações próximas, mas narradas de formas diferentes, vemos, por exemplo, o dilúvio defendido e acreditado se tratar de um texto bíblico *imutável*, entretanto encontramos um dilúvio similar em mitos gregos, onde Zeus querendo destruir os homens por causa de *suas perversidades* envia um grande dilúvio com a ajuda de Poseidon para que todas as águas dos rios e mares inundem toda a terra, engolindo tudo que havia por sobre a terra. Porém Prometeu advertiu seu filho Deucalião e sua mulher Pirra sobre o dilúvio, instruindo-os a construir uma barca, ou em outras palavras, uma grande arca e no final do dilúvio ficou encalhado em uma montanha. Mas esse mito também é presente na epopeia de Gilgamesh, um poema épico mesopotâmico, creditado por muitos como a narrativa mais antiga que se tem registro em escrita. Então, podemos afirmar que o judaísmo acabou por sincretizar os conhecimentos mesopotâmicos e por aí criou sua própria base teológica.

Contudo, sabemos que o sincretismo é algo que acaba por incomodar as pessoas que não conseguem analisar nada muito além da sua superfície revelada. O sincretismo é uma realidade e deve ser entendida desta forma, pois o sincretismo está presen-

[120] Waldemar Valente. SINCRETISMO RELIGIOSO AFRO-BRASILEIRO. Brasileira, 1977, pp. 11.

[121] Ibidem, pp. 107-9.

[122] N.T. Aqui *afro* representa o composto *jeje-nagô-malê-banto*.

te em todo território nacional, mesmo não sendo exclusivo dele como tentam elencar alguns segmentos cristãos ou de pessoas de religiões afro-diaspóricas que consomem de forma ignóbil apenas o que revelam sites e tutores mal formados. O sincretismo religioso é um processo de combinação ou aproximação de várias práticas religiosas ou crenças populares em uma única forma de pensar. Ele ocorreu em todas as religiões da história humana e não apenas no contexto religioso, mas cultural e comportamental. Vemos uma expressão interessante do sincretismo de um povo dentro do Japão onde há duas religiões dadas como oficiais e mais praticadas, sendo uma o xintoísmo e a outra o budismo.<sup>[123]</sup> Há quem diga que no Japão todos nascem xintoístas, mas morrem budistas.

O movimento neopagão também é sincrético, onde combinam-se várias divindades de diversos panteões em uma só estrutura de pensamento, podendo uma pessoa evocar Zeus como deus maior de sua sessão e na sequência chamar por Amateratsu, sem qualquer problema ou preocupação de agradecer a Brigitte dos celtas.

O próprio cristianismo surge de uma dissidência de pensamento judaico e se manifesta em Roma, usando a figura de um Jesus Cristo similar com o Apolo greco-romano. A própria associação de feriados culturais tidos como pagãos por cristãos é um processo sincrético, o dia de *Solis Invictus* se torna o dia de nascimento de Cristo, a Páscoa se torna o dia de sua morte e ressurreição etc. Esse mesmo movimento será seguido em terras brasileiras quando associamos os feriados cristãos (alguns antigos feriados pagãos) a data de comemoração dos *santos*, que na verdade são os *òrìṣà*. Tudo isto é um processo sincrético.

Entretanto o grande incomodo sempre se dá quando falamos de sincretismo de práticas afro-diaspóricas, seja da via africana para europeia e vice-versa. Precisamos contextualizar que o Brasil é formado por diversas etnias que erroneamente são

[123] Xintoísmo é uma religião nacional e original japonesa que bebe de muito *xamanismo* das terras nipônicas. O budismo é uma religião criada por Sidarta Gautama, que era um nepalês ou indiano, variando as fontes.

reduzidas a três grupos: europeus, indígenas e africanos. Entretanto quando se fala sobre Europeu na formação cultural de base brasileira devemos nos lembrar que em sua maioria eram portugueses, grande parte sem conhecimento ou estudo, muitos que foram enviados para cá como penitência criminal, seja pelo motivo que for, de origem secular ou religiosa como as heresias e perseguições da Igreja; quando falamos de indígenas em sua maioria imaginamos os povos tupis, porém existiam diversos grupos culturais diferentes, com línguas diferentes, estimando-se que havia entre 1 e 5 milhões de indígenas em terras brasileiras, cada grupamento com um panteão próprio e com práticas religiosas e espirituais próprias; e por fim os africanos, que são dados como os grandes detentores dos saberes dos cultos de Quimbanda, Umbanda e similares.

Porém, a África é um continente imenso com diversas culturas e diversas etnias. Quando falamos em África tentamos reduzir isso em pensamento, mas em um mesmo espaço, como por exemplo o Reino do Congo, havia diversos tipos de culturas coexistindo pacificamente ou não. Os primeiros homens trazidos como escravizados para o Brasil eram originalmente do Reino do Congo e das regiões próximas a ele, como Benguela, Reino do Dongo (que se tornará Angola), Luanda etc. A esses povos dessa região – apesar da sua multiplicidade cultural – é dado o nome de cultura ou povos bantos.

Esses africanos escravizados de origem banto chegam ao Brasil no Séc. XVI por volta de 1535 por vias *oficiais*. Há quem diga que os povos bantos representavam 75% de todos os africanos trazidos para o Brasil. Eles, povos bantos, encontraram-se com os povos indígenas, pois dentro das senzalas<sup>[124]</sup> e com certeza fizeram troca de saberes e de culturas, inclusive de cultura religiosa, o que já demonstra uma forma de sincretismo natural ocorrendo, sem passar pelos olhos do intelectual. Posso afirmar ainda, que ele já se dá em África quando o Manicongo Nzinga a Nkuwu (Rei do Congo) decide enviar sua corte para aprender os costumes e

[124] O termo Senzala deriva do quimbundo *Sa'nzala*, que significa povoação.

a religião portuguesa e ele mesmo se batiza como João I dentro da religiosidade cristã, se arrependendo posteriormente, mesmo assim usando dos seus saberes.

O entendimento aqui é que o povo banto tem uma premissa diferente quando se trata de adaptação e absorção de conhecimento, seja ele de que natureza ou origem for. Dentro da visão cultural banto, os *nkisi* não são estritamente deidades, mas *tudo aquilo que tem nguzo*, ou seja, que tem poder. Desta forma para uma pessoa de religiosidade banta é bem natural absorver o santo de uma outra religião e entender ele como uma potência, uma força ou um *nkisi*.

Há os defensores de um purismo no resgate a culturas tradicionais, principalmente do povo de *òrìṣà*, entretanto, Nanã Burukê, Omulu, Obaluaiê, Ewá, Oxumarê e Ossaim são divindades estrangeiras que foram absorvidas na religiosidade *yorùbá* e passaram a compor seu panteão em um processo sincrético, afinal, o que antes se dizia sobre Obatalá e Iemanjá serem um casal (em algumas fontes), passam também a determinar que Obatalá tinha Nanã Burukê como sua consorte, por quê? Este é um fato explicado quando sabemos que Nanã não era uma divindade esquecida, mas a mais importante divindade de um povo da região do atual Benin, antigo reino do Daomé, que quando absorvido pela cultura *yorùbá*, não poderia ser reduzida em importância, colocando-a ao lado do *òrìṣà* dado como mais velho, já que ela mesmo era a mais velha. Colocando assim, vê-se que Nanã e Obatalá poderiam ocupar a mesma posição, porém em panteões diferentes.

A questão do *òrìṣà* no Brasil também é complexa, visto que a cultura *yorùbá* se tornou dominante na literatura, na cultura e na arte, criando assim uma falsa impressão da pureza e da antiguidade desse culto. Mas se pensarmos que os bantos não cultuavam *òrìṣà*, quem seriam as forças que eles evocavam? Claramente, seus próprios deuses, na figura dos Mikice, que mais tarde serão confundidos e absorvidos pelas figuras dos *òrìṣà* e reinterpretados pela moda brasileira. A questão é: *Será que o sincretismo já ocorria comparando Lembadilê à Jesus Cristo*

*ou isso só ocorre quando Oxalá toma a posição de Lembadilê dentro da mente religiosa dos povos de terreiro?*

Além da influência africana e indígena, temos também a grande influência ibérica no pensamento religioso brasileiro. Quando nos referimos as influências europeias estamos tratando das camadas mais pobres e os egressos das terras portuguesas, que geralmente eram enviados para cá sob acusação de heresia, profanação e bruxaria. Mas, se eram profanos, como poderiam cultuar em bases cristãs? De fato, eles não cultuavam, pois muitos desses camponeses tinham seus próprios métodos e tradições religiosas, que sincreticamente, foram sendo associados ao cristianismo, mas de uma forma mais popular e orgânica, sem imposição ou um grande pensamento intelectual sobre isso, simplesmente aconteceu. Tanto é desta forma que essa prática popular de bruxaria, atrelada aos conhecimentos cristãos e toda a sorte de influência africana e indígena posteriormente irá resultar na Macumba do Séc. XIX e início do Séc. XX, que por sua vez irá criar a Umbanda e Quimbanda.

Os Exus em suas figuras diabólicas muitas vezes são encarados como entidades com defeitos de fabricação, pois quem defende o purismo dos Exus irá dá-los como *òrìṣà*, mas sem entender a diferença significativa entre a manifestação de um Exu-Entidade (*nganga*) e um *Èṣú òrìṣà*. Quem defende o purismo de falangeiros, sem se atrelar a *òrìṣà* e ao Cristianismo, refuta veementemente a versão diabólica destes Exus, dizendo que a associação feita por Aluizio Fontenelle em seu livro Exu, das figuras dos Exus com os demônios do GRIMORUM VERUM, eram devaneios. De fato, nada disso consegue se sustentar após um exame claro dessas entidades e de sua real proximidade para com os demônios, porém não paramos nisso. Muito se diz sobre a figura de Exu associada a diversos Santos, como o próprio Santo Antônio, Santo Expedito e outros, além da associação até mesmo do Menino Jesus com a figura de Legba em territórios cubanos e caribenhos.

Veja que apesar da crença cristã imputar ao cristo uma visão de salvador bondoso

do universo, ele em muitas visões religiosas é visto como um grande dizimador da vida e da humanidade, vide ao Nosso Senhor do Bonfim que foi idealizado por João de Camargo, em sua Igreja das Águas Vermelhas, na cidade de Sorocaba em São Paulo. João de Camargo era um brasileiro ex-escravizado, filho de africanos escravizados, que consegue sua liberdade que não é bem explicada, mas é sabido da sua alforria. Ao lado de suas imagens sempre havia suas pedras, criando a conexão da imagem iconográfica clara de cultura cristã, mas também o seu processo de feitura pelas mãos do próprio João de Camargo e de alguns de seus discípulos, como assentamentos vivos (*nkisi*) conjuntamente a seus *okutás* (pedras) dispostas a sua frente. Sabido é que João de Camargo chamava seu São Benedito as portas fechadas de Rongondongo, um nome de clara natureza banto. Desta forma, essa natureza tradicional banto de associação já existia desde épocas antigas na própria África e foi natural a sua absorção pelas Macumbas, assim como por suas derivativas como a Umbanda e Quimbanda. Desta forma, seja um Santo Antônio sendo chamado de Exu, ou até mesmo a figura do Exu de Duas Cabeças, sendo associado a Jesus de Nazaré e ao próprio Diabo em um só corpo irmanados, deixa clara e evidente a condução de pensamento religioso e amalgamado que cria a sociedade brasileira, sua cultura e sua religiosidade.

Outro fator associado ao sincretismo religioso e que envolve diretamente a *incursão diabólica* na Quimbanda são os grimórios populares que se crioulizaram no contexto da diáspora nas Américas. A revolução da imprensa que começa em 1455 com Johannes Gutenberg (1395-1468) publicando a BÍBLIA GUTENBERG, teve um profundo impacto na cultura do Ocidente, tirando o monopólio da informação das mãos de uma elite aristocrata, e possibilitando a difusão irrestrita do conhecimento. Esse processo também impactou profundamente o gênero dos grimórios que, antes escassos, agora poderiam ser encontrados em inúmeras versões populares. Aliás, a própria palavra *grimório* como hoje a conhecemos vem deste contexto de publicações populares. No Séc. XVIII a

palavra já era amplamente utilizada para se referir a livros de magia na França, porque acredita-se que sua raiz venha do francês antigo, *grimaire*, que se referia a livros escritos em latim.<sup>[125]</sup> Owen Davis diz:

A crescente indústria de publicações na Europa ocidental, que produziu jornais e [encheu o mercado] com livros direcionados a melhoria moral das massas, alimentou a busca por literatura envolvendo a magia entre os leitores rapidamente. Obscurantismo, o impulso autoritário de repressão ao acesso ao conhecimento estava vivo e era crescente, mas foi difícil se perpetuar. Enquanto os Inquisidores Mediterrâneos continuavam a exercer um controle considerável, em outros lugares os censores seculares e religiosos travavam uma batalha perdida. Em nenhum lugar isso era tão evidente quanto na França e no gênero dos livretos chamados de *bibliothèque blue* [biblioteca azul]. Durante a primeira metade do século XVIII um milhão de cópias desses livretos estavam sendo produzidos por ano. Eles incluíam inúmeros tipos de assuntos, lícitos e ilícitos. Entre romances, guias práticos de jardinagem e culinária, a vida dos santos e reflexões piedosas, nós encontramos os segredos mais obscuros da magia desvendados.<sup>[126]</sup> [...] Por um pequeno preço toda a riqueza da prática do conhecimento oculto contido em manuscritos tão preciosos aos magistas parisienses estavam disponíveis a todos, até aos mais pobres da sociedade. Milhares de grimórios da *bibliothèque blue* circularam por todo o país durante o século e no próximo.<sup>[127]</sup> [...] A influência dos grimórios da *bibliothèque blue* se expandiu para além das fronteiras da França.<sup>[128]</sup>

Como mencionei na *Revista Nganga* No. 10, foram os grimórios da *bibliothèque blue* – e de modo geral os grimórios do gênero impresso e dentre eles o GRIMORIUM VERUM e O LIVRO DE SÃO CIPRIANO – que mais se miscigenaram com as culturas religiosas da diáspora nas Américas. Jake Stratton Kent diz:

Enquanto os grimórios franceses [da *bibliothèque blue*] dessa época tiveram uma influência muito além da França, o gênero de grimórios impressos como um todo exerceu uma influência muito além da Europa. Os

[125] Humberto Maggi. GOETIA: HISTÓRIA & PRÁTICA. Clube de autores, 2020, pp. 114-5.

[126] Owen Davis. Grimaires: A HISTORY OF A MAGIC BOOK. Oxford University Press, 2009, pp. 94-5.

[127] Ibidem, pp. 98.

[128] Ibidem, pp. 109.

Livros de Moisés é o mais cabalístico e certamente influenciou o Hoodoo nos Estados Unidos, mas não dizem respeito especificamente a São Cipriano ou às fusões da goécia dentro de tradições como a Quimbanda. O primeiro é melhor ilustrado pelos grimórios ibéricos [da tradição cipriânica] e o último pelos textos franco-italianos como o GRIMORIUM VERUM e o GRAND GRIMOIRE.<sup>[129]</sup> [...] Esses textos ibéricos incorporam o renascimento da goécia [...] em comum com a Bibliothèque Bleue franco-italiana. [...] Da mesma forma, sua influência e harmonia com tradições vivas e prósperas no Novo Mundo são importantes de reconhecer.<sup>[130]</sup>

E no seu comentário ao GRIMORIUM VERUM, Stratton-Kent ressalta a influência e impacto desses grimórios populares na magia afro-diaspóricas nas Américas, bem como a miscigenação mágica que restauraria os antigos arcanos da magia ocidental por meio da *nova síntese da magia*:<sup>[131]</sup>

A influência de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO, bem como dos europeus que o trouxeram consigo, fez-se sentir nas colônias espanholas e portuguesas pelo menos desde o século XIX. Isso está bem além da conhecida influência da magia cabalística sobre o Hoodoo, através de Os Livros de Moisés de fontes alemãs. [...] De algumas perspectivas, aquelas que enfatizam expressões puramente literárias da cultura, o GRIMORIUM VERUM pode parecer ter sido particularmente influente. A realidade é que, como um grimório popular com fortes conexões com a magia folclórica, reflete mais amplamente do que outras tradições de magia popular de origem europeia que tiveram um impacto poderoso nas [religiões] do Novo Mundo. Não foi o principal veículo dessas tradições, mas uma reflexão literária singularmente rica delas. O verdadeiro veículo dessas tradições eram as pessoas, inclusive milhares de ciganos no caso do Brasil, cuja impressão na Quimbanda e mesmo em toda a cultura ainda é fortemente sentida. Os grimórios populares eram um aspecto da tradição, mas enquanto eles estão entre os últimos vestígios dessa tradição na Europa, são apenas uma pequena parte de sua sobrevivência no Novo Mundo. Em outras palavras, muito do que foi perdido nas as tradições mágicas europeias ainda prospera nas religiões do Novo Mundo. O fato é que existem elementos da velha magia europeia que influenciaram as tradições do Novo Mundo que não são representadas em [outros] grimórios além de Verum.

[129] Jake Stratton-Kent. THE TESTAMNENT OF CYPRIAN THE MAGE. Scarlet Imprint, 2014, pp. 3-4.

[130] Ibidem, pp. 4.

[131] Sobre a *nova síntese da magia* veja *Revista Nganga* No. 10.

[...] É de particular interesse que nas tradições de Umbanda e Quimbanda do Brasil a hierarquia de Verum tenha sido amplamente associada a espíritos conhecidos como Exus, e muitas das correspondências entre os dois são surpreendentemente apropriadas.<sup>[132]</sup>

A colonização, a escravidão, o trabalho imigrante nas Américas e a criouliização dos grimórios populares impressos como O LIVRO DE SÃO CIPRIANO e o GRIMORIUM VERUM, produziram uma fascinante fusão de crenças e práticas religiosas, mágicas e medicinais, derivadas da Europa, das culturas africanas e dos povos autóctones ameríndios, dos quais, no Brasil, nasceram a Jurema, a Umbanda e, no caso da Quimbanda, permitiram uma profunda *incursão diabólica*. Eu cito em especial essas três culturas mágicas, a Jurema, a Umbanda e a Quimbanda, porque são elas que foram profundamente influenciadas pela criouliização de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO e o GRIMORIUM VERUM. Como demonstrei no meu artigo *A Trindade Infernal: Sataná, Caifás e Barrabás*, O LIVRO DE SÃO CIPRIANO teve profunda influência na formação da Jurema e da Macumba carioca, a *genetrix* da Umbanda e da Quimbanda. O GRIMORIUM VERUM, herdeiro do diabolismo e da demonologia europeia, assim como um substrato da própria ideia de bruxaria como fenômeno cultural medieval, mudou completamente a estrutura da Quimbanda, dando a ela a forma que hoje conhecemos na síntese estabelecida por Aluizio Fontenelle.

**CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO.**

**Táta Nganga Kimbanda  
Kamuxinzela**

*Cova de Cipriano Feiticeiro  
Templo de Quimbanda Maioral Exu Pantera  
Negra e Pombagira Dama da Noite*

[132] Jake Stratton-Kent. THE TRUE GRIMOIRE: ENCYCLOPAEDIA GOETICA, Vol. I. Scarlet Imprint, 2022, pp. 196-8.

Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela  
**Feitiçaria Tradicional Brasileira**

## **Beelzebuth é Chefe na Quimbanda**



Desde o tempo em que Jezabeu, que *prostituiu-se com os deuses de outras nações*,<sup>[1]</sup> trouxe a Israel a adoração de Baal (1 Reis 21), deus da fertilidade dos sírios e cananeus, que *Beelzebuth* causa problemas e consternações no imaginário cultural do Ocidente. Quem não se lembra da contenda entre Elias e os sacerdotes de Baal no Monte Carmelo (1 Reis 18: 17-40)? Querela que começa como uma herança dos ensinamentos dos profetas, que queriam provar o ininteligível para um religioso politeísta:

[1] A palavra prostituta no VELHO TESTAMENTO quase sempre se refere a uma irregularidade teológica, não tendo nada a ver com sexo ou infidelidade matrimonial. Jezabel, a esposa de Acabe, é associada as prostitutas no VELHO TESTAMENTO porque ela introduziu em Israel a adoração de Baal. Veja 1 Reis 21.

que somente o deus de Israel é verdadeiro e os outros deuses são falsos.

O que segue nessa seção é uma breve perspectiva histórica de modo a demonstrar como Beelzebuth saiu do imaginário teológico dos cananeus e sírios no contexto do VELHO TESTAMENTO (2 Reis 1:1-2) onde aparece pela primeira vez, para se tornar um Deus-Chefe na Quimbanda.

Mas antes de começar, preciso te lembrar: o mito alimenta o rito e o rito realimenta o mito. Todo impulso mágico-religioso toma como ponto de partida um mito; este mito é repetido ritualisticamente, enriquecendo no imaginário de uma cultura ou grupo religioso os alicerces hierofâni-

cos do mito, que por sua vez extrapola para o dia-a-dia das pessoas, para as práticas religiosas individuais e para as convenções sociais. Os alicerces míticos do imaginário ocidental têm duas fontes: os mitos clássicos gregos e os mitos bíblicos do VELHO e NOVO TESTAMENTO. Todas as manifestações religiosas do Ocidente, da Antiguidade a Modernidade, são alimentadas por mitologemas provenientes dessas duas fontes, em maior ou menor grau, tanto excludentes (cristianismo católico, protestante, judaísmo, islamismo etc.), como não excludentes (Umbanda, Quimbanda, Jurema, Santo Daimé, Palo, feitiçaria ibérica popular, papiros gregos etc.). Isso é importante dizer porque existe um desserviço religioso feito por sectários africanistas e outros negando o intrincado processo de miscigenação cultural que houve na formação da identidade mágico-religiosa brasileira, como vimos no Capítulo 9.<sup>[2]</sup> Como demonstrei no segundo volume do *Daemonium*, os *Papiros Mágicos Gregos* representaram no fim da Antiguidade um esforço religioso em congruir os mitos de ambas as fontes, as mitologias grega e bíblica, além de mitologemas provenientes dos egípcios, persas etc. E como veremos na Parte III, a síntese que ocorreu nos *PAPIROS MÁGICOS GREGOS* deu nascimento a sistematização ocidental da magia como a compreendemos hoje. Tal qual ocorreu no contexto sincrético dos papiros gregos, a identidade mágica e religiosa do Brasil formou-se a partir de um caudaloso caldeirão que não uniu apenas os mitologemas dessas duas fontes, grega e bíblica, mas também àqueles derivados das culturas tribais da África e América. É por conta disso que é possível encontrar uma antiga divindade da fertilidade dos cananeus e sírios, Baal, como Chefe da Quimbanda no Brasil na forma de Beelzebuth, *arconte dos demônios*. Nesse texto vamos pontuar o caminho pelo qual isso aconteceu.<sup>[3]</sup>

[2] Veja também o livro *GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA*, Parte I. Clube de Autores, 2023.

[3] Você tem duas ferramentas extraordinárias para compreender o tema do sincretismo religioso: sua inteligência e a capacidade de aprendizado e compreensão. Na cosmogonia e cosmologia do *hermetismo tradicional* alexandrino, isso são dádivas que te auxiliam

Quando *Beelzebuth* aparece pela primeira vez no VELHO TESTAMENTO na forma de *Baal-Zebub*, ele é descrito como um falso deus reverenciado pelos filisteus na cidade de Ecrom. Os israelitas traduziam esse nome como senhor das moscas, provavelmente porque a sonoridade de *zebub* era parecida com *zebal*, termo utilizado para produção de esterco, ao ponto de distorcê-lo completamente seu significado, em oposição ao seu culto. Mas é somente no NOVO TESTAMENTO que Beelzebuth torna-se o *arconte dos demônios*, ganhando notoriedade em desenvolvimentos demonológicos posteriores e na subsequente tradição dos grimórios, garantindo seu lugar na liderança hierárquica do Inferno.<sup>[4]</sup>

É na tradição dos grimórios, bem antes de tornar-se um Chefe na Quimbanda, que Beelzebuth conquistou sua apoteose. No *Grimório de Armadel* (c. 1600) o operador deve convocar conjuntamente Lúcifer, Beelzebuth e Ashtaroth para receber instruções, em primeira mão, da revolta e queda dos anjos. Como vimos no Capítulo 13, a mitologia dos anjos caídos de O LIVRO DE ENOCH está diretamente associada a Quimbanda. Em O LIVRO DA MAGIA SAGRADA DE ABRAMELIN, O MAGO (c. 1600), Beelzebuth é descrito como sendo capaz de transformar homens em bestas, quer dizer, de aumentar o potencial bestial no ser humano, despertando o poder de seus impulsos primitivos e atávicos, sendo considerado um espírito maligno capaz de causar malefícios e disseminar pragas. Em seu *DICTIONNAIRE INFERNAL*, Collin de Plancy (1794-1881) coloca Beelzebuth entre os oito governantes do Inferno. É interessante que no livro do demonólogo Charles Berbiguier (1765-1851), *LES FARFADETES* de 1821, Beelzebuth suplanta Satanás como governante do Inferno, muito provavelmente inspirado no EVANGELHO DE MARCOS (3:22-26), e a ele é

a superar todas as coisas, inclusive o mal no mundo (veja *LOGOS TELEIOS*, 16). Essas duas ferramentas te possibilitam a transcender o sectarismo para não verborrear sandices como *apropriação cultural*, que no contexto da religião e prática da magia, é de uma estupidez execrável. Veja Capítulo 9.

[4] M. Belanger. *DICIONÁRIO DOS DEMÔNIOS*. Dark Side, 2022, pp. 118.

dados o título de *Chefe Império do Inferno*. Em O TESTAMENTO DE SALOMÃO o próprio Beelzebuth reivindica seu posto de comandante sobre todos os outros demônios, com o argumento de que não se trata de um filho de qualquer anjo, mas sendo ele mesmo um anjo. Ele também declara ser o *Primeiro Anjo do Primeiro Firmamento* antes da Queda, o que o coloca em pé de igualdade com o Lúcifer das recessões medievais dos grimórios e com o próprio Samyaza, líder da rebelião dos anjos de O LIVRO DE ENOCH. Em Os Segredos de Salomão (1539-1630), o ancestral direto do GRIMORIUM VERUM (1817), Beelzebuth é atribuída a regência do continente africano e em As Verdadeiras Clavículas de Salomão (c. 1500), as Américas, junto com Ashtaroth.

É então na ocasião da *incursão diabólica* que ocorreu no segundo momento da Quimbanda no Brasil, a partir da década de 1950 na síntese estabelecida por Aluizio Fontenelle, que absorveu a corrente noturna da goécia do GRIMORIUM VERUM na Macumba, que Beelzebuth se estabelece definitivamente como um Chefe Infernal em um culto necromântico iniciático e organizado: a Quimbanda.

## BEELZEBUTH NO VELHO TESTAMENTO

As raízes históricas de Belzebuth estão com os deuses cananeus denunciados como falsos ídolos pelos profetas hebreus em sua longa e muitas vezes infrutífera luta contra a apostasia. As origens dessa luta ideológica derivam em grande parte dos descendentes da incapacidade de Jacó de se abster das práticas de expressão religiosa politeísta que seus vizinhos ainda felizmente se entregavam. Durante o exílio babilônico, os deuteronomistas, cuja teologia foi sustentada na fidelidade dos hebreus a Yahweh, empregaram esse dispositivo propagandista com particular voracidade, intitulado os deuses de Canaã e das regiões vizinhas [como] «abominações» e «demônios que não eram deuses». Essa atitude permaneceu em grande parte intacta durante a disseminação do cristianismo por toda a Europa, com o PARAÍSO PERDIDO de John Milton refletindo a sobrevivência de séculos dessa crença com sua explicação de abertura de que os deuses de Canaã eram «idênticos aos anjos que

caíram com Satanás», embora o conceito da Comunhão dos Santos tenha tornado essa religião mais palatável para aqueles que não estavam dispostos ou [eram] incapazes de deixar de lado a reverência dos deuses e ancestrais tribais em seus primeiros dias. Tão mutável era a natureza da Igreja em desenvolvimento quando se tratava de seus esforços para fazer proselitismo, que mesmo um deus tão «demoníaco» como Odin poderia ser remodelado em uma figura suficientemente semelhante a Cristo se os moradores locais se mostrassem muito teimosos para visualizar e entender Jesus Cristo como Roma o via.<sup>[5]</sup>

Jezabel, que se prostituiu com o fértil deus Baal dos cananeus e sírios, foi mãe de Acazias, que se tornou o oitavo rei de Israel. Reinando em Samaria, Acazias sofre uma queda da sacada de seus aposentos. Temeroso por não conseguir se recuperar do acidente, Acazias, conduzido por sua herança ancestral materna, envia seus mensageiros para se consultarem no oráculo do deus tutelar<sup>[6]</sup> da cidade Ecrom, *Baal-Zebube*, no sudoeste de Canaã, uma região próspera e farta que Abraão chamou de terra prometida. Beelzebuth acabou por se tornar, com o desenvolvimento mitológico, uma deidade amalgamada, sendo a união entre Baal, deus da fertilidade, agricultura e dos trovões (e, portanto, das chuvas) e *Zebub*, deus das pestilências (e, portanto, das moscas). Hoje já existe certo consenso de que a palavra *zebub*, geralmente usada como um termo genérico para infestações de insetos,<sup>[7]</sup> trata-se do resultado de um

[5] David Crowhurst. *STELLAS DAEMONIUM: THE ORDER OF THE DAEMONS*. Weiser Books, 2021, pp. 40.

[6] A palavra Baal, que se traduz como senhor, era utilizada para uma miríade de deidades tutelares, como Baal-Adir, que se traduz como senhor poderoso, e era a deidade tutelar da cidade fenícia de Biblos; Baal-Biq'h, que se traduz como senhor da planície, e era a deidade tutelar da cidade cujo nome foi inspirado no seu próprio, Balbeque, mais tarde conhecida como Heliópolis. Quando os hicsos, povo semita que invadiu o Delta do Nilo por volta de 1700 a.C., levaram o culto de Baal para o Egito, lá ele foi associado diretamente a Set. Baal-Hammon aparece como deidade tutelar da cidade de Cartago em uma inscrição fenícia encontrada em outra cidade, Zircirli. Seu nome traduz-se como senhor dos altares de incenso, provavelmente, e foi associado pelos gregos ao ctônico Cronos e pelos romanos a Saturno. Já Baal-Karmelos era a deidade tutelar do Monte Carmelo, possuía templo e oráculo, e foi reverenciado pelo imperador romano Vespasiano (9-79 d.C.). Todos esses Baals se tornaram, com o posterior desenvolvimento da demonologia, nos Baalim do Inferno. Veja M. Belanger. *DICIONÁRIO DOS DEMÔNIOS*. Dark Side, 2022, pp. 102.

[7] Karel Van Der Toorn, Bob Becking and Pieter W. Van Der Horst.

jogo de palavras derisório que levou a corruptela beelzebul, uma divindade tutelar ctoniana filisteia e cananea reverenciada em Ecrom,<sup>[8]</sup> conectada diretamente aos ciclos transitórios das estações. Esse, aliás, foi um dos fatores que levaram os profetas do VELHO TESTAMENTO a alegar que toda prosperidade concedida por Baal aos filisteus era transitória, sob o símbolo mítico da árvore (prosperidade temporária), em detrimento da prosperidade concedida pelo deus de Israel, que era eterna (Ezequiel 31: 3-9; Daniel 4: 20-22).

Existem dois tipos de imagens demoníacas na Bíblia. Em primeiro lugar, há o estranho paradoxo do fato de que os únicos reinos que são consistentemente bem-sucedidos e prósperos são os reinos malignos. É o Egito, a Assíria, a Babilônia e Tiro que têm o nível de poder e prosperidade desesperadamente desejado pelo próprio [povo de] Israel, que o teria considerado como uma marca do favor divino se o tivesse. Assim, a prosperidade dos reinos pagãos forma uma categoria de imagem que podemos chamar de paródia demoníaca, que tem todas as qualidades da coisa real, exceto a permanência. [...] Não nos surpreende observar que, quando os profetas começam a denunciar a aparente prosperidade do Egito, da Assíria ou da Babilônia, eles usam uma imagem desse tipo [da árvore] em um contexto de paródia. [...] Níville, a capital da Assíria, era a maior cidade do mundo antigo e, de acordo com o Livro de Jonas, gastava-se três dias para atravessá-la do arrabalde ocidental ao oriental. No entanto, de repente, Níville simplesmente sumiu. Desapareceu sob as areias, onde permaneceu até meados do século XIX. Quase imediatamente depois que foi destruída, tornou-se impossível, para qualquer pessoa, localizar a maior cidade do mundo. Assim, a rapidez com que o poder pagão podia desaparecer quase da noite para o dia era naturalmente um tema favorito da profecia.<sup>[9]</sup>

O rito é uma mimetização do mito e o cerne do mito de Baal envolve os ciclos das estações. A narrativa mítica da vitória de Baal sobre as forças caóticas refletia a preocupação humana com a manutenção de sua existência. Baal era a divindade que



lutava perpetuamente para manutenção da vida. O caos, representado pelo deus Mot, que literalmente significa morte, afligia a ordem e ameaçava a continuidade da vida com a falta de chuvas, a aridez do deserto, a infertilidade da terra e das mulheres etc., incursões caóticas sazonais. Baal estabelecia uma contenda anual contra Mot pela manutenção da ordem e continuidade da vida por meio da vegetação e da fertilidade das lavouras, animais e mulheres.

Anualmente Baal morria e descia (catábase) ao Submundo. Essa é a fórmula mágico-ctônica do Sol da Meia Noite, o Sol que brilha nas profundezas da terra, o mundo dos mortos. Com sua descida ao Submundo, estabelecia-se a estiagem e as sementes morriam. É sua esposa, Astarte (em outras recessões míticas é Anat), que derrota Mot, jogado por ela em um holocausto sacrificial do qual das cinzas ressuscita Baal (anábese), que restabelece as chuvas e a fertilidade da terra. Essa fórmula mágica é típica de sociedades agrárias e cultos ctonianos.

Quando os israelitas chegaram em Canaã, eles se depararam com o culto multifacetado de Baal, porque cada região, os

Dictionary of Deities and Demons in the Bible. Brill, 1999, pp. 154-5.

[8] Ibidem.

[9] Northrop Frye e Jay Macpherson. A Bíblia e os Mitos Clássicos: A Estrutura Mitológica da Cultura Ocidental. Sétimo Selo, 2023, pp. 24-5.

territórios palestinos da Jordânia, do Líbano e do sul da Síria (Números 34: 1-15; Deuteronômio 3:8), possuía um Baal tutelar. Os Baals ou baalim eram divindades masculinas que possuíam contrapartes femininas, as astarotes (Ashtaroth).<sup>[10]</sup> E não é interessante que este princípio de contraposição da polaridade macho-fêmea (que permeia todo o imaginário religioso ocidental e oriental)<sup>[11]</sup> se repita na cosmo-

[10] M. Belanger. DICIONÁRIO DOS DEMÔNIOS. Dark Side, 2022, pp. 101. Tecnicamente os Baalim eram os espíritos dos locais de poder, i.e. da terra ou geografia mágica: rios, árvores, montanhas etc. e que posteriormente entraram para as listas demonológicas como demônios. Veja Capítulo 12. Canaã era uma sociedade politeísta e de cultura altamente pluralizada, com grande diversidade de ideias religiosas em intercâmbio umas com as outras, o que configurava uma multiplicidade de cultos espalhados pela região. Por causa disso, muita ênfase era dada aos cultos ancestrais familiares. Cada família possuía seu culto particular a um certo arranjo de divindades para apaziguar a ira de espíritos demoníacos. Veja André Daniel Reinke. Os Outros da Bíblia. Thomas Nelson Brasil, 2023, pp. 134-6.

[11] No imaginário simbólico do Ocidente e Oriente, as funções metafísicas dos gêneros (macho-fêmea) e a relação de polaridade contraposta que se estabelece entre eles, está no cerne de quase todos os sistemas religiosos. O LOGOS TELEIOS (Asclépio latino), uma das mais belas e inspiradas escrituras do hermetismo alexandrino, lemos (Verso 21): Tudo que é animado ou inanimado, já que é impossível que sejam inférteis todas as coisas que existem. Se removeres a fecundidade de tudo que existe, será impossível que existam para sempre. Afirimo que {a sensação e o crescimento são também próprios da natureza das coisas e que o mundo} contém crescimento em si e preserva tudo que deverá surgir. Pois todo sexo está pleno de fecundidade e a junção ou, de forma mais exata, a união de ambos é algo incompreensível. [...] Apreende isto em teu intelecto como algo mais verdadeiro e mais claro do que qualquer outra coisa: Deus, o mestre de toda a natureza, idealizou e garantiu a todas as coisas o mistério da procriação que leva à eternidade e no qual surge a maior afeição, prazer, felicidade, desejo e amor divino. Talvez fosse necessário que se explicasse quão grande é a força e a intensidade desse mistério, porém cada pessoa já o sabe se deixar se orientar pela contemplação e pela consciência interna. Se reparares no derradeiro instante de regozijo após a fricção, quando duas naturezas entregam seu sumo uma à outra e uma como que rouba o amor da outra parte, enterrando-o em si, então, finalmente, nesse instante, por meio do acasalamento, as mulheres recebem a potência dos homens e os homens se deixam exaurir com a letargia das mulheres. Portanto, o ato desse mistério, tão doce e vital, é realizado em segredo para que a divindade que surge em ambas as naturezas do acasalamento sexual não se sintam obrigadas a sentir qualquer vergonha. E no Da Natureza de Parmênides, um poema anterior a Platão, lemos (B12, 13, 17 e 18): Pois as coroas mais estreitas enchem-se de fogo sem mistura E as que vêm à noite depois destas, mas com elas lança-se uma parte de chama. No meio delas está a divindade que tudo governa; Pois em tudo comanda o parto doloroso e a mistura, Impelindo a fêmea a unir-se ao macho, e ao contrário o macho à fêmea. Primeiro que todos os deuses, concebeu Eros. À direita os machos, à esquerda as fêmeas. Quando a mulher e o homem juntos misturam as sementes de Vênus, a força que se forma nas veias a partir de sangue diversos,

gonia da Quimbanda, onde Beelzebuth é o Sol e Ashtaroth é a Lua? Pombagira não é a contraparte de Exu?

O culto de Baal incluía sacrifícios diversos, até de crianças,<sup>[12]</sup> e rituais orgiásticos onde as secreções sexuais eram diretamente projetadas sobre o solo, representando a própria fecundação da terra.<sup>[13]</sup> Nas culturas religiosas do Mundo Antigo, a mulher mantinha uma conexão mágica com a Terra, como vimos no Capítulo 2. Uma vez que ambas estão ligadas à reprodução e à fertilidade, elas podem ser fecundadas e são capazes de reproduzir a vida. Foi a partir da noção da fecundidade da terra e do cónubio entre os deuses para criar a vida nos mitologemas onde o deus fecunda a deusa, que surgiu a ideia da relação sexual ritual para a melhoria das colheitas.<sup>[14]</sup> Era esse o papel da deusa Astarte em Canaã.<sup>[15]</sup> Nos templos de Baal havia a prostituição ritual, onde as sacerdotisas ofereciam serviços sexuais para aqueles que buscavam por plantações e colheitas mais prósperas. A prostituição ritual que aqui me refiro não se trata do sentido corrente e moderno que ganhou o termo prostituição. Essas sa-

mantendo em equilíbrio, gera corpos bem formados. se, contudo, misturados os sêmens, as forças se opõem, e não fazem unidade, misturados no corpo, cruéis, atormentam o sexo da criança com o duplo sêmen.

Nós nos debruçaremos na Parte III, ao discutirmos a Quimbanda no contexto do Ocultismo e esoterismo ocidental, sobre o simbolismo do hierogamos que está contido no Mistério sem Nome do Chefe Império Maioral na relação que se estabelece entre Beelzebuth e Ashtaroth.

[12] A prática do sacrifício de crianças era exclusiva dos fenícios, que eram os cananeus que viviam no litoral e diferente dos cananeus do interior, os fenícios gozaram de grandes cidades, documentação histórica e apurada expansão marítima comercial. Entre os fenícios havia dois tipos de sacrifício envolvendo crianças: os primogênitos e os molk. O sacrifício dos primogênitos era voluntário e as análises arqueológicas mostram que elas já chegavam mortas antes de serem sacrificadas no holocausto. Os molk eram crianças sacrificadas em holocaustos em tempos de crise, como o cerco de uma guerra, ou para aliviar a pressão demográfica. Veja André Daniel Reinke. Os Outros da Bíblia. Thomas Nelson Brasil, 2023, pp. 139-40.

[13] Karel Van Der Toorn, Bob Becking and Pieter W. Van Der Horst. Dictionary of Deities and Demons in the Bible. Brill, 1999, pp. 155.

[14] Mircea Eliade. O Sagrado e o Profano: a Essência das Religiões. Martins Fontes, 2008, pp. 120-22. Veja também Joseph Campbell. Deusas: Os Mistérios do Divino Feminino. Palas Atena, 2013, pp. 48-54.

[15] Carrol Poke Runyon, M.A. Seasonal Rites of Baal and Astarte. AHS Publications, 1998, pp. 69.

cerdotisas realizavam um ritual sexual na terra que seria fecundada do fazendeiro. A prostituição ritual era um ofício sacerdotal de fecundação da terra oferecido pelos sacerdotes de Baal. Daí que Jezabel, tal qual Astarte e as sacerdotisas dos templos, se prostituiu com Baal.

Todo esse simbolismo mítico-sexual do Mundo Antigo e no culto de Baal representado por sua relação com Astarte em Canaã, é herdado pela Quimbanda nas relações que se estabelecem i. entre os Maiorais, onde o Lúcifer andrógono manifesta o deus Beelzebuth e a deusa Ashtaroth, que mantêm relações mítico-sexuais na criação dos Reinos da Quimbanda e individualidade humana; ii. entre Exu e Pombagira, os Gangas polarizados macho-fêmea que nascem da interação sexual de Beelzebuth e Ashtaroth.

Os embates que sucederam entre os israelitas e os sacerdotes do culto de Baal deram origem as polêmicas suscitadas pelos profetas no VELHO TESTAMENTO. O incidente que envolveu o bezerro de ouro, porque o touro era um símbolo de fertilidade e força no imaginário do Oriente Médio, foi resultado das incursões de Baal dentro do culto ao deus de Israel.

O touro era uma popular imagem de fertilidade nos países vizinhos [dos israelitas], e por isso é encarado com alguma desconfiança [...]. No Antigo Testamento, por exemplo [...] Araão o sumo sacerdote, levou as tribos de Israel à idolatria fazendo um bezerro de ouro como um ídolo. «Bezerro» aqui significa touro. Esse é um tipo que se repete posteriormente, quando o reino é dividido entre as dez tribos do norte de Israel e a tribo de Judá. Jerobão, o rei de Israel, estabelece santuários locais com o emblema de um bezerro de ouro – que novamente significa um touro – indicando, assim, seu afastamento da linha religiosa ortodoxa. Nos tempos do NOVO TESTAMENTO, o grande rival do cristianismo no território do Império Romano era a religião chamada mitraísmo, em que o principal evento do ano era a celebração do nascimento do Sol em 25 de dezembro. O mitraísmo atingiu todos os cantos do Império Romano. [...] O grande emblema do mitraísmo era o touro, e seu grande rito era o sacrifício de um touro. Esse rito era a repetição de um mito original da Criação e é, também, um paralelo exato do sacrifício cristão de um cordeiro que é, segundo o Livro do Apocalipse, «imolado desde a fun-

dação do mundo». É esta afinidade do touro com os reinos pagãos que o elimina como uma imagem normal de um mundo pastoril; e, com efeito, quase podemos classificá-lo como uma imagem demoníaca.<sup>[16]</sup>

Desse conflito teológico, posteriormente resultou a demonização de Baal nas culturas abraâmicas subsequentes, onde Beelzebuth chegou ao posto de *arconte dos demônios* do Inferno, e muitos outros desenvolvimentos demonológicos posteriores, como os Baalim infernais e o demônio Belfegor.<sup>[17]</sup>

Um dos poucos demônios a receber nome próprio na Bíblia, Belzebu é um dos mais conhecidos. Ao longo dos anos, passou a ser visto como um dos principais dignitários do Inferno. Mas, antes de ser um demônio, ele foi um deus. O nome Belzebu é provavelmente uma forma de Baal Hadad, deus das tempestades que aparece na mitologia dos antigos sírios e cananeus. [...] Baal Hadad é lembrado como Belzebu por conta de um processo de demonização: muitos dos demônios mencionados no VELHO TESTAMENTO não eram demônios, mas sim deuses que pertenciam a culturas rivais. Para dissuadir os antigos israelitas de venerar essas divindades estrangeiras, os deuses passaram a ser representados como malignos ou monstruosos.<sup>[18]</sup>

## O ARCONTE DOS DEMÔNIOS

Os profetas sempre trouxeram às suas culturas alguma condenação de um mal no mundo: um lapso na religião correta, talvez, ou algum tipo de bruxaria ou feitiçaria, ou algum tipo de espírito maligno, cuja existência, afirma o profeta, causou estragos e poluição na sociedade e no cosmos. De fato, o que torna o profeta atraente para a cultura, mesmo que ele possa aparecer como um estranho com noções destrutivas de renovação cultural, é sua representação desse mal como um sistema e uma ameaça à sociedade: demônios e sua natureza, talvez sua relação com Satanás, bruxas e como elas operam, e os sinais pelos quais podemos conhecê-las. Ainda mais importante, o profeta demonstra como o mal pode ser localizado e depois purgado, oferecendo ilustrações dramáticas como o exorcismo ou a identificação de bruxas. No final, se ele for bem-

[16] Northrop Frye e Jay Macpherson. A Bíblia e os Mitos Clássicos: A Estrutura Mitológica da Cultura Ocidental. Sétimo Selo, 2023, pp. 60-1.

[17] M. Belanger. DICIONÁRIO DOS DEMÔNIOS. Dark Side, 2022, pp. 101.

[18] Ibidem, pp. 102.

sucedido, o público sente confiança de que o profeta entendeu as realidades culturais locais dentro de um sistema maior e credível – demonologia ou conspiração – e que seus meios de purificar a cultura são poderosos e eficazes. De fato, ao abraçar a ideologia do profeta e se submeter a seus rituais de cura e purificação, o público permite que uma nova dispensação – uma cultura livre de demônios ou bruxas ou doenças – ocorra.<sup>[19]</sup>

Quando Beelzebuth aparece pela primeira vez como o *arconte dos demônios* no EVANGELHO DE MARCOS,<sup>[20]</sup> i.e. como o príncipe regente de todos os espíritos infernais, haviam muitas personalidades carismáticas alegando a capacidade de expulsar demônios através do exorcismo. E como a linha que distingue a prática de expulsar demônios pelo exorcismo e a Arte da goécia, a capacidade de comandá-los à vontade,<sup>[21]</sup> é muito tênue, essas personalidades carismáticas eram muitas vezes acusadas de serem feiticeiros (*goês*), como o próprio Jesus o foi. Comentando as similaridades entre as ações exorcistas de Jesus e os feitiços dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS, dentre

[19] David Frankfurter. *Evil Incarnate: Rumors of Demonic Conspiracy and Satanic Abuse in History*. Princeton and Oxford, 2006, pp. 33.

[20] O EVANGELHO DE MARCOS foi por muito tempo considerado posterior e até inferior aos evangelhos de Lucas e Mateus. Santo Agostinho chegou a acusar Marcos de abreviador de Mateus. Mas estudos recentes comprovaram que o EVANGELHO DE MARCOS é anterior aos de Lucas e Mateus, e que estes, além de posteriores, incorporaram material de outras fontes. Não se conhecem os verdadeiros autores dos evangelhos, e os nomes dos apóstolos e seus discípulos foram a eles atribuídos posteriormente para adquirir credibilidade. Veja Humberto Maggi. *O Diabo*. Clube de Autores, 2022, pp. 67-8.

[21] E como vimos na Parte I, a distinção entre um morto sem descanso e um demônio também era muito tênue. O *O goês* é um homem que acorda os mortos através da lamentação, um papel tipicamente feminino, mas também é associado por escritores antigos com a iniciação em cultos de mistério, protegendo os vivos da ira de fantasmas irritados através de encantamentos escritos e cantados. Graf define o *goês* como um homem que combina cura, magia e a convocação da alma dos mortos. Robert Conner. *Jesus the Sorcerer: Exorcist & Prophet of Apocalypse*. Mandrake, 2006, pp. 100. Não demoraria muito para estabelecermos um campo semântico, que é uma nuvem de palavras recorrentes, nas quais o termo *goês* estava essencialmente entrelaçado: Heráclito (final do século VI a.C.), conforme supostamente citado por Clemente de Alexandria (século II d.C.), os associa com «aqueles que vagam à noite (nyktipolois): Magi (magois), bacantes (bakchois), ménades (lênais), iniciados (mystais)». A maioria das outras pessoas teria diminuído o tom de tal avaliação, relacionando-os também estreitamente com charlatões, bem como impostores e profanadores da religião oficial. Frater Archer. *GOÉTIC COMMON SENSE: AN INTERLUDE FOR THE INVETERATE CHTHONIC SORCERER*. PDF do autor, disponível na Theomagica, pp. 10.

os quais haviam aqueles que incluíam o nome de Jesus, John Diminic Crossan diz:

Jesus, como um popular mago judeu do primeiro século [...] pode muito bem ser comparado aos magos profissionais que possuíam esses papiros mágicos, mas isso deve ser estabelecido comparando suas ações, não presumindo seus motivos.<sup>[22]</sup>

Os exemplos que encontramos dos exorcismos de Jesus no NOVO TESTAMENTO, como no Evangelho de Mateus (17:18) em que ele repreendeu o demônio que saiu do corpo do menino, e no Evangelho de Lucas (9:42) onde o demônio coloca o menino em convulsão, mas logo é expulso pelo comando de Jesus, quer dizer, as descrições dos efeitos físicos e dramáticos desses exorcismos, demonstra que eles foram editados para transparecer que são fruto da santidade de Jesus, e não de seu poder de magia, quer dizer, foram descritos de maneira a se tornarem mais milagrosos e menos mágicos. E isso virou tendência na época, porque muitas das proezas mágicas demonstradas pelos magos eram as mesmas possuídas pelos santos, mártires e apóstolos.

Os exorcismos são mantidos [nos evangelhos] como evidência do status divino de Jesus, os detalhes de sua performance foram um constrangimento para a igreja – eles retratam um Jesus que pode ser considerado apenas como um entre muitos homens santos itinerantes que operavam maravilhas. A essa alta, a teologia já estava se afastando constantemente do Jesus histórico, cujas falhas, particularmente sua reputação como mago, estavam sendo repassadas ao mesmo tempo que seu currículo oficial estava sendo editado.<sup>[23]</sup>

Os magos inspirados pelo demônio deveriam tornar-se impotentes ou converter-se ao Cristianismo. A simples condenação, porém, logo passou a ser vista como ineficaz e dispendiosa. Hábitos tinham sido formados pelas velhas ideias e costumes, os quais podiam ser tenazes. Alguns desses pseudopartidários dos malévolos demônios tinham capacidades e dons que eram preciosos para a religião mais nova, os quais ela não queria se dar ao luxo de perder. Nessas circunstâncias, a atitude sábia era considerar com atenção as conversões. Com esse propósito,

[22] Citado em Robert Conner. *Jesus the Sorcerer: Exorcist & Prophet of Apocalypse*. Mandrake, 2006, pp. 123.

[23] Robert Conner. *Jesus the Sorcerer: Exorcist & Prophet of Apocalypse*. Mandrake, 2006, pp. 125.

determinadas práticas pagãs talvez não tivessem de ser destruídas, mas redefinidas. Poderia ser necessário distinguir entre as ações descritas como demoníacas para esconder quais eram menos prejudiciais que outras, e tentar um acordo. Essa tendência para a contemporização tornaria-se um traço marcante no mundo do fim da Antiguidade. Esforços eram feitos para que alguns dos velhos costumes fossem mantidos, e talvez alguns dos *daimones* mais antigos recebessem um novo conceito; e também havia o empenho em restringir as forças de condenação. Alguns tipos de magia e feitiçaria eram, assim, tolerados, pelo menos por medo de algo pior, e talvez por oferecerem alguns benefícios, afinal de contas. Portanto, o processo de demonizar a magia não veio completo, mas foi sendo redefinido em seu desenrolar.<sup>[24]</sup>

Nos primeiros anos de desenvolvimento do NOVO TESTAMENTO, o mundo era povoado por demônios.<sup>[25]</sup> O EVANGELHO DE MARCOS apresenta o termo *daimonizomenous*, que significa endemoniado, i.e. o sujeito possuído por um demônio. Como vimos, o uso da palavra *daimon* na Antiguidade podia indicar qualquer divindade: deuses, espíritos tutelares, intermediários benígnos ou malignos e espíritos dos mortos. A degradação do termo *daimon* ocorreu na SEPTUAGINTA, de onde derivou as conotações negativas conectadas a sua corruptela latina: *daemon* (demônio).

A caracterização de «magia» como obra exclusiva de demônios perversos e de «magos» e «feiticeiros» como seus servos deriva de dois desdobramentos convergentes. Em primeiro lugar, o conceito de *daimon* mudou – e foi uma mudança em resposta às extensivas alterações na articulação de práticas religiosas e no poder institucional a elas atrelado. Em segundo lugar, «magia» tornou-se o termo principal usado pelo mais poderoso de todos os sistemas religiosos emergentes para descrever e condenar os

[24] Valerie Flint. *Demonizando a magia e a feitiçaria na Antiguidade Clássica: redefinições cristãs das religiões pagãs*. Em *Bruxaria e Magia na Europa: Grécia Antiga e Roma*. Madras, 2004, pp. 258.

[25] O costume de «demonizar» a «magia» e a «feitiçaria» no fim da Antiguidade veio de séculos de considerações a respeito dos demônios. Aconteceu em grande escala somente quando chegava ao fim o período [...] aproximadamente os primeiros séculos d.C., até a morte de Agostinho, em 430; mas quando veio, estava fundamentado numa crença real no poder demoníaco, uma crença muito intensificada devido a sua longa gestação. Valerie Flint. *Demonizando a magia e a feitiçaria na Antiguidade Clássica: redefinições cristãs das religiões pagãs*. Em *Bruxaria e Magia na Europa: Grécia Antiga e Roma*. Madras, 2004, pp. 257.



exercícios sobrenaturais de seus inimigos. Em suma, à medida que a prática religiosa organizada e institucional passava a ter um lugar mais proeminente na vida cotidiana das pessoas, comandada em boa parte por uma forma exclusiva de monoteísmo; e à medida que o Cristianismo, em particular, assumia por meio de seus proponentes um papel quase imperial, as visões mais antigas e vagas da interação de seres humanos com os *daimones* não podiam mais ser toleradas. O termo *daimon* foi traduzido para o demônio maligno da literatura judaico-cristã – uma figura que jamais contribuiria para o bem do homem, mas era, isto sim, seu mais horrível inimigo. Portanto, aquelas pessoas que buscavam ajuda sobrenatural segundo os antigos costumes e através de *daimon* passavam a ser vistas por muitos como fatalmente iludidas, e suas práticas como a pior espécie de magia. Feiticeiros e magos passaram a ser «demonizados» sendo declarados indivíduos submetidos somente às forças demoníacas do mal, e eram descritos como veículos que ofereciam reforços para os desígnios das mais ímpias dessas forças. O processo de demonizar foi grandemente auxiliado pela extraordinária gama de atividades que, nesse interim, caíam sob a classificação de magia.<sup>[26]</sup>

A possessão demoníaca era um fenômeno recorrente naquele período e a grande

[26] Valerie Flint. *Demonizando a magia e a feitiçaria na Antiguidade Clássica: redefinições cristãs das religiões pagãs*. Em *Bruxaria e Magia na Europa: Grécia Antiga e Roma*. Madras, 2004, pp. 257-8.

demanda de endemoniados da época proveu as condições ideais para que inúmeros exorcistas carismáticos surgissem de posse da medicina do exorcismo. Essa palavra, *carisma*,<sup>[27]</sup> é utilizada aqui no seu sentido técnico, i.e. representa o poder espiritual inato em se comunicar ou comandar espíritos. E o termo medicina também, porque inúmeras doenças eram creditadas a influência de demônios, como vimos no Capítulo 12. O exorcismo não era, portanto, somente mágico, mas essencialmente terapêutico, e fazia parte do ministério de Jesus, continuado posteriormente por seus apóstolos, que receberam diretamente de Jesus as mesmas capacidades.

No início de seu relato, Marcos apresenta Satanás com o um tentador (1: 9-13), e isso era senso comum na época. Em seguida Marcos descreve o confronto entre Jesus e um homem endemoniado por um espírito imundo, quer dizer, um demônio. É interessante que antes de ocorrer o exorcismo, o homem endemoniado reconheça Jesus como Santo de Deus. A descrição de Marcos faz crer que o poder do exorcismo estava relacionado a virtude de Jesus ser o Santo de Deus, daí sua autoridade. Por outro lado, essa autoridade é atestada por testemunhos que, por sua vez, confirmavam o poder de Jesus sobre os demônios, algo muito próximo daquilo que Paulo fez, que foi atribuir a Satanás o poder sobre os espíritos do ar.<sup>[28]</sup> Essas eram duas ideias comuns da época: que Satanás é tanto um tentador dos homens, quanto um poderoso comandante dos espíritos do ar (demônios).

É nesse contexto que Beelzebuth entra no jogo: no EVANGELHO DE MARCOS (3:20-30) Jesus foi acusado de estar possuído por um espírito imundo, i.e. um demônio, que

foi identificado pelos escribas da lei como Belzebu, e que era através do poder de Beelzebuth, segundo eles, que Jesus expulsava demônios. Essa era uma fórmula mágica muito comum e conhecida na época: o conhecimento e conversação com o espírito tutelar. Como demonstrei fartamente nos dois volumes anteriores do *Daemonium*, é por meio do poder do espírito tutelar, i.e. o paredros dos papiros gregos, o *daimon* pessoal da teurgia neoplatônica, o Sagrado anjo Guardião de Abramelin, o diabo pessoal de Fausto, o Exu na Quimbanda etc., que todo o poder para operar o milagre da magia e comandar outros espíritos é transferido ao operador. O argumento que Jesus utilizou para se defender é tanto estúpido quanto revelador. Ele faz uma pergunta retórica: como pode Satanás expulsar Satanás? De acordo com a fórmula mágica do espírito tutelar, é através desse diabo pessoal que o mago comanda qualquer espírito, mas os editores do EVANGELHO DE MARCOS ou desconheciam ou se fizeram por desentendidos. Mas por outro lado Jesus revela que Beelzebuth é apenas outro nome de Satanás. É nessa passagem também que Beelzebuth é apresentado como príncipe dos demônios. Quando Marcos inicia seu relato, ele não deixa claro a posição de satanás ou mesmo sua relação com a hierarquia de demônios. Jesus confirma, portanto, Beelzebuth como o líder de todos os demônios.

E em O TESTAMENTO DE SALOMÃO, o livro grego que inaugura a tradição salomônica e que foi escrito no mesmo período em que os evangelhos do NOVO TESTAMENTO estavam sendo editados, Beelzebuth confirma sua posição hierárquica entre os demônios e sua qualidade de espírito intermediário:

Eu sou Beelzeboul, o exarca dos demônios. E todos os demônios têm seus assentos de chefia próximos a mim. E sou eu quem faz manifesta a aparição de cada demônio.<sup>[29]</sup>

Beelzebuth revela a Salomão que ele é um dos anjos que caíram do céu, sendo

[27] A palavra (*khárisma*) surgiu na Grécia Antiga, por volta de 2.500 anos atrás. Descrevia um dom atribuído por graça divina, um tipo de vocação ou predestinação celestial, algo restrito a poucas pessoas. Contudo, a cronologia do conceito mostra como ele tem acompanhado a história do desenvolvimento das sociedades humanas, variando semanticamente de acordo com cada período e cultura e tornando-se vital para o aprimoramento das nossas habilidades sociais. Hoje, a palavra *carisma* descreve um fenômeno social muito mais amplo do que seu contexto original. Heno Ozi Cukier. *A Inteligência do Carisma*. Planeta, 2019, pp. 23-4.

[28] Humberto Maggi. *O Diabo*. Clube de Autores, 2022, pp. 68.

[29] Humberto Maggi. *Thesaurus Magicus Vol. I*. Clube de Autores, 2010, pp. 35.

ele mesmo o Primeiro Anjo do Primeiro Firmamento, e que ele era, por causa disso, comandante de todos os demônios do Submundo. Como falei no início da seção, ao apresentar-se como o Primeiro Anjo do Primeiro Firmamento, Beelzebuth colocou-se em pé de igualdade com Lúcifer, o Príncipe Rei dos demônios, como vimos, e com Samyanza, o anjo que liderou a rebelião contra Deus em O LIVRO DE ENOCH, como vimos no Capítulo 13. Além disso, Beelzebuth também se coloca como um destruidor de reis e nações. Nos *homens de Deus*, quer dizer, sacerdotes, santos e religiosos, ele ínsita desejos, pecados, heresias e atos contrários a lei. Beelzebuth também diz causar inveja no coração dos homens, instigando-lhes ao assassinato e a sodomia.

É por essas declarações, e em consequência da demonização de divindades pagãs em demônios que, além de arconte de todos eles, Beelzebuth passa também a ser o *chefe da goécia*.

## O CHEFE DA GOÉCIA

No fim da Antiguidade o paganismo encontrava-se em seu declínio final; era a derrocada da era dos deuses e da adoração de seus ídolos. O cristianismo já havia angariado muitos adeptos, porque facilitou o exercício religioso e amenizou as preocupações com a salvação da alma no pós-vida. Ser pagão não era uma atividade religiosa fácil. Os deuses exigiam sacrifícios diversos e uma grande quantidade de oferendas, e mesmo assim, não havia qualquer garantia de que a alma, efetivamente, encontraria morada no Hades; e muito embora essa não fosse uma boa opção,<sup>[30]</sup> por conta da tediosa vida no Submundo,<sup>[31]</sup> ainda assim era melhor do que vagar perdido como um fantasma pelo mundo. O cristianismo acabou com toda essa ansiedade. Já não era preciso sacrificar animais ou oferecer ofer-

[30] Veja Humberto Maggi. OPUS DIABOLI: COLETÂNEA DE TEXTOS. 2024, pp. 154. Ensaio *Padecer o destino da morte*.

[31] Veja Rafael Resende Daher (trad.). O VERDADEIRO LIBELO DOS JESUÍTAS. Via Sestra, 2021, pp. 7-27.

rendas aos deuses, bastava apenas a fé, a oração e o comportamento sóbrio na sociedade para agradar a Deus;<sup>[32]</sup> e o medo de vagar perdido fora dos portões do Hades no pós-vida foi erradicado com a garantia da salvação da alma pelo arrependimento dos pecados e a resiliência perante a prática do mal.

No paganismo as atividades religiosas eram restritas a uma classe aristocrata de sacerdotes, além de permitir que apenas os cidadãos da cidade participassem da religião. Se alguém desejasse agradar aos deuses particularmente, não era possível, pois estes somente respondiam as ações dos sacerdotes chancelados pelo Estado. É por isso que práticas religiosas como a goécia ou os cultos de mistérios, como vimos na Parte I, eram condenadas pelos aristocratas religiosos e pelo Estado. Sobre isso Frazer Archer diz:

Platão, em suas LEIS, gostou de lidar rapidamente com a ralé dos *goêtes*, pois seu estado ideal condenava qualquer forma de culto religioso privado com prisão perpétua. Isso retrata Platão mais como inimigo das práticas espirituais subjacentes ao amplo termo *goêteia* em si, do que como um protetor e preservador da ordem geral da pólis. Pois os *goêtes* eram impostores que manchavam a reputação dos cultos religiosos mágicos oficiais, ou eram renegados e desertores que, por sua arrogância e loucura, perturbavam a relação ordenada de poder, riqueza e negociações reguladas com espíritos e deuses.

Platão, assim, destaca o princípio central dos *goêtes*, e todos os seus companheiros *errantes noturnos*, como bruxas, *magoi* e *pharmakoi*, que operavam em um espírito de autodeterminação imprudente: eles eram tolos ímpios que negociavam ilegalmente com a religião e ousavam destruir linhagens familiares<sup>[33]</sup> e estados inteiros em nome do dinheiro.<sup>[34]</sup>

[32] A Igreja romana usurpou a linguagem metafísica do sacrifício e a resignificou para sua adequação as novas premissas religiosas do cristianismo. Veja Robert J. Daly. SACRIFICE IN PAGAN & CHRISTIAN ANTIQUITY. T&Tclark, 2019. Para uma discussão no contexto do paganismo, veja também Heidi Marx-Wolf. SPIRITUAL TAXONOMIES AND RITUAL AUTHORITY. PENN, 2016.

[33] [N.T.] i.e. destruir o trabalho sacerdotal de famílias aristocratas.

[34] [N.T.] assim como os sacerdotes estatais cobravam somas de dinheiro por seu trabalho sacerdotal, os feiticeiros da goécia, os *errantes noturnos*, manganeumatas das sombras, também cobravam somas em dinheiro por seus serviços mágicos. Segundo Platão, estes feiticeiros estavam interessados apenas no dinheiro,

O feiticeiro que encantava, envolvido com os *mortos sem descanso* e navegando nas marés telúricas, era igualmente um representante de um tipo estranho de trabalho espiritual, assim como, especialmente desde o século V a.C., um estereótipo difamatório comum. Ao mesmo tempo, suas personas e trabalho eram desprezados como «fraudulentos e ilusórios» e ainda temidos como «ainda assim algo perigoso».

Localizado na escada social (de descendência) em algum lugar acima do simples cortador de raízes, mas abaixo do mago profissional estatal, o *goês* apresenta o (quase esquecido) modelo da figura demoníaca da bruxa desde a Antiguidade greco-romana. Ambos representam figuras de transgressão, de violações não apenas da religião normativa, mas ainda mais essencialmente da convivência social. Sua comunhão constante não é com os seres humanos, mas com espíritos que permaneceram em grande parte sem nome e não ligados aos líderes sacerdotais dos cultos formais dos templos e igrejas posteriores.

Em um campo de tensão permanente, a representação ética do *goês* oscilava entre dois reinos: de um ponto de vista da ordem cosmológica, eles eram identificados como transgressores perigosos, violadores e causadores de crises no mundo natural, social e divino. De um ponto de vista de interesse econômico, no entanto, eles eram os agentes operativos de um mercado ilícito que negociava acesso ao poder.<sup>[35]</sup>

O cristianismo, que no fim da Antiguidade já era a religião oficial do Império Romano, democratizou o exercício religioso: agora era possível adorar e agradar a Deus em casa, orando com a família; e além disso, o exercício religioso foi estendido a todas as pessoas: aristocratas, comerciantes, camponeses, escravos e estrangeiros. Todos podiam participar da fé cristã, desde que tivessem passado pela *metanoia*, palavra grega que os cristãos traduziram equivocadamente como *arrepentimento*, deturpando o genuíno e real significado desta experiência mística.

Os filósofos, descrentes e descontentes com os métodos religiosos pagãos, teciam duras críticas contra o paganismo, como por exemplo a necessidade do sacrifício animal e a participação dos *daimones* ne-

e não possuíam, de fato, *linhagem sacerdotal aristocrata* para executar o que propunham.

[35] Frater Archer. GOËTIC COMMON SENSE: AN INTERLUDE FOR THE INVETERATE CHTHONIC SORCERER. PDF do autor, disponível na Theomagica, pp. 11-2.

les. Os argumentos tecidos por estes filósofos, por outro lado, deram fôlego ao cristianismo para acirrar os ataques contra o paganismo – a goécia, a magia, a teurgia, os mistérios etc. – e a perseguição de seus aderentes. Em uma última investida para salvar o paganismo de sua derrocada final, surge um reformador, o chefe da Academia Platônica da Síria, Jâmblico de Cálcis.

Jâmblico foi um reformador! Como filósofo ele soube avaliar com precisão os problemas de seu tempo, oferecendo ao paganismo e a filosofia helênica uma saída lúcida a prática religiosa politeísta que na sua época passava por uma perseguição radical do cristianismo que se espalhava como fogo no território de palha do Mediterrâneo desde o Séc. I d.C. Foi a reforma que Jâmblico fez no politeísmo pagão que possibilitou uma intrincada classificação de criaturas espirituais jamais vista até então. Ao revisar e reformar a ontologia neoplatônica, Jâmblico abriu caminho para futuros filósofos e escolas de mistérios classificarem e estruturarem cosmologias distintas. Jâmblico influenciou profundamente a Tradição Hermética de Mistérios.<sup>[36]</sup> Antes de Cornélio Agrippa (1486-1535) no fim da Idade Média, ele foi o responsável por uma síntese que mudaria completamente a história da filosofia e da magia.

[...] O novo olhar de Jâmblico sobre o neoplatonismo e o politeísmo religioso encontrava singela sincronia no homem helenizado de seu tempo, que ansiava tanto por um aprofundamento filosófico quanto por uma prática religiosa pagã lucidamente fundamentada. Olimpíodoro (495-570), um dos últimos filósofos pagãos a ensinar na escola de Alexandria no Séc. VI d.C., em seu comentário ao Fedro de Platão exalta as diferenças na interpretação de Jâmblico – e de Siriano (falecido em 437 d.C.) e Proclo que seguiram Jâmblico – em detrimento das interpretações de Plotino e Porfírio. Ele diz: Alguns põem em primeiro lugar a filosofia, como Plotino, Porfírio e muitos outros filósofos; outros, porém, põem em primeiro lugar a arte sacerdotal como Jâmblico, Siriano e Proclo.

O destaque dado a Jâmblico reside no fato dele saber interpretar os problemas dos pagãos letrados de seu tempo, encontrando saídas promissoras a justificativa religiosa politeísta do paganismo helênico, que sedento estava por ritos soteriológicos de aplacação de deuses e *daimones*. Enquanto Plotino se preocupou em criticar os gnósticos e Porfírio em criticar os cristãos, Jâmblico optou por não criticar ninguém, se

[36] [N.T.] Aqui me refiro ao hermetismo alexandrino ou *hermetismo tradicional*. Seria técnico dizer que Jâmblico expõe, com a teurgia, o aspecto prático da filosofia do CORPUS HERMETICUM.

limitando apenas a expor lúcida e positivamente o paganismo helênico em sua forma greco-síria. Para fazê-lo com eficiência Jâmblico precisava apresentar uma rigorosa fundamentação teórica; era preciso refundamentar e reestruturar em níveis conceituais todo o politeísmo da última fase da cultura helênica. Para resolver essa questão Jâmblico buscou na ontologia neoplatônica, estimulado sobretudo a partir dos ORÁCULOS CALDEUS, toda fundamentação para o politeísmo.

O apego à teurgia pelo paganismo popular e filosofia helênica tardia foi o ponto significativo que possibilitou Jâmblico fazer sua reinterpretação e síntese. O Logos era julgado insuficiente para garantir os fins últimos da matéria, sendo para isso importante a intervenção dos deuses propícios. O que Jâmblico fez foi possibilitar uma comunhão entre a mística filosófica e a transcendência fecunda da adoração ritualística.<sup>[37]</sup>

Um dos críticos as abordagens religiosas do paganismo, principalmente em relação a teurgia e a goécia, mas não um opositor do paganismo enquanto tradição, e severamente duro contra o cristianismo, foi o professor de Jâmblico, o filósofo neoplatônico Porfírio de Tiro. A relação entre esses dois filósofos, a importância do debate entre eles para a história da magia, com uma pequena biografia de ambos, eu ofereci no primeiro volume do DAEMONIUM, e não se faz necessário repetir aqui. O que é relevante neste contexto é que as declarações de Porfírio sobre a prática da goécia foram utilizadas como argumentos pelos cristãos para que Beelzebuth se tornasse o chefe da goécia salomônica pós *interpretatio-christiana*.<sup>[38]</sup>

No contexto sobre o qual estamos nos debruçando, este termo, *interpretatio-christiana*, trata-se da reinterpretação cristã de antigas práticas religiosas pagãs, seja para sua condenação ou para sua assimilação no corpo de doutrina. É a *interpretatio-christiana*, substanciada por filósofos como Porfírio e referendada por teólogos como Eusébio de Cesareia (265-339 d.C.) e Santo Agostinho (354-430 d.C.), contemporâneo de Jâmblico, que marca a transição

[37] Fernando Liguori. DAEMONIUM Vol. I. Clube de Autores, 2019, pp. 577-582.

[38] Veja Humberto Maggi. GOETIA: HISTÓRIA & PRÁTICA. Clube de Autores, 2020, pp. 56.

da antiga goécia necromântica grega para a goécia salomônica demoníaca que vemos cristalizada no LEMEGETON.

Em seu texto SOBRE A ABSTINÊNCIA DE CARNE, Porfírio tece inúmeros argumentos sobre as razões pelas quais os sacrifícios são realizados e condena a participação dos *daimones* malignos que se beneficiam dos sacrifícios.<sup>[39]</sup> Ele diz:

É através do tipo oposto [i.e. maligno] de *daimones* que toda a feitiçaria [*goeteia*] é realizada, pois aqueles que tentam alcançar coisas ruins através da feitiçaria, honram especialmente esse *daimones* e, em particular, seu chefe.<sup>[40]</sup>

Porfírio está dizendo que a goécia como prática religiosa lida com *daimones* malignos apenas, e estes possuem um líder. Eusébio de Cesareia em sua PREPARAÇÃO PARA O EVANGELHO cita Porfírio, que atribui a chefia dos *daimones* malignos e, portanto, a própria goécia, a uma divindade helênica ctoniana: Serápis.

E são estes [os *daimones* malignos] sobre quem Serápis governa, e cujo símbolo é o cachorro de três cabeças [i.e. Cérbero, guardião do portão do Hades], esse é o *daimon* maligno nos três elementos, água [reino ctoniano], terra [reino telúrico] e ar [reino aéreo]: estes são contidos pelo deus que os tem debaixo da sua mão. Mas Hécate também os governa, como segurando os três elementos juntos.<sup>[41]</sup>

Serápis, assim como Hécate e o Baal dos cananeus e sírios, era uma divindade ctoniana – *theo-ctonius*. Nos ORÁCULOS CALDEUS, Hécate era considerada a própria *Alma do Mundo* platônica e, como tal, estava presente em toda parte do Cosmos, por isso sua identificação com a Natureza (terra) nos oráculos, sendo um *agente me-*

[39] Esse tema foi completamente explorado em meu texto *A Demonologia de Porfírio de Tiro & Jâmblico de Cális*, a ser publicado na ontologia KALUNGA.

[40] Porfírio de Tiro. Citado por Humberto Maggi. GOETIA: HISTÓRIA & PRÁTICA. Clube de Autores, 2020, pp. 42.

[41] Ibidem. O simbolismo tradicional do tridente de Hécate ou a iconografia de Hécate com três cabeças, não se referia originalmente as fases da Lua como supõe-se no *esoterismo moderno*. Na verdade, o tridente ou as três cabeças representavam o poder de Hécate sobre os éteres sublunares: os reinos ctoniano, telúrico e aéreo.

*diador* entre os espíritos e seus reinos (*locais de poder*), portanto, uma deusa limiar entre os homens e os espíritos. É por esse motivo que seu culto ocorria em *pontos de força* ou *zonas de poder* limiarias, como as encruzilhadas, e esteve associado a Lua, porque os neoplatônicos da Antiguidade popularizaram a ideia de que a Lua é tanto um ponto de força limiar, quanto uma entidade mediadora entre os mundos Sensível e Inteligível.<sup>[42]</sup> No mesmo texto Eusébio de Cesareia descreve Hécate referindo-se a si mesma como *minha ninhada negra de filhotes de cães*, um conceito que estava presente nos ORÁCULOS CALDEUS e representava espíritos vingadores que saltam das profundezas da terra, muito provavelmente inspirados nas Erínias, deidades vingadoras que habitavam o Submundo.<sup>[43]</sup> Serápis foi uma divindade sincrética greco-egípcia, que combinava as virtudes dos deuses egípcios Osíris, que reinava no Submundo, e Ápis, o touro sagrado que representava a própria terra e era filho de Hathor. Seu nome primeiro foi estabelecido como *Aser-Hapi*, i.e. Osíris-Ápis, e foi designado como um dos deuses tutelares da cidade de Alexandria por volta do Séc. IV a.C. sob o domínio de Ptolomeu I Sóter, o primeiro faraó da dinastia lágida, que reinou de 305-30 a.C. Tendo recebido as virtudes destes dois deuses, assim como eles, Serápis era relacionado a vegetação e ao mundo ctônico, do mesmo modo que Baal em Canaã. Porfírio identifica Serápis diretamente com Plutão, também regente do Submundo e dos mortos.

Porfírio se esforça em apresentar uma imagem depreciativa da goécia em todos os contextos. É interessante que ele tenha identificado a goécia, inspirado nos ORÁCULOS CALDEUS que tiveram grande apreciação dos neoplatônicos, com os *daimones* malignos (*daimonin poneron*), e não com os mortos sem descanso (*nekydaimones*) como estudamos na Parte I deste livro. Como

vimos, a linha que distingue esses dois tipos de criaturas espirituais é muito tênue, porque ambas infligem aos seres humanos sofrimentos diversos. Mas sua associação serviu de combustível para que os cristãos associassem a goécia aos demônios e a arte das trevas posteriormente em sua recessão salomônia. E não só os cristãos seguiram nessa linha de interpretação. Os neoplatônicos posteriores, cujas ideias herdaram do mundo bizantino e influenciaram drasticamente os grimórios após o Século XI, também. No entanto, as descrições de Porfírio acerca da prática da goécia estão em sincronia e são fieis as descrições homéricas que vêm do Séc. VI e V a.C. E para ele, são estes *daimones* malignos que auxiliam os feiticeiros em seus filtros, talismãs e encantamentos, pensamento referendado posteriormente por Eusébio de Cesareia em seu PREPARAÇÃO PARA O EVANGELHO e por Santo Agostinho em sua obra A CIDADE DE DEUS, que os chamou de *demônios*. Já no tempo de Agostinho era corrente a ideia de que por trás das ações e dos poderes do mago sempre se encontrava um ardiloso demônio, o que não deixa de estar em sincronia com a fórmula mágica do espírito tutelar, como vimos no primeiro volume do DAEMONIUM.

Nos Capítulos 12 e 13, vimos que o cristianismo tornou os deuses pagãos e espíritos diversos da *geografia mágica* de muitas culturas em demônios. A essa altura, *daimones* malignos e mortos sem descanso foram classificados genericamente como demônios. Levando as missivas de Porfírio a sério, e se baseando nelas, foi o bispo Eusébio de Cesareia quem, de fato, nomeou Beelzebuth como chefe da goécia. Ele diz em seu PREPARAÇÃO PARA O EVANGELHO:

E quem o poder que as preside acontece de ser, será esclarecido novamente pelo mesmo autor, que diz que os governantes dos daemon maus são Serápis e Hécate, mas a escritura sagrada diz que é Beelzebul.<sup>[44]</sup>

[42] Sarah Iles Johnston. Hekate Soteira. Scholar Press, 1990, pp. 29.

[43] Humberto Maggi. GOETIA: HISTÓRIA & PRÁTICA. Clube de Autores, 2020, pp. 47.

[44] Citado em Humberto Maggi. GOETIA: HISTÓRIA & PRÁTICA. Clube de Autores, 2020, pp. 56.



É essa passagem de Eusébio de Casareia que marca a transição da goécia grega para a goécia salomônica e, neste contexto, Beelzebuth é declarado o chefe da goécia. É Beelzebuth, portanto, o Arconte de todos os demônios no início da goécia salomônica, como ele mesmo se apresenta em O TESTAMENTO DE SALOMÃO, o livro que inaugura a tradição salomônica. Eusébio de Casareia dá continuidade dentro do cristianismo a tradição de longa data, desde o Séc. V a.C., de difamar a goécia e o *goês*. Ele diz: *Os ministrantes de fato dos oráculos nós devemos em pura verdade declarar serem daimones maus, jogando ambas as partes para enganar a humanidade.*<sup>[45]</sup>

## A CHEFIA COMPARTILHADA NOS GRIMÓRIOS

Após a entrada de Lúcifer no universo [dos grimórios], a hierarquia de espíritos encontrada nos grimórios pode ser vista como o fruto de suas emanções. Sendo andrógino, essa emanção inicial pode ser pensada como tendo produzido um princípio masculino, Belzebuth, e um princípio feminino, Ashtoreth, cujos nomes são refletidos no

[45] Ibidem, pp. 58.

acoplamento divino encontrado na segunda ordem de deuses do panteão cananeu. Uma vez manifestado, seu acoplamento levou à geração de todos os outros espíritos [demônios] do domínio sublunar. Entre os maiores desses espíritos estão os quatro Reis Cardinais – dois dos quais são masculinos na aparência e dois dos quais são femininos que receberam o governo sobre os quatro elementos do reino terrestre e são governados coletivamente pelo arquidemônio Satanás, que governa a totalidade dos elementos. Na linha de textos que seguem as tradições do LIVRE DES ESPERITZ e do LIVRO DOS OFÍCIOS [dos Espíritos], é Satanás, em vez de Ashtoreth, que aparece na trindade dominante, possivelmente devido à ênfase que essas obras colocam nos espíritos aéreos e nos Reis Elementais, a quem Satanás governa. No entanto, a presença de Ashtoreth no lugar de Satanás no triunvirato dominante do GRIMORIUM VERUM e GRAND GRIMOIRE – onde os Reis Elementais não aparecem diretamente, reflete sua posição como uma das emanções preeminentes de Lúcifer.<sup>[46]</sup>

Pelo que vimos até aqui, os evangelhos, a apologética dos primeiros padres da Igreja, e até O TESTAMENTO DE SALOMÃO consideram, pelo menos até o Séc. IV d.C., que Beelzebuth era o regente de todos os demônios do Inferno. Algumas destas fontes mencionam Satanás, como vimos. Mas por causa da polêmica que envolvia o nome *satanás*, termo que antes era considerado apenas uma *função*, a do *opositor* ou *acusador*, e não um nome próprio, talvez ele fosse menos utilizado para designar o chefe dos demônios,<sup>[47]</sup> ou era mais um dos nomes dele.<sup>[48]</sup> Seja como for, os termos *satanás* e *satã* passaram a ser utilizados pelos padres do Séc. V d.C. como referências comuns ao Diabo, de modo geral. Só que neste período um outro arquidemônio, fruto direto da primeira tradução do VELHO TESTAMENTO

[46] David Crowhurst. STELLAS DAEMONIUM: THE ORDER OF THE DAEMONS. Weiser Books, 2021, pp. 39.

[47] Humberto Maggi. OPUS DIABOLI. Clube de Autores, 2024, pp. 296.

[48] Enquanto, originalmente, o termo *satanas*, que significa «adversário» ou «oponente», poderia ser usado [para se referir a] qualquer demônio adversário e, portanto, também poderia ser usado no plural, na literatura apocalíptica e, particularmente, no Novo Testamento, o termo está focado em um *satanas* em particular, o «Satanás» — também chamado de Diabo. (De certa forma relacionada ao uso inicial de *satanas*, o inglês também permite o plural.) Christopher Partridge e Eric Christianson. THE LURE OF THE DARK SIDE: SATAN & WESTERN DEMONOLOGY IN POPULAR CULTURE. Routledge, 2009, pp. 2.

para o grego koiné, a SEPTUAGINTA, e da primeira tradução do NOVO TESTAMENTO para o latim, a VULGATA: nascia Lúcifer, um demônio exclusivamente cristão.

Na seção anterior sobre Lúcifer nós vimos que a aparição de seu nome foi uma tormenta nos primeiros séculos do cristianismo, ao ponto de Orígenes (185-253 d.C.) refutar duas especulações correntes da época. A primeira acerca da passagem do LIVRO DE ISAÍAS (14:12),<sup>[49]</sup> de que seria uma referência não a Nabucodonosor, um homem, mas a Lúcifer sim, um anjo caído. Nabucodonosor nunca caiu do céu e muito menos era a Estrela da Manhã, ele diz.<sup>[50]</sup> A segunda, inspirada no zoroastrismo, que Lúcifer era tanto da natureza das trevas e, portanto, do mal, quanto as trevas eram independentes de Deus. Orígenes argumenta que não, porque Deus criou as trevas e, caso fosse o contrário, Lúcifer não poderia elevar-se luminoso todas as manhãs, pois sendo sua natureza de trevas, não continha em si nada de luz. Além disso, Orígenes aloca a apostasia e queda de Lúcifer antes da criação do Cosmos, diferente de muitos

autores, que o fazem pouco antes do dilúvio.<sup>[51]</sup>

A SEPTUAGINTA traduziu o termo hebraico *heilel ben-Shahar* da passagem do LIVRO DE ISAÍAS, que literalmente significa *o presunçoso filho de Shahar* para o grego *heōsphoros*, que significa *o trazedor da aurora*. O problema aqui é que este termo, *heilel* e que foi utilizado 165 vezes no Antigo Testamento (como em 1 REIS 20:1, SALMOS 10:3 ou PROVÉRBIOS 20:14 etc.), na maioria das vezes se referia a *vanglória*. Na época o termo *heilel* era utilizado intercambialmente para se referir a presunção ou ao *brilhantismo*. No entanto, o termo também era utilizado para descrever um fenômeno astrológico: o planeta Vênus que era avistado na aurora. Por outro lado, Shahar era a divindade babilônica da aurora, identificado com o planeta Vênus. Daí que a tradução ficaria: *aquele que brilha, o Filho do Amanhecer*. No Séc. V d.C. a VULGATA traduziu o grego *heōsphoros* para o latino *lucifer*, que se traduz como *aquele que porta a luz*. Por um lado, essa foi uma tradução incorreta: o equivalente grego ao *lucifer* latino é *phos-phoros*. Por outro lado, Jerônino (347-420 d.C.) optou por traduzir *heilel* por *Lúcifer*, assim parece, porque na época ambos os termos se referiam ao evento astrológico.<sup>[52]</sup> Mas é somente no Séc. XV, na BÍBLIA DO REI JAMES (1611), onde lê-se a passagem do LIVRO DE ISAÍAS (14:12): *Como caíste dos céus, ó Lúcifer, que se erguia nas manhãs! Como caíste à Terra, tu que feriu as nações; e também na obra de John Milton (1608-1674), O PARAÍSO PERDIDO (1667), que aquele que porta a luz recebe a conotação de substantivo próprio e torna-se um nome associado ao Diabo. Não apenas o uso que Milton faz do termo lux-fer é totalmente mal interpretado, como também o próprio termo (derivado da tradução errônea da Vulgata) é totalmente inadequado. A consequência disso é que a partir do século XVII Lúcifer, assim como Satanás, Mastema e Belial, tornou-se*

[49] Do hebraico para o português: *Como despencaste do céu, ó estrela da manhã, filho da aurora! Como foi derrubado por terra o que ditava sorte entre as nações!* David Gorodovits e Jairo Fridlim. TANAH. Sefer, 2018, pp. 1117. Do grego para o português: *Como o Trazedor da Aurora [Heōsphoros] caiu dos Céus, depois de ascender na manhã! Está abatido por terra, depois de exercer sua força sobre todas as Nações!* Timothy Allen Barber. SEPTUAGINTA Vol. 2. Clube de Autores, 2021, pp. 1126. Esse versículo foi atribuído a Nabucodonosor, rei da Babilônia, cujo reinado chegou ao fim em 539 a.C., quando seu império foi dizimado por Ciro II da Pérsia. Essa passagem seria o comentário do profeta Isaías sobre essa derrota humilhante e vexatória. No contexto do LIVRO DE ISAÍAS 14, os israelitas estavam para ser resgatados do exílio na Babilônia e levados de volta para Jerusalém. Ao fim o insulto ao rei assírio acaba por ser as palavras do Senhor através do profeta.

[50] João de Antioquia (429-441 d.C.) diz que, segundo Justino Martir (100-165 d.C.), o LIVRO DE ISAÍAS, ao mesmo tempo que era uma obra dramática acerca da *Queda do Assírio*, também era um prelúdio da catástrofe do Diabo, a *Tragédia de Satã*. Em outras palavras, o relato da queda do rei assírio era uma metáfora para a própria queda de Lúcifer, ao que concorda Orígenes, que opta por compreender a passagem no seu contexto oculto, metafísico e teológico, ao invés da análise da derrocada concreta de Nabucodonosor. *Aquilo que é dito em diferentes lugares, e em especial em Isaías, sobre Nabucodonosor, não pode ser atribuído a este indivíduo. Pois o homem Nabucodonosor nem «caiu dos Céus», nem era a «Estrela da Manhã», nem ele «se levanta de manhã sobre a Terra».* Orígenes citado em Hery Ansgar Kelly. SATÃ UMA BIOGRAFIA. Editora Globo, 2008, pp. 232.

[51] Hery Ansgar Kelly. SATÃ UMA BIOGRAFIA. Editora Globo, 2008, pp. 230-6. Veja também Laurence Gardner. O DIABO REVELADO. Madras, 2013, pp. 28-33.

[52] M. Belanger. DICIONÁRIO DOS DEMÔNIOS. Dark Side, 2022, pp. 280.

desde então um dos nomes comumente usados para o Diabo.<sup>[53]</sup>

Em detrimento disso, após a VULGATA Beelzebuth deixa de ser o *Arconte dos Demônios*, i.e. o chefe de todos eles, e passa a ser mais um entre eles, sendo Lúcifer, a partir daí, o novo Chefe de toda Corte Infernal dos demônios. E na sequência disso, a chefia dos demônios começou a aparecer compartilhada nos grimórios.

Em O TRATADO MÁGICO DE SALOMÃO, conhecido também como HYGROMANTEIA (1440),<sup>[54]</sup> Beelzebuth aparece como regente da direção Sul, com muitos demônios a ele subordinados, enquanto que Ashtarot figura no Oeste. Em O LIVRO DA MAGIA SAGRADA DE ABRAMELIN, O MAGO, Beelzebuth aparece como um demônio chefe de legião. Em LE LIVRE DES ESPIRITZ (1500), que tem relação direta com a lista de demônios que aparece em PSEUDOMONARCHIA DAEMONUM (1563), e por meio deste, com o ARS GOETIA (1641),<sup>[55]</sup> Beelzebuth compartilha da chefia de todos os demônios, como uma trindade, com Lúcifer e Satã. Este é um dos exemplos mais antigos onde esses nomes passaram a denominar espíritos distintos.<sup>[56]</sup> E no GRIMORIUM VERUM, a partir do Séc. XVIII, Beelzebuth passa a compartilhar a chefia de todo o Inferno com Lúcifer e Ashtarot.

Espírito licencioso, grande e maligno, é chamado de *Belzebuth*, e foi chamado antes do

tempo de Salomão de Anthaon, e é o Maior do Inferno depois de Lúcifer, e deve-se saber que ele governa os lugares orientais, e aquele que o chama deve manter seu rosto para o leste e ele aparecerá para ele em belo rosto e aparência. Ele ensina todas as ciências e dá ouro e prata àqueles que o restringem a vir, e dá uma resposta verdadeira ao que se pede a ele, e revela os segredos do Inferno se alguém lhe perguntar, e ensina verdadeiramente as coisas escondidas na terra e no mar, e assim manifesta todos os tesouros que estão descansando na terra, e guarda os outros espíritos, e deve ser chamado em bom tempo.<sup>[57]</sup>

No GRIMORIUM VERUM, Beelzebuth é reestabelecido como uma divindade conectada a fertilidade, compartilhando das virtudes possuídas pelo Zeus dos gregos e o Hadad dos acádios, estando diretamente conectado a virtudes jupiterianas. Jake Stratton-Kent diz:

A forma bem conhecida de Belzebub, que significa Senhor das Moscas, é aparentemente uma má-tradução insultuosa de origem judaica. É significativo que o Verum evite essa forma insultuosa em favor de algo mais parecido com a origem. O nome original teria envolvido uma forma de Baal, um título comum de deuses fenícios e cananeus, além de: *zvbv* (jorrando para fora); *tzabaoth* (dos Exércitos); *sabaoth* (sete). Este presumivelmente seria um título de Baal Shamem, o *Senhor do Céu*, identificado com Hadad e Zeus, de acordo com a correspondência planetária do título Príncipe, o de Beelzebuth em vários grimórios, que equivale a Júpiter. Há também um Baal Tzephon, considerado sinônimo de Beelzebuth, cujo nome está ligado ao do Tifon grego e do Set egípcio.<sup>[58]</sup>

Essa abordagem mítica de Beelzebuth no GRIMORIUM VERUM terá, como veremos na próxima seção, um impacto profundo na sua iconografia na Quimbanda. Como vimos, Baal era uma divindade associada a fertilidade (da terra, dos animais e das mulheres), das chuvas e dos raios. Um símbolo diretamente conectado a fertilidade era o touro (bezerro), e que o episódio envolvendo o bezerro de ouro no VELHO TESTAMENTO estava associado ao culto de Baal. Por outro lado, Hadad era uma divindade

[53] Laurence Gardner. O DIABO REVELADO. Madras, 2013, pp. 32-3.

[54] O HYGROMANTEIA é um dos manuscritos mágicos mais importantes da tradição dos grimórios. É nele que, pela primeira vez, vemos as antigas práticas pagãs como sacrifícios e oferendas aos espíritos, organizadas e ajustadas a tradição dos grimórios. Seu conteúdo influenciou diretamente outros grimórios, como A CHAVE DE SALOMÃO, o GRIMORIUM VERUM, O LIVRO DOS SEGREDOS DE ALBERTO MAGNO e outros. Ele contém uma detalhada lista de plantas e tabulações astrológicas que deveriam ser associadas diretamente ao exercício ritual. É o protótipo *par excellence* dos grimórios posteriores.

[55] O LIVRE DES ESPIRITZ começa seu catálogo com Lúcifer, Beelzebuth e Satanás, passando para os Quatro Reis e depois um catálogo de espíritos. Isso agora é amplamente reconhecido como a estrutura implícita por trás do catálogo de Weyer [PSEUDOMONARCHIA DAEMONUM] e do Goécia [ARS GOETIA], bem como explícita em outros grimórios relacionados da mesma família. – Jake Stratton-Kent. PANDEMONIUM. Hadean Press, 2016, pp. 27.

[56] Humberto Maggi. OPUS DIABOLI. Clube de Autores, 2024, pp. 299.

[57] LE LIVRE DES ESPIRITZ, 2. Jake Stratton-Kent. PANDEMONIUM. Hadean Press, 2016, pp. xv.

[58] Jake Stratton-Kent. THE TRUE GRIMOIRE: ENCYCLOPAEDIA GOETICA, Vol. I. Scarlet Imprint, 2022, pp. 134-5.

acadiana associada ao clima e seu nome, literalmente, traduz-se como *trovão*. Em sua iconografia, ele é representado com os chifres de um touro e segura em suas mãos um raio, representação de seu poder sobre as chuvas e tempestades, portanto, provocador de inundações e destruições diversas. Seu culto foi popular nas regiões norte da Síria e da Babilônia. As divindades equivalentes a Hadad na Grécia e em Roma eram Zeus<sup>[59]</sup> e Júpiter. E então o GRIMORIUM VERUM nos diz:

Beelzebuth às vezes aparece em formas monstruosas, como a forma de um bezer-

[59] O culto de Zeus e seu epíteto ctônico, *meilichios*, relacionado com a morte pode ser melhor associado aqui. Foram encontradas diversas referências ao culto nas regiões de Argos e Atenas. O culto era oficiado por sacerdotisas, as *hydroforai*, que iam a zona rural para limpar o templo com água sagrada da fonte *enneakrounos*. Supostamente a participação das mulheres acontecia por causa da sua proximidade com a vida e a morte (menstruação, nascimento e o contato com os mortos). Partindo disso, percebemos que Zeus poderia assumir diversas prerrogativas relacionadas tanto com a vida como quanto à morte.

Vale a pena notar que Zeus *Meilichios* serve como uma conexão entre Zeus, o governante do céu, e Hades, o governante do submundo. Devido à sua natureza ctônica, Zeus *Meilichios* foi identificado como Zeus-Hades, embora ele também estivesse associado a Ploutos, a divindade da riqueza. Apesar de ser um deus do céu que governa o Monte Olimpo, o que é ostensivamente o reino celestial muito dos cultos locais de Zeus eram de natureza ctônica, pois são dedicados a um aspecto ctônico de Zeus. Além de Zeus *Meilichios*, havia Zeus *Philius* que também era descrito como serpente, mas era uma divindade muito mais amigável associada a banquetes. Havia também uma divindade chamada Zeus *Eubouleus*, que fazia parte de uma tríade ao lado de Deméter e Kore (*Perséfone*) na Ática e que poderia ter sido tratado como uma divindade local de Ploutos ou um semideus. No entanto, havia também uma divindade separada, ou mais provavelmente um semideus ou herói, chamado *Eubouleus* (identificado com Ploutos, também), que era o guardião dos porcos dos mistérios eleusinos e que presidia a agricultura, especificamente arando e o plantio de grãos. Estranhamente, *Eubouleus* também é listado como um epíteto de Hades, bem como Zeus. Outro aspecto ctônico de Zeus, o espírito oracular Zeus *Trophonios*. *Trophonios* era o nome de um filho mortal de Apolo que foi engolido pela terra e ressurgiu como uma divindade de uma caverna perto de Lebadeia, onde também ficou conhecido como Zeus *Trophonios*.

Havia também Zeus *Chthonios*, que era Zeus da Terra, que era adorado em Boeotia e Corínto. Da mesma forma, Zeus *Katachthonios* (Zeus do Submundo), era provavelmente um nome alternativo para Hades - para aqueles que ousavam não invocar seu nome real - indicativo do papel de Hades como governante do submundo em da mesma maneira que Zeus governa o céu e seu domínio completo sobre o submundo. De acordo com Timothy Gantz (1993, 126), Hades pode muito bem ter sido um alter ego sombrio de Zeus. De certa forma, o fato de que os gregos, para evitar realmente se aproximar de Hades, tinham que reconhecê-lo; identificando Hades como Zeus *Katachthonios*, que representava a morte de certa maneira, como a sombra da vida, como a sombra daquele grande trovão e do fogo celeste (como observou Heráclito) que guiava o cosmos por toda a eternidade. Dr. José Roberto de Paiva Gomes. Zeus *Meilichios*: Culto Olímpico ou Ctônico? 6º Seminário Fluminense de Pós-Graduação em História.

ro monstruoso, ou um bode com uma longa cauda, e ainda mais frequentemente ele aparece na forma de uma mosca de um tamanho extremamente grande. Quando zangado, ele vomita chamas e uiva como um lobo.<sup>[60]</sup>

A forma iconográfica que Beelzebuth posteriormente assumiu na Quimbanda foi teriomorfa, i.e. bestial, envolvendo sempre a presença dos chifres bovinos associados a fertilidade e a força da terra. Esse imaginário mítico de Beelzebuth na Quimbanda se materializou na iconografia de Exu Beelzebuth, representado com a cabeça de um touro com chifres, muitas vezes associado equivocadamente com o Boi-Zebu (*Bos taurus indicus*), um touro grande e corpulento. O totem animal de Beelzebuth na Quimbanda é o touro, mas o bode também foi associado a ele.

## BEELZEBUTH É CHEFE NA QUIMBANDA

Como vimos fartamente até aqui neste livro, a Quimbanda como a conhecemos hoje nasce da *incursão diabólica* que Beelzebuth e os outros espíritos do GRIMORIUM VERUM fizeram para dentro da Macumba carioca, associando-se aos Exus; e estes, a partir de então, efetivamente se tornaram *diabos*.

A Macumba carioca já havia assimilado de outras práticas afro-religiosas brasileiras, como a Cabula e os Candomblés, seus espíritos. Em seguida associou-se também com o Espiritismo. No livro GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA, eu demonstrei o intenso processo de *branqueamento* que se iniciou na Macumba a partir das ideias espíritas, o que culminou na formação da Umbanda e da Quimbanda como tradições religiosas distintas. A Quimbanda começou indicar não apenas o trabalho de *feiticeiros do mal* que podiam fazer qualquer coisa por dinheiro, mas uma parte do ritual de Umbanda onde os exus atuavam contra

[60] GRIMORIUM VERUM. Citado em Humberto Maggi. OPUS DIABOLII. Clube de Autores, 2024, pp. 300.

os ataques mágicos feitos contra a casa e seus clientes.<sup>[61]</sup>

É nesse contexto do branqueamento da Macumba, na década de 1950, que surge a síntese promovida por Aluizio Fontenelle: a Quimbanda se tornaria, doravante, a *casa* e o *sistema de magia* associados exclusivamente ao trabalho de atuação dos Exus e Pombagiras, uma armada de espíritos especializados na arte da guerra mágico-espiritual.

Inicialmente os exus [...] passaram a ser associados às almas de suicidas e criminosos mortos, pessoas de natureza pervertida e prostitutas. Esses espíritos selvagens e perigosos deveriam aceitar a trabalhar para os Caboclos e Preto-Velhos, passando de «exus-pagãos» a «exus-batizados» que não mais serviriam para fazer o mal, mas apenas para praticar o bem, em troca de «luz». [...] Se tentarmos dar sentido às ideias de Fontenelle, parece que ele tenta aproximar as visões diabólicas [do GRIMORIUM VERUM] com o esquema evolutivo do kardecismo, colocando os «espíritos inferiores ou atrasados» que «compõem a casta dos maus elementos, ignorantes, sofredores, obsessores» sob o poder do Povo de Exu original. Os mortos maus são «forçados por uma lei de justiça» a habitar o reino das trevas, o lugar natural de «todas as falanges do mal sob o domínio e direção do Exu-Rei Lúcifer».<sup>[62]</sup>

Os autores dessa safra de intelectuais umbandistas como Fontenelle sistematizaram a Quimbanda como segue: se conectada a Umbanda, os Exus da Quimbanda estariam associados as práticas do bem, as limpezas e descarregos dos terreiros e dos médiuns, e a proteção contra ataques mágicos nas tronqueiras. Quando desassociados da Umbanda, os Exus da Quimbanda praticariam apenas o mal. Se conectados a Umbanda, os Exus eram servos dos Caboclos e Preto-Velhos,<sup>[63]</sup> forçados a trabalhar para o bem; mas se independentes, os Exus estariam associados apenas ao exercício do mal, como os próprios demônios da cultura judaico-cristã, aos auspícios da autoridade de Lúcifer, a esta alta associado ao próprio Diabo. Note que essa é a mesma mecânica

[61] Humberto Maggi. RAINHAS DA QUIMBANDA. Via Sestra, 2020, pp. 75.

[62] Ibidem, pp. 75 e 82.

[63] Nos Candomblés, servos dos *òrişà*.

tradicional de trabalho da goécia salomônica: os demônios são obrigados, pelo poder e autoridade dos anjos, santos e nomes de Deus, a trabalhar em função das demandas do operador. Neste caso, nem sempre, ou quase nunca, para o bem.

Com o desenvolvimento da Quimbanda a partir desse momento inicial, a ideia do *Exu de Alta* em Fontenelle se desenvolveu para o *Exu Coroado*. Se anteriormente fora da Umbanda Exu era *pagão* e quando nela, um *batizado*, no sistema da Quimbanda todos os Exus da Umbanda, Jurema, Candomblés etc., foram considerados *pagãos*, os Exus da *porteira* ou da *tronqueira para fora*. Somente àqueles Exus iniciados na *Lei de Quimbanda* são Exus Coroados, porque adquiriram o seu próprio reinado.

Em sua síntese Fontenelle apresenta toda hierarquia demoníaca do GRIMORIUM VERUM como eixo central da teologia da Quimbanda. Os Governantes do Inferno no GRIMORIUM VERUM, Lúcifer, Beelzebuth e Ashtaroth, figuraram como a *Trindade Infernal* ou os *Maiorais* da Quimbanda, sob os quais estão todas as falanges de Exus-Diabos. Fontenelle apresenta Beelzebuth como:

Beelzebuth – Segunda pessoa de Lúcifer, apresentando-se sobre formas extraordinárias, como por exemplo: na figura de um bezerro [touro] monstruoso; e às vezes como um bode de longa cauda. [...] Ele é um dos três poderes do Mal. Pelo fato de considerar-se superior a Deus, tendo pretendido elevar seu trono acima do Criador dos Mundos, Lúcifer atribuiu também à sua pessoa, três entidades nas mesmas modalidades que se conhecem na pessoa de Deus, e assim concebeu o Anjo decaído, a encarnação de sua personalidade: Lúcifer (Deus do Mal – Absoluto – O Rei das Trevas); Beelzebuth (Filho do Deus do Mal); Ashtaroth (O Espírito do Mal ou das Trevas).<sup>[64]</sup>

A iconografia de Beelzebuth na Quimbanda, assim como o sistema do culto, foi fruto de uma imbricada miscigenação cultural tendo como influência fundamental o imaginário europeu, muito mais que o africano. Como vimos, o Brasil recebeu via Europa, muito do conhecimento arcano das

[64] Aluizio Fontenelle. Exu. Via Sestra, 2024, pp. 83 e 97.

culturas mediterrâneas na Antiguidade. Falando sobre a imagem de gesso de Exu Beelzebuth, Tadeu Mourão diz:

Esta imagem traduz uma trama cultural que aproxima mitos. Os elementos da iconografia que compõem essa escultura e sua emanção simbólica – que do demônio cristão se liga às deidades pagãs europeias que remetem, por sua vez, à função mítica de Èšù orixá – o denotam fortemente.

Acredito que os nomes da mitologia judaico-cristã, como Belzebu e Lúcifer, incorporados pela umbanda em seus exus, não advêm apenas da presença do catolicismo, mas também, primordialmente, de outro viés: a feitiçaria popular portuguesa, que também se imbrica na umbanda. Práticas que evocam estas mesmas entidades em rituais de magia estão documentadas como confissões das feitiçarias à Santa Inquisição da Igreja Católica Ibérica. Uma bruxa lusitana do século XVI teria relatado um conjuro que fez a essas entidades a pedido de uma esposa aflita que desejava «amarrar» seu marido infiel para que este não a traísse mais. Nesse conjuro detectamos a presença desses demônios que auxiliavam as feitiçarias em seus intentos: «[...] eu te ligo André Fernandes e te ato o caralho e os colhões e todos os mandamentos e todos os conjuros com Barrabás e com Satanás e Barzabu, que tu não possas dormir com nenhuma mulher senão com sua mulher?».

O Exu Belzebu da umbanda pode, assim como Maria Padilha, ter surgido nesse culto, trazido pelos ritos mágicos dos portugueses feitiçeiros que se utilizavam da evocação dessas entidades em seus trabalhos de magia. Nesses ritos, grande parte das vezes, os feitiçeiros eram solicitados pela população para atenderem problemas ligados à sexualidade, à proteção e ao sucesso financeiro. Esses ritos são muito provavelmente heranças de práticas religiosas «pagãs» ancestrais, que se hibridizaram, na Europa, principalmente com o catolicismo popular. Entretanto, os entes evocados não praticavam necessariamente o que era julgado como mal. Ter ainda vivos na umbanda nomes como Lúcifer e Belzebu denota que há mais que uma simples demonização de Exu em jogo. Há também uma ligação entre as funções cosmológicas desses seres e aquelas dos demônios evocados pelos portugueses. Portanto, existe uma imbricada trama cultural de hibridações que ligam esta entidade, o Exu Belzebu, a diferentes tradições de cultos populares, todas elas livres das ortodoxias doutrinárias. Essas tradições, que aqui se encontraram, se identificaram, se atraíram e se mesclaram.<sup>[65]</sup>

Uma dessas tradições das quais fala Mourão, é a corrente mágica-viva da goécia do GRIMORIUM VERUM. Além do touro, outro animal associado a pujança genésica, a força vital e a fecundidade, e também outro totem de Beelzebuth, é o bode, animal sagrado a Afrodite e a Dionísio na Antiguidade. Tanto o touro como o bode, compartilham virtudes fundamentais com Èšù òrišà, que por sua vez possui como totem de poder o *opá-ogó*, um cetro fálico. Por esse motivo Èšù òrišà foi também associado a divindade romana Príapo, patrono da sexualidade relacionado ao deus Hermes/Mercúrio que, como vimos, também compartilha virtudes com Èšù òrišà. Beelzebuth, dessa forma, foi associado também a tudo que envolve a sexualidade, a fertilidade e a fecundidade, a força e pujança sexual, ostentando em sua iconografia um fálico *Caduceu de Mercúrio*, que herdou de Baphomet. Falando da associação entre o Baphomet de Eliphaz Levi e o Exu Beelzebuth, Mourão completa:

Exu Belzebu na umbanda, portanto, é mais que um embranquecimento ou simples degeneração do Èšù africano mestiçado e mais uma vez identificado à iconografia demonológica católica cristã. Essa escultura mostra, por meio da forma que conserva, a apropriação da gravura de Baphomet, e indica um imbricar de textos míticos, que remete a um aspecto pouco rememorado de Exu nos cultos afrodescendentes, mas que ainda se apresenta vibrante em algumas figurações da umbanda. O símbolo fálico, o bode, a dualidade complementar, todos elementos que transcendem o ente humanizado do Exu da umbanda, e que são trazidos à tona por uma ilustração ocidental europeia, representando um demônio místico. A imagem do ente esotérico de Levi não retira e nem deturpa, mas em certa medida devolve ao Exu brasileiro, por meio de suas formas e de toda emanção simbólica agregada a ela, os fundamentos cosmológicos de Èšù orixá.<sup>[66]</sup>

### **Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela**

*Cova de Cipriano Feitiçeiro  
Templo de Quimbanda Maioral Exu Pantera  
Negra e Pombagira Dama da Noite*

[65] Tadeu Mourão. ENCRUZILHADAS DA CULTURA: IMAGENS DE EXU E POMBAGIRA. Aeroplano, 2012, pp. 110-2.

[66] Ibidem, pp. 119.

# A Confusão de Doutrinas na Quimbanda

*Por Táta Nganga Kilumbu*

@quimbandamarabo | @tatakamuxinzela | @covadecipriano |  
@quimbandanago

Sabemos que até pouco tempo, o que tínhamos de material escrito e público sobre o culto dos Exus e Pombagiras da Quimbanda eram os livros Kiwanda, do Muloji sobre a Quimbanda Malê, o livro Kimbanda: Origens e Fundamentos de Quimbanda Mussurumim da Bruxa Fernanda e o livro, talvez o mais popular entre todos eles, Quimbanda: O Culto da Chama Vermelha e Preta escrito pelo Danilo Coppini da Corrente 49 e, assim, a literatura da Quimbanda e suas vertentes se concentravam principalmente sobre essas três obras, tirando os antigos escritos de Fontenelle, Molina, Lourenço Braga, Bittencourt e Antônio de Alva, é claro.

Nos últimos dez anos a literatura da Quimbanda Luciferiana se sobressaiu sobre os outros autores, tanto por questões de qualidade editorial e coesão textual, quanto por uma estruturação melhor elaborada sobre o culto. Isso levou muitos kimbandas de longa data, buscando por conhecimento e fundamentação, a se debruçarem sobre a literatura da Quimbanda Luciferiana e, por extensão, adaptando e retificando seus fundamentos mais antigos segundo os postulados dessa nova vertente. O problema disso é que muito do material encontrado na literatura da Quimbanda Luciferiana não vem da Quimbanda, de fato, mas do luciferianismo e satanismo anticósmico modernos. Essas correntes mágico-filosóficas de inclinação anticlerical e ideologicamente alinhadas à esquerda, só chegaram no Brasil em meados da década de 1990 e início da década de 2000, período onde começaram a se proliferar as vertentes de terceira onda. Um das caracte-

terísticas da Quimbanda Luciferiana, e que dá a ela sua identidade, é a forte e combatente abordagem contra o cristianismo e as ortodoxias da sociedade. Por exemplo, é somente na Quimbanda Luciferiana que se costuma utilizar os famosos pontos cantados de blasfêmia, inexistentes nas vertentes de primeira e segunda ondas (1950 e 1970 respectivamente). Como é da natureza do satanismo e do luci-



ferianismo uma abordagem descentralizada, inúmeros bandas de casa começaram a se autointitular Quimbanda Luciferiana, misturando tudo e qualquer tipo de coisa, criando sistemas anômalos. Muito embora isso seja mais velho que a memória da cultura ocidental, porque é da natureza religiosa do homem e sempre ocorreu no contexto de religiões, cultos e ordens mágicas modernas, as cópias mal feitas sempre borram o nome do trabalho original.

Por um lado, pela abrangência literária da Quimbanda Luciferiana, por outro lado, por algumas vertentes tradicionais carecerem de fundamentação – por muitos motivos como falta de acesso ao mais velhos e, portanto, aos segredos do culto – hoje podemos ver vertentes tradicionais de primeira onda como a Nãgô, uma das, senão a mais influente do Brasil, e vertentes de segunda onda como a Kirumbo, com ritos, práticas, posicionamentos filosóficos e ideológicos derivados da literatura da Quimbanda Luciferiana.

É importante dizer que nosso papel aqui não é o de fiscalizar o culto de ninguém. Todos nós sabemos que cada Reinado de Quimbanda tem a sua própria identidade. Não defendemos, também, qualquer pureza de culto, porque a própria Quimbanda nasce de um caudaloso caldeirão de miscigenação cultural. Mas no contexto da Quimbanda Nãgô, dentro do fundamento do lastro ancestral, o que buscamos é preservar a estrutura de nosso culto, que vem sendo transmitido de mestre a discípulo por gerações. É assim que se estabelece e se perpetua uma tradição. No texto Tradição x Inovação, Danilo Coppini diz:

[...] juntam fundamentos de vários troncos para justificar aquilo que nunca aprenderam, enfim, o empobrecimento da Quimbanda começa quando os argumentos se iniciam com teses catedráticas soltas. Palavras bonitas JAMAIS fizeram a Quimbanda.

Sendo assim, não há de se falar nada, não é mesmo? Vemos aí kimbandas oriundos de vertentes de primeira onda que, influenciados por adeptos de vertentes da terceira onda, renegando e destituindo antigas práticas tradicionais numa busca falsa de pureza afro-indígena, em contraposição à cultura europeia no culto de Quimbanda. Quando você adora o Opositor, você precisa do fundamento para

estar em oposição, logo, precisa do confronto. Diabo em Deus, fica difícil explicar. Tirar os símbolos cristãos ou dos brancos europeus, como queiram chamar, da Quimbanda, de dentro da Cafua de Quimbanda?

Oras, vejamos tudo que traz um simbolismo de origem católica, do catolicismo popular e da feitiçaria ibérica: tiremos os cruzeiros das almas, grandes símbolos de santificação dos locais fúnebres e dos amaldiçoados, que eram erguidos sobre antigos templos de deuses romanos ou bárbaros para impor a supremacia do Império, da Igreja e de Cristo. Já temos que começar por aqui. Afinal, inverter a Cruz só torna opositor do mesmo, e reverenciador da mesma força pelo caminho oposto. Mas se não tiver o ícone de Jesus na Cruz, só o faz um devoto de São Pedro e do Bispo de Roma. Não busquemos explicar a cruz por outros sentidos, você estará sendo equivocado, se esquivando da realidade da cruz no imaginário brasileiro, de que os Cruzeiros das Almas são marcos dos domínios da Cristandade. Seguiremos ainda retirando o tridente da mão dos Exus, de seus pontos riscados também, afinal, não adianta afirmar que o tridente é símbolo de Poseidon ou Netuno, porque quando ele chegou aqui e o macumbeiro o conheceu, foi como a arma do Inimigo de Deus, o Diabo, que foi furtado de Netuno e entregue nas mãos do Diabo pela Igreja Medieval. Atribuído a Exu pelo fato do próprio Èšú já ser nomeado anos antes pelo bispo anglicano como o diabo yorùbá. Esqueça de usar as famosas favas, head bat, que são conhecidas aqui como Garra de Pombagira, que possuem origem estrangeira.

Para ser mais oposto ao branco europeu, tiremos também as roupas dos mestres: o estilo do lorde de capa, cartola e bengala, demonstrando sua importância social, oriunda dos costumes ingleses, assim como as roupas de Pombagira baseadas nas formatações francesas da Belle Époque. Cabaré para que? Isso também é europeu. Chamemos Exu do prostíbulo ou do puteiro. Sejamos mais puros, não? Usar designação francesa (branca, europeia) para que, já que buscam purismo afro-indígena? Porque arvorar um purismo banto contra-eurocentrista e assentar Exu Lúifer não é só uma incoerência, mas desonestidade e, senão, charlatanismo.

Não se revoltam! Não foi isso que aprendi com os antigos, aprendi que você pode até tocar Quimbanda num templo de Umbanda, mas cubra o Congá primeiro, uma cortina nem que seja de rendas, vamos respeitar, ali a imagem do santo está mesmo na sua expressão pura do catolicismo popular, quem dirá devoto de òrìṣà com Jesus no lugar de Óṣàálà, complexo mas... se toca Umbanda, vamos respeitar e cobrir o Congá, afinal, isso não é novidade, já foi até relatado por pesquisadores do passado de como a Umbanda e a Quimbanda conseguiam coexistir num mesmo espaço, como falam Marco Aurélio e Lapassades. E mesmo tocando no mesmo espaço, vamos respeitar né, Quimbanda não é gira de esquerda que se toca em 20 minutos antes da sessão terminar: ela abre só com ela e se finda só com ela. Se toca Candomblé? Já está mais tranquilo, pois os ojobó dos òrìṣà já estão resguardados do espaço. O espaço tem que estar neutro. Isso sim aprendi com os antigos, aqueles que quando adentro a casa e olho pra tronqueira, vejo de um lado Ògún e do outro Exu Tranca Ruas, firmado, com sua imagem e uma imagem menor do Santo Antônio e São Miguel, que agora estão sendo renegados por aqueles que estão se influenciando pelo satanismo e luciferianismo modernos. Ou quando não, encontrava os santos replicados na cafua dos Exus, lá, realizando os propósitos mágicos e bruxedos dentro da banda, sob o aspecto de santidade e bondade, sendo que não é bem assim para quem conhece. Mas o que fazer? Se os antigos kimbandas faziam assim e os novos não? E se não era só um símbolo de aceitação de Cristo, mas um símbolo de magia, que está ali à disposição do Exu? Eu prefiro me apegar as práticas dos antigos, porque elas já foram testadas e comprovadas. Receitas novas podem dar certo, como podem dar errado.

Aprendemos que a Quimbanda é um culto individual, com uma estrutura própria, que descende de outro, porque não surgiu do nada pelas mãos do Maioral; e aprendemos que não é a Umbanda, nem o Candomblé, nem o Iṣṣé Lâgbà e nem o Catimbó de Jurema quem vai determinar o universo de conhecimento das vertentes de Quimbanda, afinal, cada um na sua, e a Quimbanda constrói o seu universo próprio. Agora, se para você ela é apenas uma ferramenta mágica e não um culto re-

ligioso, tudo bem, mas não imponha regras de outros cultos como sendo dela, pois aí se torna desonestidade religiosa e intelectual. Hoje alguns pontos já não se cantam, porque falam em nome de òrìṣà diferentes de Èṣú, mas cada vez que um kimbanda louva Exu, ele remete ao arquétipo pátrio de Èṣú, aceitando ou não. Simples assim. De igual modo o próprio Diabo europeu, cristão. Oras, as operações mágicas, toda sorte de demônios que atuam dentro de muitas vertentes cruzadas de Quimbanda com magia, tal como Bechard, Hael, Frutimiere, Baal, Andras etc., não tem nada de africano nisso, e nem tem Deus pagão purinho, mas sim muitas egrégoras construídas em cima de nomes de entidades populares maculadas (ou não) pelos padres ortodoxos e católicos os quais escreveram os mais antigos grimórios de evocação infernal. Para algo mais diabólico, afastado de Deus e de Jesus Cristo, melhor seria assimilar as ideias de Lavey, e se tornar um cristão às avessas...

Em verdade, vai chegar uma hora que vão surtar e querer adentrar a casa dos antigos mandando no que devem ou não fazer; vai chegar a hora que vão ter que parar de cantar a dona da catacumba que sem mistério, que mora no cemitério, mas que é loira, de olhos azuis, a Pombagira filha de Omolu, de certo porque é branquela-europeia. De origem africana ou indígena pura, acho difícil achar dentro de uma ancestralidade tão miscigenada. Mas quem sabe? Vamos pensar. Vou fechar como aprendi com os meus mais velhos:

Eu não tenho Pemba, não tenho nada  
Segura a Corimba Santo Antonio  
Está na hora de Exu  
Segura a Corimba Santo Antônio

Cada um com sua caminhada, enquanto a caravana passa, alguns quebram, outros perdem seus cavalos, o pneu do carro fura, mas ela não para. Só prossegue. O antigo não é ultrapassado e nem errado para quem tem a sabedoria e o conhecimento de que Exu não é guardião ou porteiro de viver em quartinho ou casinha de cachorro, mas quem sabe que Exu é Rei e digno de viver num Reinado.

*Tata Nganga Kilumbu*

# Santo Antônio na Quimbanda Nàgô

*Por Táta Nganga Kilumbu*

@quimbandamarabo | @tatakamuxinzela | @covadecipriano |  
@quimbandanago | @covadetiriri

O cenário atual da Quimbanda aos olhos dos nossos ancestrais deve ser espantoso, levando em consideração a inserção de tantos elementos estrangeiros e ideologias «separatistas» que colidem com quaisquer práticas que sejam oriundas das Macumbas e Calundus. Existe um lugar para o satanismo na Quimbanda, àquele satanismo de tipo «universal» tratado no livro *Ganga: a Quimbanda no Renascer da Magia* de Táta Kamuxinzela, não o satanismo luciferiano anticósmico contemporâneo. A Quimbanda Nàgô não perde tempo e energia para combater as ideias e os pilares teológicos do cristianismo; em verdade pouco nos importa qualquer religião que seja, porque estamos concentrados no nosso crescimento

individual como feiticeiros e na expansão do reinado do Chefe Império Maioral. A Quimbanda como inimiga feroz do cristianismo surge com a Quimbanda Luciferiana a partir de 2010. Se você leitor enxerga o Cosmos desta forma, então é melhor buscar a Quimbanda Luciferiana e está tudo bem. Mas não imponha, por outro lado, seu conhecimento flagelado pelas crenças religiosas das igrejas dentro de uma vertente que não está nem aí para isso.

Quando a Quimbanda Nàgô começa se estruturar como culto religioso, ela surge como uma expressão fiel da Macumba carioca, trazendo em si os traços fundantes da formação da Macumbas, que se originaram da mescla de três grandes culturas religiosas: indígena, africana e europeia. Quando falamos de bruxaria europeia, devemos nos ater principalmente aos conceitos e práticas da feitiçaria ibérica como transmitida e demonstrada pelo O Livro de São Cipriano, e a prática «diabólica» ou «satânica» de associar Anjos e Santos, e até mesmo os nomes divinos da cultura judaico-cristã, aos ritos de trabalho com os demônios nas práticas de feitiçaria, onde os Santos passam a ser conjurados para trazer os benefícios místico-teúrgicos de purificação da Igreja Católica, mas também benefício seculares, como um bom casamento ou forçar alguém se enamorar por outrem. Oras, os



famosos modelos de O Livro São Cipriano estão por aí espalhados, e sabemos que eles refletem na magia popular a bruxaria folclórica dos povos ibéricos; logo, uma passagem simples ali, já se explica muita coisa. Não se trata de catolicismo popular, se trata de feitiçaria do povo; é entender que tudo na natureza tem à seu modo, da mesma forma como os bantos que quando se depararam com essas culturas em solo brasileiro, compreenderam a força que poderiam agregar em seu culto antropofágico. Entender isso é entender que tudo tem um símbolo; uma imagem pode remeter a algo, mas trazendo fundamento de outra coisa, basta saber preparar.

De certa maneira sim, o chamado catolicismo popular é uma fórmula mágica profana, das pessoas comuns, onde benzedeadas, necromantes e feiticeiros do povo desenvolvem suas técnicas de curandeirismo, magia e espiritualidade para alcançar efeitos mágicos palpáveis; e sim, se olharmos bem atentamente, essa manifestação religiosa popular integra as bases da magia/bruxaria popular, estas mesmas que influenciaram o Espírito de São Cipriano, assim como diversos grimórios e práticas da bruxaria popular ibérica, aquela afastada das fórmulas eruditas mouras ou de origens salomônicas. O dito «luciferiano» ao ler isso já encherá sua boca ou seu texto de ódio em tentar bater de frente com tal premissa dizendo que somos «servos do demiurgo maligno», que «somos a quimbanda demiúrgica» e por aí segue as sandices que rondam o imaginário desse povo. Mas pare e pense: eu utilizar um nome de um ser sagrado para os católicos em uma prática que é veementemente proibida pelo catecismo, é «obra do Diabo», afinal as bruxas portuguesas o faziam, assim como os ciganos também o faziam e ainda fazem em suas magias.

Podemos perceber essa herança da feitiçaria popular, com práticas católicas reinterpretadas pelo povo, pelo feiticeiro e pela necessidade, como na figura de Santo Antônio sendo afastado do menino Jesus em seu colo, como um sequestro simbólico de que se o Santo não fizer determinada coisa – no caso arranjar um casamento – o menino Jesus (sua fonte primordial de poder) lhe será retirada. É como se fosse um sequestro mágico com a promessa da troca. Vemos também dentro da prática de afogamento da imagem do santo de cabeça para baixo, enquanto ele não traz a pessoa amada. Tudo isso é uma reinterpretação popular, baseada nessa feitiçaria popular, que pode e deve ser entendida e usada com parte da feitiçaria brasileira.

Mas se não concorda com isso, o Diabo que você acredita está fundamentado em que? Qual a pedra angular de conhecimento que você crê e coloca em oposiçãoes?

Portanto, os antigos kimbandas ao observarem todos esses bruxos e feiticeiros portugueses que vieram para cá em meio a toda sorte de gente, e ao notar a força espiritual destes nomes e seres, souberam manipular bem estas forças, a ponto até que em solo africano na época de Mwenekongo, havia até um *nkisi* que surge de um santo, o chamado Ntoni Malau. Em verdade, a Quimbanda Nãgô é Macumba, e não um palco para satanista rebelde sem causa, que em maioria são todos revoltados contra o sistema ou contra o cristianismo; sendo que muitas das vezes não é incompetência religiosa, e sim incompetência pessoal mesmo. Espírito algum gosta de gente tola.

Dentro da Quimbanda, em especial a Quimbanda Nãgô, existe a presença dentro do culto, ou melhor a herança da feitiçaria popular ibérica na qual o morto sagrado do catolicismo, i.e. um santo, alvo de muitos mitos e lendas – principal-

mente na região portuguesa e que chega ao Brasil repleto de «atos milagrosos», tal como se materializar em diversos locais ao mesmo tempo, o que aproximou os santos sincreticamente a Èšú òrìšà, o senhor dos caminhos, que se encontra em todos os limiares do àiyé – é cultuado. Igualmente, baseado neste tipo de sincretismo, Santo Antônio fora sincretizado também com Ògún òrìšà, demonstrando sua força em defesa e proteção, pelo fato de ter salvo a Bahia de invasões estrangeiras segundo as crenças populares. Assim, o culto a este santo começa a se mesclar com elementos da magia popular europeia acrescida das virtudes de ambos òrìšà desbravadores dos caminhos.

Como Táta Kamuxinzela demonstrou no livro *Ganga: a Quimbanda no Renascer da Magia*, o Exu-Diabo da Quimbanda possui todas as virtudes que esses dois òrìšà, Èšú e Ògún, carregam. A junção dessas virtudes, por outro lado, se concentra em um Santo-Exu: no fundamento de Santo Antônio de Quimbanda Nàgô. Assim como na cultura yorùbá Èšú, a força espiritual de comunicação com todo o Cosmos, é deveras convocado para consagração de magias (oogun), para ẹbó, para despachar o ibi (negatividade) e os ajoguns (forças destrutivas do cosmos), de forma semelhante Ògún atua nos embates às forças contrárias à vida humana. O Santo Antônio na Quimbanda surge com essa força de ponto de equilíbrio entre as virtudes destes òrìšà. É o fundamento que dentro da Quimbanda Nàgô atua literalmente como um ponto de sustentação da banda dos Exus, sendo saudado num ponto antigo:

Eu não tenho Pemba,  
não tenho nada,  
segura corimba Santo Antonio,  
está na hora de Exu,  
segura a corimba Santo Antônio.



Logo, o espírito de Santo Antônio dentro da Quimbanda Nàgô é um mistério, um fundamento bem profundo que não se resume apenas ao que está exposto aqui, pois não é possível revelar a totalidade dessa força. Mas este espírito que chamamos de Santo Antônio, que oras é associado ao Santo Antônio de Pemba, Santo Antônio da Limeira ou mesmo Santo Antônio Negro, atua dentro da Quimbanda. Por outro lado, é um fundamento que remete à sua formação, herança das Macumbas cariocas e da magia popular brasileira. Por este motivo, um kimbanda nàgô das antigas sempre possuíam o seu fetiche consagrado e ocultado na face de Santo Antônio, e os novos que seguem o exemplo e mantêm vivo os fundamentos dos antigos, detêm também este totem feiticeiro. Não é ser católico, não é ser cristão; mas um feiticeiro tradicional brasileiro.

*Tata Nganga Kilumbu*



## Ninguém se forma sem o fundamental

Eu gosto muito de pensar, talvez tivesse cursado filosofia em uma outra situação de vida, entretanto pensar é um prazer para mim, mas que em alguns momentos se torna uma tortura, afinal, com o pensamento vem o discernimento e a crítica. Crítica, ao contrário do que é pregado pelo conhecimento popular, não é uma inferiorização ou um juízo negativo sobre algo. A crítica é um exercício de julgamento? Sim, mas por ponderação. Pode ser que a crítica seja algo positivo, criticar é analisar algo e definir as suas impressões sobre isso. Percebam que disse “as suas impressões”, ou seja, não é uma regra universal e pode até ser percebida de uma outra maneira por alguns. Eu por exemplo adoro coentro, mas tem gente que odeia, são dois tipos de críticas opostas.

O pensamento crítico é fundamental para o exercício da intelectualidade e para você evitar ser pego em situações contrárias à sua vontade. Exercer o pensamento crítico é dominar a si mesmo e poder definir se algo que se ouve é exatamente como deve ser ouvido ou se estão tentando te ludibriar.

O cenário religioso é um terreno fértil para pessoas que gostam de se aproveitar

da fragilidade alheia. Claro, que em muitos casos, as pessoas generalizam tudo, como o caso do “dinheiro” na religião. Não vejo como negativo você dar dinheiro para seu terreiro, para comprar os itens da sua oferenda, para pagar o pai de santo que irá fazer isso, afinal ele está dispondo de tempo, de vitalidade, de conhecimento e de axé para te atender. Entretanto, sabemos que tem gente que “inventa” um problema para vender uma solução. O problema é que as soluções são bem temporárias e sempre fica sendo necessário acrescentar um “anexo” ao contrato principal. Óbvio que existem casos em que realmente é preciso fazer mais de um trabalho ou reforçar trabalhos, mas nem sempre é assim, então devemos ser bem claros e transparentes quando isso ocorrer.

Seja como for, o que queria trazer nesse texto é que a Umbanda como conhecemos está morta, como já disse em outros artigo neste blog, entretanto o perigo agora é a Quimbanda, que parece caminhar para o mesmo rumo. Veja bem, eu não sou contrário a manifestação múltipla da religiosidade e da magia, mas sou crítico daqueles que oferecem um “supletivo” para que a pessoa

alcance a maestria de forma inadequada, despreparada, só para ter um título a ser exposto nas redes sociais, pois se trata disso, títulos e visibilidade nas redes. Pense comigo, se uma pessoa adentrou agora a Quimbanda, como ela pode se tornar mestre da arte se ela ainda está conhecendo o terreno que está pisando? Ela nem afinou direito o instrumento mediúnic, não estreitou os laços com Exu após a iniciação – que muda muito – não conseguiu ainda nem sequer fazer trabalhos para si, como ela vai começar a cuidar dos outros? Você já viu alguém formado na Universidade que não tenha feito o ensino fundamental?

A não ser que ele seja uma pessoa superdotada e quando falamos disto dentro do cenário religioso ele tem que ser um ENVIADO, um AVATAR de uma divindade para isso acontecer. Mas você conhece algum Avatar? São poucos na história, então por que agora abundam tantos escolhidos?

Outra questão que é preponderante é o comportamento sacerdotal, que não está atrelado a aspectos moralistas mas a conceitos de compreensão do universo e da comunidade. Quando nos tornamos um Kimbando, partimos do pressuposto que estamos nos tornando curadores. Algumas curas podem ser feitas a base da força, ou-

tras devem ser usadas de demanda para acabar com a fonte de emanção negativa, mas sempre tudo é pautado no equilíbrio cósmico. Quando você caminha para o sacerdócio do Nganga, o Kimbando que recebeu mais outorgas para atender terceiros, ele deve no mínimo ter controle da sua própria vida, ter feito contato com seus próprios Espíritos, saber como conduzir uma ritualística e um aconselhamento para quem irá procurá-lo. Mas, além disto, ele deve ter um comportamento adequado com o cargo sacerdotal, nunca usando do sacerdócio para fins puramente egoístas. Você deve se perguntar agora: “Mas a Quimbanda não é o caminho do egoísmo?”. Sim, egoísmo no sentido de se pensar em si, antes de pensar no outro, mas sabendo que como sacerdote você deverá atender seus clientes da melhor forma possível.

Certa vez uma pessoa me disse que queria aprender magias de amor para acabar com relacionamentos, pois ela não acreditava no sistema vigente de casamentos monogâmicos. Inclusive queria acabar com casamentos que tinham filhos e que o casal era feliz, baseado na sua ideia de mundo, que uma das pessoas do casal não queria aquela vida (sem que a pessoa lhe tivesse dito nada). De fato, esse “feiticeiro” tinha





atração sexual por uma das partes desse casal e queria se refastelar com essa pessoa de forma sexual apenas, sem envolvimento sentimental ou familiares. Oras, não há nada de errado em usar de magia para conseguir sexo, porém há algo errado quando você quer “quebrar” uma família, causando sofrimento a um casal e a crianças por simples prazer carnal, ou não?

O mestre de Quimbanda, vulgarmente chamado de Tata ou Mameto, deve ser também um mestre da vida e mestres não se curvam a desejos escravizadores. Tudo aquilo que se torna algo que domina a sua vida: sexo, comida, drogas, prazeres mundanos, preguiça, cobiça exacerbada, inveja etc., tudo isso é sentimento escravizador e um mestre não pode ser escravo de nada. Muitos usam discursos de “liberdades”, mas para justificarem libertinagens e desassossegos de suas almas. Essa pessoa que cito, procurou quem lhe desse isso e se tornou do dia para a noite um mestre... porém um mestre que tem outro mestre, seus comportamentos compulsivos.

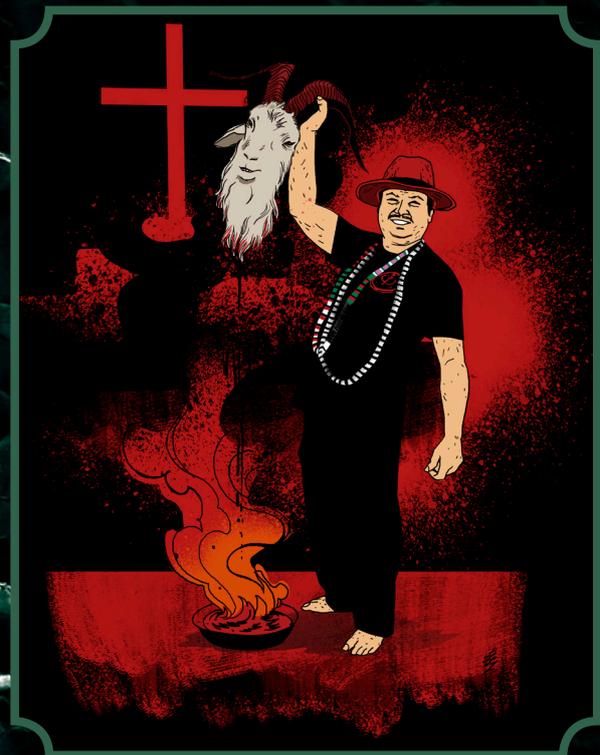
Existe esse caminho da feitiçaria, onde a destruição se torna o foco de tudo, ele é o caminho do Ndoki ou do Muloji, aquele que pratica puramente os feitiços maléficos,

sem cunho de cura. Ele se torna um opositor do Kimbanda, que é um curador. Porém, o tipo de trabalho também traz alguns ônus para a vida da pessoa, com o tempo ela é drenada, vampirizada e sucumbe a suas próprias trevas interiores, ao contrário do Kimbanda que aprende a abraçar suas trevas e a absorvê-la em equilíbrio eterno, como no exemplo do TAO, onde o Yin carrega uma centelha do Yang e o Yang carrega uma centelha do Yin e eles se tornam opostos complementares, sempre buscando o equilíbrio.

Hoje, o que importa é o Título comprado, como dos antigos barões brasileiros, assim como a relevância que se dará nas redes sociais, pois com visibilidade, poderá exercer seu fascínio nas mentes fracas de seus seguidores para que ele tenha benefícios pessoais, seja ele sexo, dinheiro ou apenas o prazer da fama.

Cuidado, pois você é o responsável por cair nessas armadilhas e só você é capaz de sair dela.

**Tata Nganga Zelawapanzu**  
*Templo de Quimbanda Cova de Tiriri*  
[instagram.com/covadetiriri](https://www.instagram.com/covadetiriri)



# Demonologia na Quimbanda

Este texto poderia facilmente se chamar: “Demonologia na Quimbanda: Por que você tá falando besteira o tempo todo?”, afinal muitos afirmam que em África não havia a ideia de maldade e que a demonologia e diabolologia da Quimbanda é uma atrocidade cometida por quem nada entende de macumba.

Mas será mesmo?

Nós devemos sempre compreender, que apesar da quantidade de informações que hoje temos a disposição, a faculdade do pensar crítico é algo restrito a algumas pessoas que se esforçam para entender além do véu da ignorância. Isso não quer dizer que só acadêmicos e intelectuais podem ser capazes de compreender sobre os artigos que discorremos, longe disso. Até mesmo porque quem determinou o diabolismo e a demonologia na Quimbanda eram pessoas sem títulos acadêmicos que o faziam pela prática, pela tradição e pelo entendimento das coisas na sua vivência pessoal

Para entender a formação de uma religião, devemos compreender todo o escopo de sua formação, sempre colocando à frente em nossas mentes que não há PUREZA DOUTRINÁRIA, sendo assim, nenhuma religião é isenta de influências culturais de outros

povos. A religião é uma forma cultural de designação de uma identidade de povo, hoje isso está menos evidente, restando praticamente apenas os Judeus e os Muçulmanos, que em sua maioria tem origens “biológicas” sobre a religião, sendo os Judeus ainda mais significativos nisto, pois você tem que nascer com o sangue judeu para ser considerado um, podendo assim praticar o conjunto de religião, cultura e vivência judaico.

Mas como fazemos quando há uma miscigenação e um apagamento das origens culturais? Como faz quando um povo é formado de diversos tipos de influências culturais estrangeiras, que tiveram que se adequar ao modo de viver do novo mundo? Para essas questões, sempre fica a dúvida...

O Brasil, queira você ou não, sofre influência de diversos povos em sua formação, desde os indígenas, passando por africanos de diversas regiões do continente africano e os portugueses principalmente, contudo ainda podemos considerar a influência espanhola, italiana, alemã, libanesa, síria e japonesa (sem contar outras influências). Com esse amálgama cultural, vamos ver diversos tipos de religiosidades sendo expressos, como o catolicismo europeu, o catolicismo popular, a bruxaria ibérica e





@clickaxe

cipriânica, sem citar outras questões como a influência árabe, islâmica na Ibéria e no próprio Brasil, as ortodoxias cristãs, as manifestações de religiosidade banto, jeje e nagô, o islamismo malê, a cultura dos grimórios, o protestantismo alemão e a religiosidade nativista dos povos indígenas (que é plural e múltipla).

A visão da religiosidade ocidental foi moldada pelo cristianismo, desta forma, precisamos compreender as bases da religiosidade que vem a dar forma ao cristianismo. O cristianismo em seus tempos primeiros era considerado uma heresia do judaísmo, entretanto o próprio judaísmo não é uma religião ancestral, sendo que diversos professores discorrem sobre a existência de dois “cultos” judaicos, o pré-exílio e o pós-exílio. A região onde consideramos que existia o Reino de Israel, também contava com o Reino de Judá e segundo informações que hoje temos através dos arqueólogos religiosos, podemos constatar que o judaísmo é uma resultado do Reino de Judá, que ficava ao sul de Israel, sendo que Israel não era o país dos judeus, mas dos israelitas.

Inclusive é importante relatar que o Reino de Israel tinha como capital a cidade de Samaria, de onde provinham os Samaritanos e acho que você deve se lembrar dessa passagem bíblica sobre os samaritanos, na parábola do bom samaritano:

“30 Em resposta, disse Jesus: “Um homem descia de Jerusalém para Jericó, quando caiu nas mãos de assaltantes. Estes lhe tiraram as roupas, espancaram-no e se foram, deixando-o quase morto. 31 Aconteceu estar descendo pela mesma estrada um sacerdote. Quando viu o homem, passou pelo outro lado. 32 E assim também um levita; quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo outro lado. 33 Mas um samaritano, estando de viagem, chegou onde se encontrava o homem e, quando o viu, teve piedade dele. 34 Aproximou-se, enfaixou-lhe as feridas, derramando nelas vinho e óleo. Depois colocou-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele. 35 No dia seguinte, deu dois denários[c] ao hospedeiro e lhe disse: ‘Cuide dele. Quando eu voltar lhe pagarei todas as despesas que você tiver.’” (Lucas 10:30-35).

Os samaritanos eram vistos como rivais do povo do Reino de Judá, tanto que nesta

parábola vemos um certo “afrente” quase dizendo que “até um samaritano” ajudou alguém e não um judeu em si, ou sacerdote como diz o texto que é o mesmo que dizer Saduceu, ou um levita, ou seja, um descendente de Levi, que detinham controles políticos e religiosos mais tradicionais.

Os povos de Israel, segundo a professora Ângela Natel, carregam em seu próprio nome a adoração de seu Deus, ou seja, El, sendo que o termo aceito para a tradução do nome seria “Aquele que luta com Deus”, mas que Deus? O Deus El, o mais importante deus da religião canaanita, que também era Deus de Israel. Na Bíblia e na teologia moderna nos é forçado a acreditar que El e Javé são o mesmo deus, mas percebemos pelos estudos arqueológicos que isso não procede, que essa associação é tardia, forçada e ressignificada. Desta forma podemos dizer que o reino de Israel era um local de adoração do deus El e não só dele, sendo uma região politeísta, podendo ter culto monolátricos ou polilátricos. O entendimento de uma monolatria e monoteísmo é tardio e vêm após o exílio babilônico.

O Reino de Israel é invadido por Nabucodonosor II, que escraviza as castas mais ricas de Israel e Judá, deixando apenas os mais pobres na região de Canaã. Entretanto, após a conquista da Babilônia pelo Império Persa, liberta o povo hebreu, que volta a sua região, mas não sem antes terem sido influenciados fortemente pela religiosidade e cultura babilônica – principalmente do cultos as divindades babilônicas, da sua cultura como a epopeia de Gilgamesh, entre outros, inclusive muitos textos bíblicos se assemelham a textos religiosos, culturais e teatrais das culturas babilônicas – e também da cultura Persa, principalmente zoroastriana que criara o dualismo na figura de duas divindades que combatiam por toda existência, sendo uma a representação do bem supremo e outra a representação do mal supremo: Ahura-Mazda e Ariman.

Da crença Zoroastriana, os povos hebreus ainda levam o entendimento da imortalidade da alma, da vinda de um messias para libertação do seu povo, da ressurreição

dos mortos e de um juízo final. Mas além disso, podemos perceber também a influência babilônica (e posteriormente zoroastriana, masdeísta) na figura dos Anjos. Então percebiam, que o povo que volta a Judá e a antiga Israel, volta com um pensamento totalmente diferente do que foram e reescrevem suas teologias, como já citamos, o caso de algumas epopeias, que se tornam por exemplo uma versão, no caso do dilúvio que já é visto em textos antigos escritos em cuneiforme, antes de se apresentarem como textos judaicos.

Mas, você deve estar se perguntando: “O que tudo isso tem a ver com demônios?”

Então, com essa mudança teológica importante, saindo do politeísmo para a adoração monolátrica e monoteísta de um Deus Bom, Jeová, o povo judaico (descendentes do reino de Judá) encontrou um grande problema: “Como negar a existência de outros deuses que rivalizam com o grande deus Jeová?”. Para isso encontraram a ideia da demonização dos elementos estrangeiros, desta forma veremos com o passar do tempo que Baal, filho de El, se torna Baaltzebut, ou Belzebu, o demônio Senhor das Moscas; Astarte, a grande deusa, importantíssima para a cultura babilônica, sendo a grande protetora de Nabucodonosor II e associada a Vênus, a estrela da manhã/vespertina, se torna com o passar do tempo no demônio Astaroth; até mesmo Eósforo, um deus menor que abria as portas dos céus para a passagem da carruagem solar de Apolo, se torna via latinização Lúcifer, que só é interpretado como um “anjo caído” ou o Diabo, 400-500 anos após o nascimento de Jesus Cristo.

Quando pegamos os nomes de demônios e comparamos com as religiões da Ásia menor, podemos perceber que muitos deles eram DEUSES que “caíram”, foram esquecidos no culto e substituídos pelo deus monoteísta. Porém, o próprio Javé, segundo constam em alguns estudos, seria um deus menor, um deus do deserto, vingativo e selvagem, cultuado por povos nômades árabes. Curioso quando pensamos assim, vendo como os Judeus e Árabes se enten-

dem hoje no cenário político internacional, não é?

Esse pensamento demonológico, serviu, de certa forma, para manter viva a compreensão dessas divindades do passado. Entretanto, alguns não compreendem como deuses podem ser considerados demônios, visto que um deus supostamente deve ser BOM. Esqueçam isso, essa história de bondade só existe após a implementação do monoteísmo, antes disso todos os deuses eram bons e maus ao mesmo tempo, aí sim podemos dizer que não havia o conceito de maldade, porém um conceito de maldade isolada. Os deuses – e veja os deuses gregos – desciam a terra e tinham fúria, desejo e paixões, desposando inclusive de mortais e lhes gerando filhos, que eram considerados divinos ou semidivinos. Isso não lembra uma certa “queda de anjos” que se apaixonaram pelas mulheres filhas dos homens e nelas fizeram filhos, que são chamados de Nefilins ou Gigantes? Não eram esses caídos, entidades que ensinavam matemática, agricultura, metalurgia, astronomia e toda uma sorte de saberes para os povos? Não foram eles punidos – pela audácia de tirar da ignorância os humanos – pelo grande deus, sendo que alguns foram aprisionados em árvores, no ar e no submundo? Sua prole não foi completamente dizimada pelo grande Deus e seus emissários? Lembra também o mito de Prometeu, que ousou entregar o fogo ao ser humano, tirando-o da ignorância e foi castigado por Zeus, tendo seu fígado devorado todos os dias, pela eternidade. Zeus ainda manda pandora abrir a caixa que continha todos os males do mundo para que eles assolassem os humanos, Pandora que se casou com Epimeteu, o irmão de Prometeu. Não são muito similares?

Os demônios – na verdade divindades de outras culturas – ficaram escondidos nas escolas de mistérios, nas mitologias e na magia, sendo transmitida posteriormente para os europeus latinizados e então, para os cristianizados. Esse saber sobreviveu dentro dos grimórios e das magias cerimoniais, sendo interpretado posteriormente por bruxos e bruxas ibéricos, que por meio

da influência fausto-cipriânica, mantém a chama da demonologia acesa. Contudo, os grimórios carregam um profundo viés cristão, sendo muitas vezes evocado Deus e seus anjos para o controle desses demônios, mesmo assim, trabalha-se e exige-se dos demônios sortilégios e prodígios.

Esse saber influencia o pensamento da bruxaria ibérica, que “corta” ou cria um atalho para a comunicação com esses demônios, associa o pensamento do Daemon, ou espírito/gênio tutelar dos gregos, associado com o pensamento cristão e da subversão herege da sua aplicação e influenciam as primeiras formas de macumba na terra que vem a ser o Brasil.

O povo africano, seja ele de que etnia ou cultura, sempre teve o entendimento de bem e mau, mas não associado a visão judaico-cristã (zoroastriana) de bem e mau. Aluvaiá e Exu sempre aplicam peças e criam celeumas nas pessoas, sendo que Exu cria uma confusão que resulta na morte de duas pessoas só pelo prazer de ver a briga; Ogum mata toda uma cidade, que lhe rendia culto, por ignorância que estavam em silêncio em sua homenagem e ele consumido de vaidade, acaba com todos; as grandes mães – as Iá Mi Oxorongá – enviam pragas e infortúnios a diversas cidades, para demonstrarem seus poderes etc. Vejam, as divindades eram boas e más, eram duais, eram completas.

Aqui temos que dar um salto e compreender algo: “O Pensamento Banto”.



O povo banto, que não é um só povo, mas um grande agrupamento de diversos povos e culturas que compartilham de saberes linguísticos, religiosos e culturais semelhantes, que habitavam o centro-oeste africano, na África subsaariana, tem uma compreensão interessante sobre o poder do mundo e das coisas. Associado erroneamente a uma divindade, o termo *Nkisi*, expressa muito além do que apenas um deus. O termo *Nkisi* pode ser compreendido como algo bem profundo, algo que representa um poder possuído, desta forma, tudo que possui poder, ou Nguzo, como é chamado pelos povos bantos, é um *Nkisi*, sendo assim: Um deus é um *Nkisi*, um Antepassado divinizado pode ser um *Nkisi*, um Santo é um *Nkisi*, um feitiço é um *Nkisi*, um assentamento é um *Nkisi*, um Rio pode ser um *Nkisi* etc. Tudo que detém poder é considerado um *Nkisi*, um possuídos de Nguzo.

Desta forma, não é difícil entender, como o povo do Congo se associa ao Cristianismo, se converte (parcialmente) ao cristianismo e se usa desses elementos para suas práticas religiosas, porque afinal, o Santo e o Deus Cristão deram aos portugueses tecnologias de armas, de barcas e de navegação

que os Congolenses não tinham, desta forma eles viam “poder” e o poder podia ser “absorvido”. O Deus cristão se torna *Nkisi* desta forma, assim como os santos e o processo de batismo era uma aquisição e nunca uma escolha que afastava o conhecimento tradicional, tanto é, que os reis do Congo (Manicongo) se batizam, mas retornam as suas práticas tradicionais por diversas vezes na história. Inclusive podemos até atribuir a “prática cristã” dos pretos-velhos a esse entendimento, sendo que o preto-velho reza para Jesus, vendo Lembadilê e cantando para Oxalá, ao mesmo tempo.

Vocês acham que seria diferente com a visão dos “demônios”? De forma alguma.

Não tardou para o Livro de São Cipriano e outras formas de transmissão de saber pela oralidade, incrementar as práticas de macumba. Afinal, os africanos ao se conectarem aos saberes indígenas, absorveram as práticas de ervas, de feitiçaria, do fumo, da fumaçada, dos encantados e assim por diante; o mesmo ocorre com a bruxaria ibérica, naturalmente herege e as práticas do catolicismo popular, como afogar Santo Antônio para conseguir um casamento.



@clickaxe



Entretanto, no início do século XX, influenciado pelo pensamento positivista e pelo pensamento espírita, vemos as “casas de macumba” começando a adentrar um campo da sociedade de classe média e classe alta, principalmente no Rio de Janeiro, até então capital do país. Essa influência retira das práticas de macumba alguns fundamentos dados como primitivos (afinal, durante toda obra de Kardec se fala dos selvagens e como eles eram atrasados), tais como os oráculos, os transes e possessões mais agressivos, as manifestações de entidades dadas como “não civilizadas” e o sacrifício animal. As sessões de macumba eram regadas a uma “enebriação” digna dos eventos dionisíacos, onde os médiuns ao consumirem álcool e se intoxicarem com as fumaças dos fumos, abriam portas sensoriais, se entregando a um transe que muitas vezes era visto como descontrolado, permitindo a manifestação de entidades, dadas como selvagens e de difícil trato, como os Gangas. Os Gangas que posteriormente irão receber a alcunha de Exu e Pombagira.

Nessa tentativa de elitização da religião e da higienização da religião de práticas

consideradas primitivas, vemos o distanciamento também do pensamento demonológico, criando assim uma dicotomia, que para alguns relembra o dualismo de Ahura-Mazda e Arimã, nas figuras de Umbanda e Quimbanda.

Aqui, em meu achismo, estou para dizer que a Quimbanda é a verdadeira Umbanda, que guardou os saberes da Macumba e não se deixou influenciar a ponto de perder a sua identidade. O pensamento banto é de absorção e nunca de negação, então a Umbanda poderia absorver os saberes espíritas, mas manter tudo que tinham antes, o que infelizmente não aconteceu. Entretanto, isso ocorre com a Quimbanda, porém como uma forma de contrapor esse sistema pasteurizado, acaba se focando a cada dia mais na sua visão demonológica, para afastar de seu seio aqueles que queiram higienizar a mesma.

Bom, com tudo aqui exposto, acho que fica evidente que essas pessoas que defendem que “Não existe o conceito de demônio na África”, “Que os africanos não entendem o mau”, “Que o demônio não pode coexistir com Exu”, etc. estão completamente enganados em suas afirmações. Na verdade, acredito que eles sejam apenas máquinas que repetem a exaustão o que seus mestres, que também não conseguem pensar adequadamente fora da castração mental que foram submetidos, falam. Eu digo isso, pois não quero acreditar – apesar de ser em alguns casos – essa uma tentativa consciente de “inferiorização” das práticas de macumba mais raiz.

Seja como for, agora com essa exposição, você pode pensar por si mesmo e ver se isso tem coerência.

**Tata Nganga Zelawapanzu**  
*Mestre de Quimbanda Nâgô e*  
*Quimbanda Mussurumim*  
*Dirigente Espiritual de Umbanda da*  
*T.E.U. Chão de Jorge*  
*Dirigente Espiritual do Templo de*  
*Quimbanda Cova de Tiriri.*

# Dos Oráculos do Kimbando

*Por Táta Nganga Kilumbu*

@quimbandamarabo | @tatakilumbu



Sabemos que dentro de toda genuína tradição afro-brasileira de inclinação iniciática existe um veículo oracular, que vai desde a utilização de búzios, moedas, frutos partidos e até mesmo o próprio transe (a incorporação) da entidade como veículo oracular para uma comunidade. E não é diferente dentro da Quimbanda Nàgô, que possui três tecnologias oraculares fundamentais:

- I. Kawrifan (o Erin de Exu).
- II. Cabalá de Exu.
- III. Espírito manifestado.

O primeiro oráculo é conhecido popularmente como jogo de confirmação, composto de 04 estruturas marinhas, os búzios, conhecido por três nomenclaturas dentro da própria banda de Exu Gererê: erin, kawrifan e jogo de 4 búzios. Esse oráculo infelizmente foi perdido na maioria das famílias de Quimbanda, no sentido em que as suas quedas

foram resumidas à responder positivo e negativo, sendo que quando bem fundamentado, com as peças corretas por sinal, mesmo sendo quatro apenas, irá responder com um leque maior de quedas e seus significados irão ultrapassar as meras cinco quedas de confirmação com três resultados positivos e dois resultados negativos.

Por outro lado, temos a manifestação espiritual das entidades por meio do transe de incorporação, as quais irão transmitir suas mensagens e orientar a comunidade para seu melhoramento, seja espiritual ou material. Este meio oracular é o mais buscado pelas pessoas por ser mais humanizado, pois o consulente poder falar diretamente com o espírito e ouvir da boca dele os aconselhamentos e direcionamentos. Esse é meio de comunicação oracular o padrão dos diversos seguimentos de Umbanda, mas também é uma realidade dentro das famílias de Quimbanda, pelo menos das vertentes tradicionais mais antigas, as macumbas de raiz.

Por último existem os oráculos mais complexos, que surgem da utilização dos baralhos, que podem ser as cartas ciganas, as cartas cipriânicas ou o baralho fofoqueiro (profano) etc., adaptados à cultura de algumas famílias de Quimbanda. Existem ainda os oráculos compostos por ossos, por búzios (que por sinal são um tipo osso), moedas, dados etc., enfim uma gama de elementos que agrupados constituem oráculos, sejam com uma inclinação mais banto ou yorùbá, ou a fusão de ambas influencias culturais; e às vezes até com um toque cigano. Todos são válidos.

Dentro da nossa tradição e família de Quimbanda Nàgô possuímos a Cabalá de Exu, que é um oráculo formado por um brajá com-

posto pela variação dos Reinos da Quimbanda, acrescido de sete búzios africanos, quatro búzios brancos (todos abertos, pois este fundamento de abrir os búzios é de origem nàgó-yorùbá para o conceito de equilíbrio de quedas e armazenamento de àşe), com dados e símbolos do povo de Exu em metal, que a princípio formam a estrutura deste oráculo, mas que também pode – e normalmente o é – ser acrescido de outros elementos conforme orientação do Exu tutelar. Este oráculo dentro de nossa tradição sempre foi muito complexo de ensinar para os kimbandas que estão iniciando na jornada do sacerdócio (grau iniciático de ngangá). Por causa disso uma adaptação foi feita para facilitar o trabalho oracular dos novos ngangas a partir do fundamento do oráculo da Quimbanda Mussumin, que é o Àlagbá de Exu, banda essa onde também sou Mestre de Quimbanda.

O Àlagbá de Exu da Quimbanda Mussumin é um oráculo composto por sete búzios inteiros (sem abertura para equilíbrio de quedas conforme o conceito yorùbá, mas baseados na cultura banto onde as peças do oráculo são lançadas à revelia do equilíbrio das quedas) e um brajá direcionador também com os Reinos da Quimbanda. Este oráculo possui um facilitador, porque é composto por quatro búzios brancos representando o povo de Exu e três búzios africanos representando a Trindade Maioral. Com o direcionamento de Exu Marabô, desenvolvemos uma metodologia para sacerdotes iniciantes para Cabalá de Exu a partir do Àlagbá de Exu dentro de nossa família, o Domínio de Exu Marabô. Nessa abordagem para sacerdotes iniciantes utilizamos essa configuração de búzios oriunda do Àlagbá de Exu, facilitando o entendimento primário dos ngangas até que estes cheguem ao nível de Mestres (táta-nganga) para receber Cabala de Exu com onze caurís.

Onde vemos a utilização do oráculo Cabalá de Exu dentro desta conformidade, i.e. sete búzios, sendo quatro brancos e três africanos, trata-se de um fundamento exclusivo para sa-

cerdotes iniciantes de Quimbanda Nàgó do Domínio de Exu Marabô e Pombagira Maria Padilha. Essa conformação de Cabalá de Exu é um fundamento de nossa família e quem o possui, ou foi iniciado diretamente por mim, Táta Kilumbu, ou por um dos Mestres de Quimbanda aprontados em nossa família. É necessário expressar isso porque hoje vemos inúmeros bandas de casa valendo-se dessa conformação oracular da Cabalá de Exu sem terem, de fato, recebido os fundamentos e o àşe de nossa família, inventando novas interpretações que não têm nada a ver conosco ou com as instruções transmitidas por Exu Marabô. Nossa família preserva a transmissão do àşe de oráculo (ou mão de oráculo) na base da tradição oral, dentro de uma transferência iniciática sacerdotal, evitando a banalização de um sistema oracular tão sagrado e secreto.

Qualquer material escrito acerca da utilização de oráculos a partir de nossa família é apenas a ponta do iceberg, servindo de chamariz para os fundamentos que possuímos e transmitimos secretamente. Os verdadeiros fundamentos da Cabalá de Exu são transmitidos e, fundamentalmente, avaliados pelo próprio Táta Nganga iniciador. Portanto, é necessária essa declaração final:

Existem famílias de Quimbanda que receberam fundamentos oraculares em nosso templo, e que com divergências de pontos de vistas, criaram suas próprias linhas interpretativas. Mas o oráculo sempre existiu com uma linhagem, abordagem e visão iniciática autêntica, com uma assinatura mágica indelével da Quimbanda Nàgó e de Exu Gererê, muito diferente da Cabalá com as junções de búzios de quadro e sete. Que esteja claro que a Cabalá de Exu com quatro búzios brancos e três búzios africanos trata-se de um oráculo intermediário, criado para servir como um facilitador e uma variação, sendo um trabalho exclusivo da casa de Exu Marabô.



*Táta Nganga Kilumbu*

# Quimbanda & Manipulação Energética

*Por Táta Nganga Kamuxinzela*

@tatakamuxinzela | @covadecipriano | @quimbandanago

Quimbanda é feitiçaria, a arte de manipular e projetar vetores de força mágica (i.e. energia) através de bases materiais. Um *kimbanda* mensura tudo no cosmos em quantitativos energéticos: as interações e relações pessoais, as paixões, desejos e impulsos por trás das ações, a atividade sexual, os negócios e compromissos firmados, a manipulação do oráculo (*Eriṅ* ou *Cabalá de Exu*), o feitiço de oferendas e feitiços. Absolutamente tudo se mensura pela equalização das forças envolvidas, porque um *kimbanda* trata-se de um mani-

pulador de energia! Isso não é fácil de conquistar e levamos a vida toda para aperfeiçoar essa arte.

A Trindade Maioral (Beelzebuth, Lúcifer e Ashtaroth) como descrevi no segundo volume do *DAEMONIUM*, são antigas forças cósmicas que estiveram envolvidas nos processos de formação do cosmos e no desenvolvimento da consciência humana, sendo elas o Sol, o Fogo Mercurial e a Lua. Os símbolos dessas três forças estão presentes no Braço Imperial do Chefe Império Maioral, e sua interação e a compensação energética que dela deriva demonstra essa característica singular de equilíbrio das forças na Quimbanda nas ações do Exu Beelzebuth, Exu Lúcifer e Pombagira Rainha das Sete Encruzilhadas (ou em algumas famílias Exu Rei das Sete Encruzilhadas). As implicações alquímicas desse processo eu expliquei no segundo volume do *Daemonium* e aqui teço mais algumas considerações sobre esses símbolos.

Todas as qualidades sensíveis (ou virtudes) aparentes do Sol e da Lua como sua cor, temperatura, formas etc., são simetricamente opostas. Isso os caracteriza como forças que simbolizam todas as oposições máximas e irreduzíveis, modelada pelo esquema de dois



pontos divergentes e equidistantes de um terceiro ponto central: a consciência humana (Logos/Lúcifer) que os observa da Terra. Desde tempos imemoriais, a Lua que se levanta e o Sol que se põe, formam o símbolo perfeito do equilíbrio dos opostos, com o homem (ou fogo mercurial criativo) no meio como fiel da balança.

O Sol e a Lua, portanto, são símbolos que evocam a ideia de equilíbrio entre o ativo e o passivo, o masculino e o feminino, a força centrífuga e a força centrípeta, a força linear e a força não linear, o *Od* e o *Ob* no *Caduceu de Mercúrio*, o claro e o escuro, o causal (cosmos) e o acausal (caos) etc., tudo quanto à cultura chinesa conseguiu exprimir nas ideias de *Yin* e *Yang* e a Quimbanda na manipulação – ou a aplicação da força simbolizada – pelos tridentes dinâmico e receptivo na ação de Exu e Pombagira. A iconografia de Maioral demonstra esse embate e interação de forças que delimitam o equilíbrio entre Caos e Ordem em uma relação de mútua compensação, presente em absolutamente em todas as circunstâncias e fenômenos ao nosso redor.

Mas este equilíbrio compensatório entre essas forças nunca é estático. Tão logo ele seja conquistado, imediatamente seu ponto de convergência desliza, pendendo de um lado ou do outro, compensando as tensões de cá e de lá, e todo conjunto perde a simetria. Então é no jogo de desequilíbrio entre as partes ou no equilíbrio dinâmico dessas forças, que a ação de Exu e Pombagira ocorre. Nenhum equilíbrio depende apenas de simetria e equidistância, mas também de interação, conflito e reciprocidade. É quando os opostos se tornam complementares. É por isso que se diz que os



Exus e Pombagiras nascem do Trono Supremo de Maioral como forças complementares, pelo fato de que em seu Corpo, na Alma do Mundo, essas forças causais e acausais não são opostas, mas complementares, dando movimento a *Luz Astral*.

A iconografia de um mago portando em mãos o *Caduceu de Mercúrio* é uma representação do domínio da força Luni-Solar, símbolo de seu manejo, arranjo e projeção. No dia-a-dia de um *kimbanda* esse domínio é simbolizado pelos tridentes (dinâmico e receptivo) e pelo *kimbanda* empunhando a sua faca, como uma *trindade*.

Isso é um símbolo!

**Táta Nganga Kamuxinzela**

# A Universalidade das Técnicas de Magia

Por Táta Nganga Kamuxinzela

@tatakamuxinzela | @covadecipriano | @quimbandanago

*Nota: este texto é um excerto da apresentação de um ensaio que será publicado em minha ontologia, «Kalunga: Teurgia & Cabalá Crioula».*

Uma ideia fundamental que subjaz como pano de fundo das pontes que construí entre as religiões e cultos de mistérios da Antiguidade e a Quimbanda nos volumes que compõem a série DAEMONIUM, é que as técnicas de feitiçaria (*goêteia*) e de magia (*mageia*) são universais. Elas mudam pouca coisa de uma cultura para outra no contexto dos cultos ao longo da história religiosa do homem. Na medida em que as culturas se encontram e se miscigenam, as técnicas mágico-religiosas se adaptam, se reconfiguram e se atualizam. No segundo volume do DAEMONIUM eu apresento o racional (ou o fundamento) por trás do sacrifício animal na Quimbanda através das argumentações de Jâmblico de Cálcis (245-325 d.C.) acerca do mesmo tema, a imolação ritual de animais na teurgia: não são os espíritos – i.e. os *daimones* no contexto grego ou os *Gangas* no contexto da Quimbanda – que efetivamente necessitam do sacrifício animal; somos nós, seres humanos encarnados no reino da geração, que necessitamos. E no livro GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA, eu dedico um capítulo ao tema do sacrifício no contexto das religiões grega e romana, e também no contexto da Quimbanda, porque o sacrifício é uma ferramenta religiosa, litúrgica, teúrgica, mágica e soteriológica utilizada por cultos e religiões



de culturas diversas desde o Mundo Antigo até os dias de hoje, e pelos mesmos motivos.

Meus leitores estão acostumados com este meu bordão: *o sacrifício é o eixo teúrgico da Quimbanda*. No sentido em que tudo no culto gira ao redor desse eixo teúrgico, as purificações, o trabalho oracular (divinação), a catábase no Submundo, a paranormalidade pessoal (mediunidade) e o fenômeno do transe na incorporação. Tudo isso deriva do trabalho hierático e soteriológico do sacrifício. O racional deste processo vem diretamente do conhecimento que tenho

acerca da função soteriológica do sacrifício nas religiões e cultos de mistérios da Antiguidade, seja na África, Mediterrâneo ou Oriente Médio. No contexto da teurgia, o sacrifício, a imolação animal ritual, é seu motor, sem o qual nada no sistema funciona, assim como é na Quimbanda. E não sou eu que digo isso, é o próprio Jâmblico, que dedica todo o *Livro 5* do *DE MYSTERIIS* ao tema do ritual, i.e. o sacrifício.

O sacrifício foi a experiência basilar com o sagrado no Mundo Antigo e Antiguidade greco-helênica pré-cristã; portanto, é uma matéria importante para entender qualquer prática religiosa da época. Aos deuses, libações eram derramadas, objetos eram dedicados e animais eram sacrificados, queimados ou imolados e, na maioria dos casos, comidos. A teurgia não foi exceção e para Jâmblico, o ritual se organizava ao redor do sacrifício. Seu *DE MYSTERIIS* tratou-se de uma justificativa efetiva da antiga prática do sacrifício diante dos desafios dos céticos, dos cristãos e, o mais importante, dos argumentos de seu professor, Porfírio de Tiro (234-304 d.C.). Ao responder as provocações de Porfírio, Jâmblico proveu uma nova explicação para a realização do sacrifício aos deuses, legitimando e o colocando no contexto da prática teúrgica. O trabalho de Jâmblico causou grande impacto no paganismo greco-sírio da época, ao ponto de ele ser o responsável pela última grande reforma do paganismo antes de sua derrocada final diante do cristianismo.

No *DE MYSTERIIS* Jâmblico discute os muitos fenômenos e os resultados associados à prática teúrgica. Mas quando procuramos em seu trabalho as orientações práticas para a realização do ritual, apenas uma ação é nomeada, muito embora seja complexa: o sacrifício. Por meio da realização correta do sacrifício, Jâmblico explica, todos os outros fenômenos associados à teurgia derivam, como a purificação necessária para a *anábase*, a divinação via oráculos considerados as vozes dos deuses, o transe e a realização do miraculoso. Do mesmo modo

é na Quimbanda e em todo culto que deriva da diáspora africana nas Américas.

No terceiro volume do *DAEMONIUM* apresento uma discussão acerca da Quimbanda ser ou não uma religião, em detrimento das considerações de muitos de que ela seja apenas um sistema ou *ferramenta*, quer dizer, *técnica* de magia. Nas religiões e cultos de mistérios do Mundo Antigo, assim argumento, não havia distinção entre magia e religião; e a Quimbanda, nas concepções modernas e acadêmicas acerca da estrutura de uma religião organizada e sistematizada, contém todos os elementos que fazem dela um culto religioso: cosmogonia, antropogonia, cosmologia, teologia, ontologia, soteriologia e escatologia. No fim apresento a Quimbanda tanto como religião quanto um sistema de magia, seja nas concepções religiosas do passado ou do presente. Mas diferente da teurgia e do hermetismo – posto que não faço distinção entre ambos,<sup>[1]</sup> sendo a teurgia o aspecto ritual-soteriológico do hermetismo – que são cultos religiosos anabáticos, a Quimbanda é um culto religioso catabático, uma forma de *goêteia*. Mas como veremos, suas técnicas são equivalentes.

No primeiro volume do *DAEMONIUM*, ao estabelecer comparações entre a teurgia e a goécia, menciono que a diferença efetiva entre elas reside no operador e na finalidade que ele dá as *técnicas*, e não nas *técnicas* efetivamente, que são quase que equivalentes. Enquanto que a teurgia é uma *arte sacerdotal*, tanto filosófica quanto técnica, para reorientar a condição *anatrópica* (i.e.

[1] Neste livro faço uma relação direta entre o *hermetismo alexandrino* e a teurgia conforme exposta por Jâmblico e Proclo (412-485 d.C.) no contexto do paganismo grego. O entendimento acadêmico corrente associa o trabalho destes dois filósofos diretamente ao neoplatonismo (ou médio e baixo platonismo). Mas da perspectiva do hermetismo, estes dois filósofos são exemplos *par excellence* de hermetistas na Antiguidade. Jâmblico abre e fecha sua obra magna, o *DE MYSTERIIS*, com referência a Hermes e sua doutrina, i.e. o conhecimento exposto no *CORPUS HERMETICUM*. Então aqui trabalhamos com essa ideia fundamental: a teurgia que Jâmblico expõe trata-se do exercício mágico-religioso-soteriológico do hermetismo do *CORPUS HERMETICUM*. O texto hierático, filosófico e teológico do *CORPUS HERMETICUM* é que provê a base para construção da prática teúrgica de Jâmblico. Trataremos desse tema especificamente na Seção III abaixo.

invertida) da alma, produzindo uma *anábase* (ascensão) que inverte sua condição, projetando-a a sua *reintegração* com o Uno-Bem em um processo de apoteose ou deificação, a goécia é, por outro lado e segundo Jâmblico no DE MYSTERIIS (III:28),<sup>[2]</sup> apenas *técnica*, desprovida de todo aparato filosófico que possui a teurgia e que a enriquece. Tanto que muitas das técnicas da teurgia citadas por Jâmblico são deveras parecidas com a feitiçaria que encontramos nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS.<sup>[3]</sup>

No terceiro volume do DAEMONIUM, que é um tomo dedicado exclusivamente a goécia, eu demonstro que a visão construída pelos neoplatônicos e religião grega estatal de modo geral acerca da goécia, é depreciativa e difamatória. Goécia, muito antes das perseguições do cristianismo, já era caluniada como uma prática de transgressão religiosa periférica ao pensamento aristocrata da religião grega desde a formação da *pólis*. A goécia como tradição viva ancestral, assim demonstro neste volume do DAEMONIUM, é uma Religião Natural (diferente das Religiões Reveladas) que vivifica toda a tradição da magia no Ocidente, e contém mistérios acerca da deificação catabática da alma. Muito diferente do que postulam seus detratores gregos, neoplatônicos e cristãos. A *anábase*, a subida pelos planos ou éteres superiores, só se torna o foco dos cultos de mistérios gregos muito depois do advento da tradição platônica. Antes disso, nas fontes para-homéricas e pré-socráticas, o âmago da experiência espiritual para deificação da alma era a *catábase*, a descida ao Submundo. Neste tomo apresento também a Quimbanda como a genuína *goécia tradicional brasileira*.

Embora as descidas ao submundo pareçam se tornar cada vez de menos interesse ao nos aproximamos do tempo de Platão e especialmente dos neoplatônicos, a variedade de voos xamânicos da alma que encontramos em Abaris e Aristaeus persistiu e parece ter sido finalmente traduzida e expandida no que eventualmente viria a

[2] P.D. Newman. THEURGY: THEORY & PRACTICE. Inner Traditions, 2023, pp. 1.

[3] Ibidem, pp. xii.



ser chamado de arte caldéia da teurgia. Os pre-socráticos estavam muito mais preocupados com a *katabasis* (retiro ou descida); os teóricos neoplatônicos, por outro lado, estavam totalmente preocupados com a *anabasis* (subida ou ascensão).<sup>[4]</sup>

Então quando falamos que a goécia como tradição viva ancestral vivifica a tradição da magia no Ocidente, desde antes da formação da *pólis* como vimos no terceiro volume do DAEMONIUM, e uma herança do xamanismo hiperbóreo do Norte, a própria teurgia de Jâmblico e dos neoplatônicos é um exemplo disso. Newman continua:

Porfírio e Proclo localizam as raízes da teurgia nos épicos homéricos arcaicos e insistem que as tendências proto-teúrgicas (e, portanto, os elementos xamânicos) já estavam presentes na cultura grega antiga, mesmo durante o século VIII e anterior a isso [a.C.] – um século ou mais antes do influxo proposto por Dodds de uma influência xamânica vinda do «Norte Hiperbóreo». Esta linha do tempo entra em conflito diretamente com a proposta de que a imagem da alma como uma entidade volátil e móvel, detectada entre os gregos dos séculos VII e VI, foi importada dos citas e trácios após a composição dos épicos homéricos.

[...] Isso não quer dizer que a presença desses elementos xamânicos não tenha sido

[4] Ibidem, pp. 8.

importada do Norte. A Trácia, a casa-norte do lendário Orfeu, o herói prototípico da *katabasis* na mitologia grega, ou a descida ao submundo, há muito tempo tem sido associada pelos gregos com a Hiperbórea, meramente implicando «hiper-Bórea» para «além de Bórea», sendo Bórea o deus grego do vento norte. O hino órfico a esta divindade, por exemplo, começa:  
*Bórea, explosão de inverno  
da Trácia nevada,  
você faz os céus tremarem.*

Assim, nas mentes dos gregos, a Trácia e a Hiperbórea eram, para todos os fins práticos, cognatos virtuais para a terra natal de Dionísio, cujos mistérios Orfeu inaugurou, sendo o mesmo Norte Hiperbóreo. No entanto, por Hiperbórea, os antigos não tinham apenas o Norte em mente; em vez disso, o que eles falavam era do extremo Norte – o Norte além do Norte.<sup>[5]</sup>

As raízes que sustentam e vivificam a tradição mágica ocidental e, neste contexto, a própria teurgia grega são, portanto, bárbaras, no sentido de que elas vêm da goécia xamânica dos povos considerados bárbaros como os trácios, os anatolianos, os caldeus e os míticos hiperbóreos.<sup>[6]</sup>

Na teurgia, que hoje defino como o exercício mágico da espiritualidade transmitida pelo CORPUS HERMETICUM<sup>[7]</sup> na reforma estabelecida por Jâmblico no contexto do paganismo grego no Séc. IV d.C., parte fundamental do sacerdócio hierático era a animação de deuses terrestres, uma prática ritual conhecida como teléstica (*telestikē*). A teléstica podia tanto se referir a purificação soteriológica para divinização (ou dei-

ficação) da alma e sua projeção (ascensão) nos éteres superiores para união ou reintegração com o Uno-Bem, quanto a arte de criar (ou animar) estátuas dos deuses. A teléstica da purificação da alma é *apofática*,<sup>[8]</sup> enquanto que da animação de estátuas é *catabática*,<sup>[9]</sup> quando o poder (*heka*)<sup>[10]</sup> da força mágica dos deuses é assentado dentro de um receptáculo adequado. A teléstica, portanto, possui o poder de divinizar, seja uma alma que busca purificação, seja uma estátua que passa a atuar como uma divindade terrestre.

Podemos usar os termos *telestikē* e *anagōgē* para essas práticas; o primeiro refere-se à perfeição ou purificação de coisas mortais e materiais,<sup>[11]</sup> enquanto o último é uma elevação do indivíduo.<sup>[12]</sup> Embora, filosoficamente falando, o reino dos deuses não exista em um espaço fisicamente maior do que o reino mortal, mas o transcenda, as metáforas de ascensão e descida dominam as descrições de todos esses procedimentos – o magista pode ascender aos deuses ou trazer os deuses para a terra. Em ambos os casos, como os textos teóricos deixaram claro, [...] as coisas materiais devem ser feitas particularmente adequadas (*epitēdeia*) ao divino para recebê-lo, ou o magista deve ser assimilado o máximo possível ao divino. Este princípio teórico se encaixa com a gama de práticas teúrgicas mencionadas nas fontes, particularmente as críticas hostis – a criação de estátuas e outros objetos materiais infundidos com o poder divino, a invocação de poderes *daimônicos* e divinos

[5] Ibidem, pp. 7.

[6] Para uma contextualização deste tema, veja Jake Stratton-Kent. *GEOSOPHIA: THE ARGO OF MAGIC*. Vols. I e II. Scarlet Imprint, 2021. Veja também Frater Archer & José Gabriel Alegría Sabogal. *CLAVIS GOÉTICA: KEYS TO CHTHONIC SORCERY*. Hadean Press, 2021.

[7] A espiritualidade do CORPUS HERMETICUM é uma matéria conhecida como *hermetismo alexandrino*. Neste livro faço a distinção estabelecida por Antoine Faivre em sua obra *O ESOTERISMO* (Papirus, 1994, pp. 32-3) entre hermetismo, termo que define um conjunto de textos conhecido como Hermética (e a cosmovisão que deles se deriva, dos quais o mais importante é o CORPUS HERMETICUM) e que surgiu pouco antes da queda do Império Bizantino; e *hermetismo*, para designar o conjunto de doutrinas esotéricas que modernamente ganham a alcunha de *herméticas* após as redescobertas de Marsílio Ficino (1433-1499) e Ludovico Lazzarelli (1447-1500), e que derivou no renascer da magia no fim do Séc. XIX em ordens como a *Fraternidade Hermética de Luxor* e a *Ordem Hermética da Aurora Dourada*, e a partir delas e de outras, no esoterismo Nova Era com os temas da *Qabalah Hermética* ou das leis do CAIBALION etc.

[8] Termo que se refere a *gnōsis* para além da linguagem; um tipo de entendimento que transcende as formas, de forma que qualquer tentativa de definição a limita e leva, portanto, ao erro da má interpretação.

[9] Termo que se refere a *descida do poder*, o aterramento ou assentamento da força mágica.

[10] Termo que designa a divindade que representava a força mágica dos deuses egípcios. Veja o primeiro volume do *DAEMONIUM*. O equivalente na cabalá crioula é o moyo dos bantos ou o àșe dos yorubás.

[11] [N.T.] em outros termos, a *espiritualização* ou *deificação* da matéria; a *sutilização* ou *divinação* dos elementos brutos (pesados) da matéria. Como o feito e consagração de uma estátua animada, que passa a ser uma *divindade terrestre*.

[12] [N.T.] a purificação e deificação da alma através do processo anabático de projeção nos céus ou éteres superiores do Cosmos, uma *epistophe anagógica* ou *repetição através da causalidade fatal das sete esferas planetárias em uma região chamada de Ogdóade e as Enéadas*, assim como as duas *Hipóstases superiores*, o *Nous* e a *Mônada*, descritas em um tratado hermetico antigo chamado *The Discourse on the Eighth and the Ninth* [Discurso sobre a Oitava e a Nova, presente na BIBLIOTECA DE NAG HAMMADI]. P.D. Newman. *THEURGY: THEORY & PRACTICE*. Inner Traditions, 2023, pp. 2.

para fornecer revelações especiais e a elevação da alma do teurgo ao divino.<sup>[13]</sup>

Na perspectiva do hermetismo e da teurgia, todo o Cosmos material e, portanto, o próprio homem na condição de alma encarnada no reino da geração, são *algamata* animadas dentro de uma operação demiúrgica de proporções cósmicas; i.e. dentro de um trabalho (*ergon*) divino e continuamente dinâmico e criativo entre *deidades*. É isso que possibilita a deificação de uma alma ou de uma estátua no contexto da teurgia e do hermetismo.

Os rituais diários que consistem no despertar, na purificação, na unção, na vestimenta, na alimentação e na adoração da estátua, bem como o processo das oferendas de sacrifício (que são simbolicamente designadas como o *Olho de Hórus* restaurado e em torno do qual o ritual opera), não devem ser concebidos como uma comunicação entre o humano e o divino, mas sim como uma interação entre divindades, ou seja, como um verdadeiro *ergon* divino, o trabalho sagrado realizado pelos deuses e todas as classes superiores de seres.<sup>[14]</sup>

De acordo com os neoplatônicos tardios, os deuses (como os *neteru* egípcio) estão presentes imaterialmente nas coisas materiais, portanto, *ta sunthemata* (os assentos teúrgicos do poder de elevação) são considerados como receptáculos para as irradiações divinas invisíveis (*ellampseis*) envolvidas na liturgia cósmica de descida e ascensão [do poder espiritual]. Como o corpo é parte integrante do trabalho demiúrgico, em sua forma primordial perfeita servindo como uma imagem (*eikon*) da auto-revelação divina, a condição e a qualidade da matéria incorporada indicam a condição interna da alma.<sup>[15]</sup>

[13] Radcliffe G. Edmonds III. *DRAWING DOWN THE MOON*. Princeton University Press, 2019, pp. 343.

[14] [N.T.] quando *envolpado* – para usar um termo de Jâmblico – pelo poder dos deuses, como se estivesse vestindo um manto de realeza e pureza dos deuses, o teurgo se torna também deus dentro da demiurgia do Cosmos. A teurgia é um *trabalho dos deuses* porque se trata da própria demiurgia do Cosmos. Ela não começa e termina na execução do ritual. É o ritual, que espelha a própria demiurgia do Cosmos, que se insere dentro dela. A teurgia, portanto, segue a demiurgia do Cosmos, constantemente em movimento e perpetuamente em operação criativa.

[15] [N.T.] uma doutrina expressa pela Hermética: o corpo merece e reflete a condição de sua alma. No *KORE COSMOS* (IV:4): *Sobre a terra está a Natureza, que é a criadora das estruturas mortais e modeladora dos recipientes nos quais as almas são colocadas. E a Natureza também tem ao seu lado dois Poderes em ação, a saber, Memória e Habilidade. A tarefa da Memória é cuidar para que a Natureza faça aderir ao tipo que foi estabelecido desde o início, e que o corpo que ela molda na terra seja uma cópia do padrão no alto; e a tarefa da Habilidade é ver se, em cada caso, a estrutura que é*

O corpo humano é como uma estátua eidética fixa ou como uma sequência iconograficamente estabelecida de escrita hieroglífica dinâmica, [ou seja] é um instrumento da presença divina, porque essa presença pode ser oculta ou revelada. Portanto, teletike não deve ser pensado como induzindo a presença de um deus (ou de seu *daimon* representativo) apenas no receptáculo artificialmente construído (*hupodoche*). O *ba*<sup>[16]</sup> divino também pode permear o corpo humano, confirmando assim a capacidade deste último de participar dos princípios superiores.<sup>[17]</sup> Quando tal «encarnação» se torna permanente,<sup>[18]</sup> o próprio corpo humano é transformado na estátua de ouro espiritual.<sup>[19]</sup>

Os rituais egípcios, dos quais os filósofos-teurgos neoplatônicos derivam seus símbolos hieráticos, eram cerimônias mágicas de teurgia no sentido – *técnico* – etimológico, porque a atividade (*energeia*) do

*moldada é conforme à alma que desce para nela se incorporar, para ver que as almas vivas têm corpos vivos e as almas lentas têm corpos lentos; que almas enérgicas têm corpos enérgicos e almas preguiçosas corpos preguiçosos; que almas poderosas têm corpos poderosos e almas astutas corpos astutos; e, em geral, que toda alma obtém um corpo adequado para ela.*

E outra passagem de interesse também no *KORE COSMOS* (II:4): *Agora almas são enviadas de lá para reinar como reis, meu filho, por estas duas razões. As almas que executaram bem e sem culpa sua raça designada e estão prestes a serem transmutadas em deuses, são enviadas à terra para que, reinando aqui como reis, possam ser treinadas para usar os poderes que são dados aos deuses: e almas que já são divinas e em alguma pequena coisa transgrediram as ordenanças de Deus, são enviados para serem reis na terra a fim de que possam sofrer alguma punição ao serem encarnados, e ainda assim não sofrerem na mesma medida que o resto, mas em sua escravidão ainda possam reter a mesma preeminência que eles desfrutaram enquanto estavam livres.*

[16] [N.T.] o poder de vida e manifestação noética da alma que desce ao reino da geração. Na cosmogonia, teologia e cosmologia egípcia, uma parte da alma dos deuses (*neteru*) e dos homens que encarnam no reino da geração. Na construção de uma imagem animada, i.e. no receptáculo de poder que irá receber a presença divina, o *ba* da divindade desce e faz sua participação nele. É isso que possibilitará, efetivamente, que o *daimon* – de qualquer natureza – que ali habita assuma a identidade da divindade, compartilhando de sua *ousia* (essência), *dumanis* (poder) e *energeia* (atividade). A linguagem da teurgia, assim como do hermetismo, relaciona símbolos imaginários hieráticos da cultura mágica greco-egípcia. Portanto é natural estabelecer relações e usar os símbolos e mitos de ambas as culturas, a grega e a egípcia, na apresentação dos temas dessas duas matérias.

[17] [N.T.] o vestir-se com o manto dos deuses, é receber deles, na alma através do *veículo pneumático*, o seu *ba*. Isso possibilita que o teurgo se insira na demiurgia do Cosmos, por meio do ritual. Então a teurgia como *trabalho dos deuses* tem duas perspectivas, a superior e a inferior. A superior vê a teurgia como a própria demiurgia do Cosmos; a inferior vê a teurgia como o ritual que possibilitará a inserção na demiurgia do Cosmos.

[18] [N.T.] i.e. quando a alma do teurgo é divinizada.

[19] Algis Uždavinys. *PHILOSOPHY & THEURGY IN LATE ANTIQUITY*. Angelico Press, 2014, pp. 86.



ritual (estruturado pelo uso e inteiração de máscaras deíficas) baseava-se na demiurgia do Cosmos, no encontro e comunicação genuína com a ousia (essência), dumanis (poder) e energeia (atividade) das divindades, possibilitando a conexão genuína com a permanência imanente das energias transcendentais do Uno-Bem. Os deuses (*neteru*) não habitam literalmente em suas zonas de poder terrestres (estátuas, templos, objetos rituais como anéis ou talismãs, corpos humanos, animais, plantas etc.), mas se instalam lá, animando as imagens e símbolos. O ba de uma divindade, i.e. a manifestação de seu poder noético e vivificante, em certa medida tanto vivifica os próprios vetores de manifestação<sup>[20]</sup> dos *daimones* que habitam as zonas de poder terrestres construídas, quanto une esses *daimones* às estátuas do culto, as barcas processionais, os santuários, relevos nas paredes, textos sagrados, o templo ou o túmulo (considerado semelhante a um templo). No LOGOS TE-

[20] São três os vetores de força que, segundo Jâmblico, configuram a estrutura de manifestação dos deuses, *daimones*, heróis e almas: *ousia* (essência), *dumanis* (poder) e *energeia* (atividade).

LEIOS<sup>[21]</sup> (37) vemos que não é a divindade que habita a zona de poder terrestre, mas um *daimon* que a representa, quer dizer, que assume seus vetores de manifestação.

Uma vez que nossos antepassados erraram muito sobre a natureza dos deuses, descrentes e não percebendo a religião e o culto divino, encontraram uma arte pela qual poderiam fazer deuses convenientes à natureza do mundo; à qual adicionaram uma virtude conveniente à natureza do mundo, e misturaram isso: pois não podiam fazer almas, evocando [então] as almas dos *daimones* ou dos anjos,<sup>[22]</sup> as impuseram em imagens sagradas e divinos mistérios, através dos quais os ídolos poderiam ter poder tanto para fazer o bem quanto para fazer o mal. Pois teu avô, Asclépio, o primeiro inventor da medicina, a quem um templo foi consagrado no Monte Líbio perto da costa dos crocodilos, no qual jaz o homem mundano,<sup>[23]</sup> isto é, o corpo, pois o resto, ou me-

[21] Também conhecido como *Asclépio latino*.

[22] [N.T.] o teurgo hermetista não fabrica uma alma, quer dizer, não produz um espírito artificial. Ao invés disso, ele convoca um *daimon* do reino da geração, espírito de morto ou encantado da natureza, uma *inteligência terrestre*, para morar na zona de poder construída e dedicada a divindade, assumindo sua identidade, sendo, a partir dali representante terrestre da divindade.

[23] [N.T.] i.e. o corpo morto do defunto jaz jazida no templo.

lhor, o todo, se o homem é inteiro em sentido de vida, retornou ao céu, e ainda agora oferece auxílio aos homens enfermos pelo seu próprio poder divino,<sup>[24]</sup> o que costumava oferecer anteriormente pela arte da medicina. Hermes, cujo nome ancestral é meu, não está ele, estando presente em sua pátria, ajudando e preservando todos os mortais que vêm de todos os lugares? Mas quanto a Isis e Osíris, sabemos quão propícia ela é para conceder muitos benefícios, e quão prejudicial ela pode ser se estiver irada! Pois é fácil para os deuses terrenos e mundanos ficarem irados, pois são feitos e compostos pelos homens a partir de ambas as naturezas. Portanto, acontece que os egípcios chamam esses animais sagrados e veneram suas almas em cada uma de suas cidades, das quais elas são consagradas, como se fossem imagens vivas, de modo que vivem sob suas leis e são chamadas por seus nomes.

A estátua que serve como um receptáculo adequado (*hupodoche*) para a irradiação divina é análoga ao corpo humano purificado pelo poder do ritual de teurgia, fosse iniciado no culto dos deuses ou dos mortos deificados. A descida do ba de uma divindade se assemelha à Forma Platônica que ativa, informa o útero passivo da matéria e, conseqüentemente, estabelece o teatro das formas articuladas e animadas. Assim, o ba de uma divindade desce do céu (ou melhor, aparece do indeterminismo atemporal, já que as teofanias a priori constituem toda a realidade manifesta) em suas imagens de culto (*sekhem*) se unido a elas, quando efetivamente tornam-se zonas de poder terrestres.

*Sekhem* geralmente significa poder, mas neste contexto designa um símbolo que revela e transmite o poder dos deuses, i.e. um ícone sagrado. Como Jámblico diz em DE MYSTERIIS (31:4): *a luz dos deuses ilumina o sujeito [ou objeto] transcendentemente (kai ton theon para o helmpei choristos)*, já que até mesmo a luz visível (ou a *heliofania* de Ra representada por seu Disco Brillhante, o *Aten*) prossegue por todo o cosmos visível. No DE MYSTERIIS (31:9) Jámblico diz:

[24] [N.T.] i.e. o ba do morto Asclépio, divinizado, ficou no templo, enquanto que o resto da constituição de sua alma retornou ao Uno-Bem. É por meio do poder do ba, seja de uma divindade ou alma deificada, que o *daimon* assumirá os vetores de manifestação da divindade ou alma glorificada.

No mesmo princípio, então, o mundo como um todo, espacialmente dividido como é, traz a divisão em si mesmo da luz única indivisível dos deuses (*to hen kai ameriston ton theon phos*). Esta luz é uma e a mesma em sua totalidade em todos os lugares, está presente indivisivelmente a todas as coisas que são capazes de participar dela, e preencheu tudo com seu poder perfeito; em virtude de sua superioridade causal ilimitada, completa todas as coisas dentro de si mesma e, enquanto permanece em todos os lugares unida a si mesma, reúne extremidades com pontos de partida. É, de fato, na imitação dele que todo o céu e o cosmos realiza sua revolução circular, está unido a si mesmo e lidera os elementos em sua dança cíclica.<sup>[25]</sup>

Na Quimbanda, por outro lado, um dos ofícios sacerdotais mais importantes de um *táta* ou mameto é a confecção dos corpos físicos dos Gangas, o *fundamento de exu*, na forma de estátuas animadas ou vasos de poder. Pensando na universalidade das técnicas de feitiçaria, será possível encontrar congruências entre a teléstica do hermetismo teúrgico greco-egípcio e a arte de confeccionar as moradas físicas dos Gangas na Quimbanda? Neste ensaio nós veremos que existe uma congruência íntima entre a teléstica greco-egípcia de deificação da alma e animação de deuses terrestres e as tecnologias mágicas propostas pela Quimbanda. O processo de assentar a presença de uma *divindade*<sup>[26]</sup> na Quimbanda, seja em *vaso de poder* ou *estátua*, segue os mesmos princípios que encontramos na teurgia hermética greco-egípcia sobre a qual nos debruçamos aqui.

Esse ensaio será dividido em cinco partes: Seção I: *Os Oráculos Caldeus & a Teurgia*; Seção II: *O Hermetismo Alexandrino*; Seção III: *Hermética & Teurgia*; Seção IV: *O Sacrifício como ferramenta soteriológica na Teurgia e na Quimbanda*; e Seção V: *Telestikē na Teurgia e na Quimbanda*.

### **Táta Nganga Kamuxinzela**

[25] Citado em Algis Uždavinys. PHILOSOPHY & THEURGY IN LATE ANTIQUITY. Angelico Press, 2014, pp. 85.

[26] Na Quimbanda, os Gangas (i.e. os Exus e as Pombagiras) são consideradas divindades. No sentido técnico do termo, são *divindades* ou *inteligências terrestres* ou *ctonianas*.

# O Fenômeno do Sincretismo no Mundo Antigo e sua Noologia

Por Rafael Resende Daher



## INTRODUÇÃO: O SINCRETISMO E SEU SIGNIFICADO AO LONGO DO TEMPO

Quando falamos em sincretismo atualmente, a definição mais geral é aquela de elementos religiosos, sejam eles folclóricos ou doutrinários, se cruzam entre diferentes religiões. Verbi gratia, há uma ideia de que o Brasil é um país de fenômenos religiosos sincréticos, pois vemos manifestações religiosas antigas (povos originários, africanos) e modernas (kardecismo, umbanda) presentes entre cristãos, a religião majoritária no país.

Entretanto, muitas vezes este fenômeno é compreendido de uma forma limitada, isto é, como uma forma da má-formação doutrinária ou como mera consequência de formações socioculturais.

Para entender melhor este fenômeno, é preciso analisar a noologia do fenômeno do sagrado como um todo - apenas assim conseguiremos adentrar naquilo que transforma a demonologia em algo essencialmente sincrético.

## 1. ESPAÇO DO SAGRADO X A IDEIA DE RELIGIÃO

Em primeiro lugar, temos uma ideia de «religião» formada por um desenvolvimento histórico que é totalmente estranha à mentalidade antiga - não só dos hebreus, como também de todos os povos antigos.

A palavra «religião» não existe nos idiomas semitas antigos: no árabe clássico, no hebraico bíblico, no aramaico e no acádio, não há um termo semelhante.

O que aqueles povos detinham e era chamado de religião é a palavra «Din» (árabe دين, hebraico דין, acádio *dīnu*, onde *dīnu gamru* tinha o sentido de «ultimato», isto é, «julgamento da divindade») que significa «julgamento», «modo de vida». Isto é, estes povos encaravam o corpus de suas revelações como uma forma de julgar e viver o mundo ao redor dentro de suas respectivas cosmovisões. Nesse sentido, faz-se mister notar que suas escrituras são baseadas em:

- a) Eventos cósmicos e divinos
- b) Eventos locais e naturais (míticos ou reais)
- c) Figuras heroicas (míticas, arquetípicas ou reais)

Isto pode ser visto nas CRÔNICAS DE BEROSO (Babilônia), no TANAKH (hebreus) e nos resquícios dos escritos dos gregos e egípcios. A partir de tais elementos, os sábios e líderes das respectivas gerações definiam um caminho para o «Din» da época. Em nenhum desses escritos há uma «formulação doutrinária». Isto quer dizer que, se

você ler os livros mencionados acima, você não achará uma formulação doutrinária como a encontrada no LIVRO DOS ESPÍRITOS ou no CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA.

Longe de representar uma limitação, isso nos leva a identificar algo que podemos definir no conceito de «espaço aberto» versus «espaço fechado». Isto é, os povos antigos viviam aquilo que tentamos definir como «religião» dentro de um «espaço aberto», onde a *noesis* da revelação formava o «din» sem limitações, muito além de uma definição doutrinária.

Tal fenômeno pode ser visto até mesmo dentro do Cristianismo, que começou como uma manifestação espiritual baseada no testemunho (daí a palavra martírio, do grego «testemunhar» μαρτύριο, isto é, os que davam testemunho da fé com a própria vida) e na liderança dos bispos, na época muito pouco dedicados à formulação doutrinária, mas sim à apologia. Santo Agostinho, o Venerável Beda e Boécio foram os primeiros a formular uma literatura doutrinária, enquanto os próprios Concílios Ecumênicos da Igreja o faziam apenas diante das controvérsias cristológicas que surgiam, pois os Concílios eram dedicados apenas a responder às heresias que surgiam.

Entretanto, o desenvolvimento de uma «doutrina» dentro do Cristianismo abriu um primeiro espaço para uma transformação na ideia de «religião» e, através da necessidade de evangelizar os pagãos, um «espaço fechado» começou a ser formado: começa a surgir a separação entre os «espaços» da manifestação do sagrado e o fechamento deste espaço em «religião»: isto é, o problema não é mais entre qual manifestação é a mais presente na ordem da realidade, mas sim uma disputa retórica e apologética entre a verdade e a mentira.

Mas o ponto chave e mais grave que hoje fundamenta a nossa ideia de «religião» só foi aparecer na Revolução Francesa.

A separação completa entre o “sagrado e profano” ocorreu ali, primeiro de forma simbólica, ao substituir o calendário dos santos pelos dias cívicos (o dia da mulher, dia dos profissionais), mas na noologia foi ainda mais abrangente: o «espaço aberto»

do antigo «din» foi trocado pelo «espaço fechado» absolutamente separado da vida civil e, assim, surge a ideia de religião como uma mera «aderência» a um corpus doutrinários totalmente separado do espaço da vida «civil» e dos fenômenos naturais.

## 2. O «ESPAÇO ABERTO» DO MUNDO ANTIGO

A quem lê a Bíblia com atenção, é possível perceber ali que o «din» não era de um «espaço fechado». Verbi gratia:

E Deus disse mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O Senhor Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó, me enviou a vós; este é meu nome eternamente, e este é meu memorial de geração em geração. - *Êxodo* 3:15  
O Deus de Abraão e o Deus de Naor, o Deus de seu pai, julgue entre nós. E jurou Jacó pelo temor de seu pai Isaque. - *Gênesis* 31:53  
Dizendo: Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, e o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó. E Moisés, todo trêmulo, não ousava olhar. - *Atos* 7:32

As três citações bíblicas, pela ordem:

1. Um hebreu a reconhecer seu Deus como uma divindade familiar e única.
2. Um idólatra (Labão) a evocar o Deus dos hebreus.
3. Paulo de Tarso, no NOVO TESTAMENTO, a evocar a mesma expressão.



O que escapa da leitura mais simples quer dizer o seguinte: o Deus familiar e tutelar dos hebreus não estava excluído do espaço dos pagãos. Labão não foi o único a reconhecer isso (o faraó egípcio reconheceu reiteradamente em *Êxodo*), de modo que a expressão ainda fez parte do NOVO TESTAMENTO.

Este é o mesmo raciocínio que leva ao seguinte ponto:

Porque, naquela noite, passarei pela terra do Egito e ferirei na terra do Egito todos os primogênitos, desde os homens até aos animais; executarei juízo sobre todos os deuses do Egito. - *Êxodo* 12:29

Isto é, a realidade do mundo hebraico, ao contrário do que o desenvolvimento doutrinário que interpreta seus textos de forma pretérita, era uma realidade henoteísta. Isto também pode ser observado na forma como o MIDRASH RABBÁ, antiga interpretação medieval da Torá através de lendas, explica do surgimento da chamada idolatria (adoração a outros deuses): ainda antes de Noé, os homens adoravam ao Deus Único, mas sabiam que as forças dos planetas e da natureza produziam fenômenos na terra e na vida humana. Assim, passaram a prestar serviço a essas forças e nasceram com isso os cultos aos planetas e outras forças da natureza. Isto é, as «religiões pagãs», de uma perspectiva da TORÁ, nasceram de um culto real.

Esta noção de espaço aberto fica ainda mais clara neste ponto. Então, quando um homem do tempo antigo, fosse ele judeu, babilônico ou persa, se deparava com outro «deus» ou «demônio», a inserção daquele elemento em sua realidade não era um “sincretismo” como vemos hoje, mas a própria entrada em um outro espaço sagrado, habitado por outras manifestações demoníacas ou divinas.

### 3. OS DEMÔNIOS NO «ESPAÇO ABERTO» DO LEVANTE

Entre os hebreus, particularmente nos textos místicos e apócrifos, há referências

a várias entidades demoníacas que podem estar associadas às influências babilônicas. Esses demônios frequentemente aparecem em obras como o TALMUD, o Zohar e vários textos do MIDRASH. Eis alguns demônios babilônicos notáveis que aparecem na tradição judaica:

1. Asmodeus (*Ashmedai*): Muitas vezes considerado o rei dos demônios, Asmodeus tem um papel proeminente no LIVRO DE TOBIAS e em várias lendas talmúdicas.
2. Lilith: Embora suas origens sejam mais complexas e multifacetadas, Lilith é frequentemente associada à demonologia babilônica e é considerada um demônio noturno no folclore judaico, que se acredita prejudicar bebês e mulheres grávidas.
3. Naamah: Às vezes retratada como um demônio, Naamah é mencionada em textos místicos judaicos como parceira de Samael e é associada à sedução e ao caos.
4. Agrat bat Mahlat: Uma demônio associada à prostituição e feitiçaria. Ela é uma das quatro rainhas dos demônios de acordo com a tradição cabalística.
5. Samael: Muitas vezes considerado um arcanjo com aspectos demoníacos, Samael é uma figura complexa no misticismo judaico, às vezes associado à morte e destruição.
6. Ketev Meriri: Um espírito destrutivo ou demônio mencionado no TALMUD e em vários outros textos judaicos, que se acredita trazer doenças e pestilências.
7. Mastema: Mencionado no LIVRO DOS JUBILEUS, Mastema é uma figura frequentemente associada a Satanás, considerado um testador da humanidade e um portador de adversidades.
8. Rabisu: Demônios das sombras derivados da mitologia babilônica, que se acredita estarem à espreita em lugares escuros e causar danos aos humanos.

9. Lilin: Contrapartes masculinas de Lilith, esses demônios também são considerados espíritos noturnos ou súcubos, frequentemente mencionados na literatura mística judaica.
10. Zebub: Às vezes chamado de Belzebu ou Ba'al Zebub, o nome desse demônio se traduz como «Senhor das Moscas» e é frequentemente associado à sujeira e à decadência.

Estas entidades refletem a natureza sincrética da demonologia judaica, misturando influências das tradições babilônicas, persas e outras antigas tradições do Levante.

Aqui, *verbi gratia*, faz-se mister mencionar a figura de Ketev Meriri, um demônio mencionado no folclore e nos textos judaicos, particularmente no TALMUD e em outros escritos místicos. O nome «Ketev Meriri» se traduz em algo semelhante a «espírito destrutivo» ou «destruição amarga». Ele é considerado um espírito malévolo ou demônio responsável por causar destruição, doença e pestilência e seu nome às vezes é interpretado como «destruição amarga», enfatizando sua natureza prejudicial e destrutiva.

No TALMUD (*Pesachim* 112b), Ketev Meriri é mencionado como um dos espíritos

nocivos com os quais as pessoas devem ter cuidado, especialmente durante certas horas do dia e períodos específicos do ano. O TALMUD desaconselha andar sozinho em determinados momentos por causa dos perigos representados por tais espíritos. Tanto ele como sua «ordem» são associados a momentos específicos de perigo, especialmente durante os meses de verão, que também é ligado a Belzebu. Existem horários específicos do dia em que esse demônio é considerado mais perigoso, normalmente por volta do meio-dia. Os textos judaicos tradicionais recomendam várias medidas de proteção para evitar a influência prejudicial de Ketev Meriri, tais como recitar orações específicas e evitar certos comportamentos durante períodos de alto risco.

Aqui, é impossível não correlacioná-lo com Pazuzu, associado ao vento sudoeste, que trazia fome, seca e gafanhotos. Num mundo onde a sobrevivência era muito difícil e os males da colheita e as dificuldades da vida próxima ao deserto eram uma realidade de todos da região, não é de se espantar como os demônios de uma mitologia fossem transportados para outras.

## CONCLUSÃO

Uma das grandes dificuldades no estudo sério sobre qualquer fenômeno religioso é a forma de julgar o passado com olhar do presente ou, tão prejudicial quanto, julgar uma realidade distante da nossa com a nossa interpretação de mundo.

Quando falamos de sincretismo, devemos nos lembrar que seu fenômeno é natural e orgânico e, sem exageros, holístico. Isto, conforme argumentamos neste artigo, não é fruto de confusão, mas de uma cosmovisão sagrada.

O «espaço fechado» tende a reduzir todos os fenômenos religiosos a um contexto inferior à vida orgânica, o que é um preconceito de análise que leva à ignorância extrema sobre o fenômeno analisado.

*Rafael Resende Daher*



Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela  
**Feitiçaria Tradicional Brasileira**

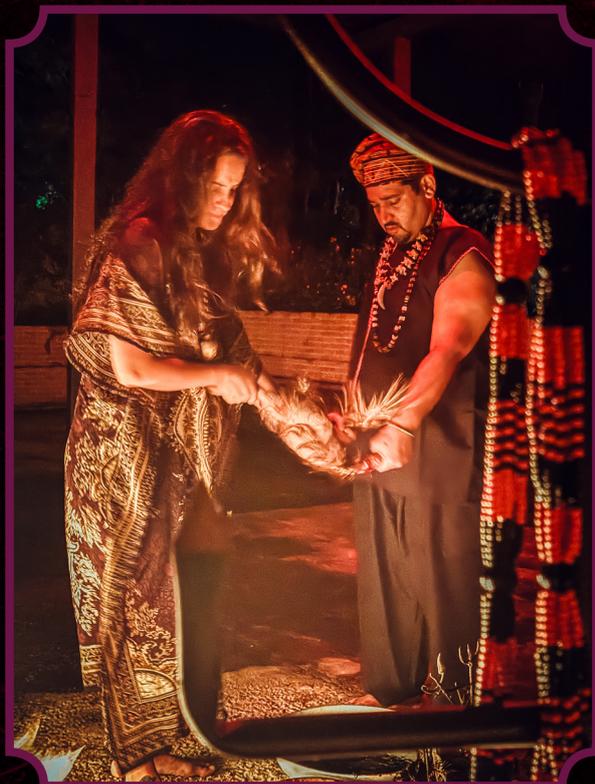
## **Sofrimento, Violência & Sacrifício**

Um dos temas que mais me fascinam é a arte do sacrifício. Ele está dentre as matérias de estudo (e quando me refiro a estudo incluo a prática, porque quem é feiticeiro de verdade sabe que o estudo faz parte condicional da prática) que mais ocupam meu tempo. Um dos meus ofícios sacerdotais é o sacrifício animal para os Gangas da Quimbanda, *òrișà*, *égúngún* e outros espíritos como Hermes, Lúcifer, Beelzebuth e Ashtaroth. No livro **GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA**, dediquei um capítulo introdutório a arte do sacrifício animal na perspectiva da Quimbanda, da cultura *yorùbá* e no mundo greco-romano. Eu pretendo ampliar esse estudo no futuro para

artigos na *Revista Nganga* e livros que pretendo publicar.

Poucos dias atrás eu recebi uma crítica feita por um covarde. Covarde porque partiu de um perfil fake no Instagram, cujo dono muito provavelmente é um *kimbanda* ou pai de santo frustrado, por não conseguir oferecer o trabalho de qualidade que nós oferecemos na *Cova de Cipriano Feiticeiro*. A crítica me acusava de açougueiro, por causa da técnica de limpeza e extração dos *àșe* dos animais de quatro patas que ficam pendurados durante o curso da cerimônia. Outro ponto da crítica me acusava de cometer violência contra os animais, que morriam com sofrimento. Como ele sabe? Só de ver nossa publicidade? O indivíduo que fala de algo que ele não sabe, não conhece e não viveu, não é um homem, mas um imbecil com uma opinião idiota: a terceira pessoa depois de ninguém! E hoje uma seguidora me perguntou se em nossas cerimônias os animais são sacrificados de forma *humanizada*, ela explicou: sem sofrimento. Essas duas questões me levaram a escrever essa breve nota sobre a violência e o sofrimento no contexto do sacrifício religioso, abordando também a ideia de partilha e de higiene.

Esse é um dos tópicos mais antigos entre os acadêmicos que escrevem sobre o sacrifício pelo menos desde a década de 1920.<sup>[1]</sup> Os estudos acadêmicos sobre o sacrifício a partir dessa época em sua grande maioria focaram em avaliar a necessidade da vio-



[1] Veja uma retrospectiva dos estudos acadêmicos sobre o sacrifício animal na introdução de Jennifer Wright Knust e Zsuzsanna Várhelyi. *ANCIENT MEDITERRANEAN SACRIFICE*. Oxford University Press, 2011, pp. 3-31.

lência e do sofrimento do animal na catarse da ansiedade de *culpas* de inúmeros tipos: usar os ossos e a pele dos animais, elevar seus crânios no momento do ritual em honra aos ancestrais, honrar todas as partes da carcaça do animal para alimento, vestimenta, remédios e magia, aliviava a ansiedade da comunidade inteira, principalmente da culpa por ter de caçar e matar os animais pela sobrevivência de todos. E a partir destes primeiros estudos, nasceram àqueles relacionados a *psicologia do sacrifício* nas mãos de Freud (1856-1939), que inferiu que o sacrifício estaria conectado diretamente a um tipo de neurose, enraizada na repressão de desejos incestuosos. Para Freud o sacrifício emulava a morte primordial do pai-ancestral, então substituído pela vítima do sacrifício, que era abatida e consumida por seus filhos distantes.

Os acadêmicos desta linha de raciocínio então concluíram que o sacrifício animal era uma prática que havia começado no período paleolítico e servia, fundamentalmente, para aliviar o estresse e a ansiedade decorrentes de um estilo de vida violento.<sup>[2]</sup> O homem matava o animal para não matar outros homens da comunidade. Dessa forma, através deste rito sacrificial, mantinha-se ordem e coesão social. Nessa perspectiva acadêmica sobre o tema, violência e sofrimento são as peças fundamentais pelas quais o ritual de sacrifício opera seus resultados na vida e na própria estrutura do tecido social.<sup>[3]</sup>

O nosso grande problema atual é olhar para as antigas culturas com as lentes do humanismo moderno! Pior que isso, visto como a prática religiosa primitiva de um estágio primitivo na vida humana, alguns têm o classificado como dispensável na contemporaneidade. Nessa linha de pensamento, acadêmicos têm argumentado que, na medida em que o homem se civiliza, gra-



dualmente ele deixa o antigo exercício do sacrifício religioso por métodos mais higiênicos. Nessa abordagem eles dizem também que o sacrifício servia como um *presente* as divindades, para que elas pudessem ajudar os homens em troca desses sacrifícios. E muito embora essa abordagem não seja boa, é exatamente isso: o homem primitivo imolou aos deuses porque descobriu que o sacrifício era a maneira mais eficaz de se comunicar com eles.<sup>[4]</sup>

Na arte do sacrifício animal, a imolação ritual depende de alguns cuidados, passos que devem ser executados antes do momento sacrificial. J.O. Awolalu<sup>[5]</sup> enumera muitos dos cuidados pertinentes a cada tipo de animal: aves, caprinos, suínos, bovinos etc. É interessante notar que muitos destes cuidados – como venho demonstrando em textos anteriores – foram preservados e aperfeiçoados pela Quimbanda. Esses cuidados envolvem consagrações, purificações e encantamentos que prepararão

[2] Falo mais sobre esse tema no texto *Telestikê*, onde estabeleço comparações entre a arte teúrgica grega e hermética de consagração de estátuas animadas e a arte de se construir as moradas de poder dos Gangas na Quimbanda. Em breve na *Revista Nganga* e no livro KALUNGA: TEURGIA & CABALÁ CRIOLA.

[3] Veja um resumo interessante em C.A. Faraone e F.S. Naiden. GREEK AND ROMAN ANIMAL SACRIFICE: ANCIENT VICTIMS, MODERN OBSERVERS. Cambridge University Press, pp. 13-31.

[4] Uma das melhores abordagens sobre o tema na cultura *yorùbá*, que tratará do sacrifício como inserção, participação e atuação na ordem do Cosmos, veja Yemí Elebuobon. THE HEALING POWER OF SACRIFICE. Athelia Henrietta Press, Inc., 2000.

[5] J.O. Awolalu. YORUBA BELIEFS AND SACRIFICIAL RITES. Longman, 1979, pp. 371-426.



o corpo e a alma do animal a ser imolado. Imediatamente antes da imolação, o animal é acariciado, apaziguado e encantado, para que esteja voluntariamente entregue no momento da imolação. Isso, no entanto, não evita sua dor ou sofrimento. Muitos chegam a enebriar o animal para evitar seu sofrimento, mas nós repudiamos esse tipo de ação, porque não é auspicioso que o animal esteja enebriado antes do sacrifício.

No momento da imolação, quando a lâmina da faca corta a pele do pescoço do animal, imediatamente uma torrente de adrenalina é acionada em seu cérebro, e é por isso que suas pupilas se dilatam. Nesse processo o animal sofre, menor que seja pelas precauções que tomamos. Além disso, quando a vida se desloca de seu corpo, iniciam-se os espasmos, típicos da maioria das mortes por motivos outros. Nesse processo de espasmos corporais, quando

a vida deixa o corpo, o animal sofre. É importante que se entenda que morte e sofrimento caminham juntos; é importante que se entenda que em um culto de morte como a Quimbanda, exige-se que o adepto aprenda a lidar com a dor e com o sofrimento da existência corporificada. Assim como ocorre o sofrimento inerente quando a alma se desconecta do corpo no momento da morte, qualquer tipo de desprendimento que necessite ocorrer na vida causará dor e sofrimento. O sofrimento é uma lei imperial da experiência corporificada: nós entramos e saímos deste mundo sofrendo! Um bordão que sempre uso: *se no momento do sacrifício algo dentro de você não morre também, então você não entendeu essa arte direito*, porque toda morte faz sofrer.

Na Quimbanda (e também nas culturas tradicionais africanas) nós aprendemos que absolutamente tudo no animal imolado possui *àṣẹ* (força de vida). Por esse motivo nós utilizamos todas as partes dos animais sacrificados. A técnica de pendurá-los, que inclusive é citada por J.O. Awolalu em seu livro, serve para facilitar a retirada desses *àṣẹ*, principalmente àqueles que serão consumidos como alimento compartilhado entre nós e os Gangas. Fundamentalmente, a técnica está conectada a higiene requerida para que não haja nenhum tipo de intoxicação alimentar nos adeptos do culto e seus parentes, porque esse *àṣẹ* pode ser levado para casa e consumido pelos familiares.

Um dos fundamentos conectados ao sacrifício, é a alimentação da comunidade. Desde tempos imemoriais na cultura greco-romana e em inúmeras culturas aborígenes até os dias atuais, o alimento sacrificial é distribuído para todos os integrantes da comunidade, para que todos, em maior ou menor grau, comunguem com os próprios deuses e ancestrais. Porque ao ingerir um alimento consagrado a uma deidade, traz-se a força dessa deidade para dentro do corpo, enriquecendo as potências da alma.

**Táta Nganga Kimbanda  
Kamuxinzela**

# Alguns Exus e suas apresentações dentro do “Livro Das Sombras De Exu”

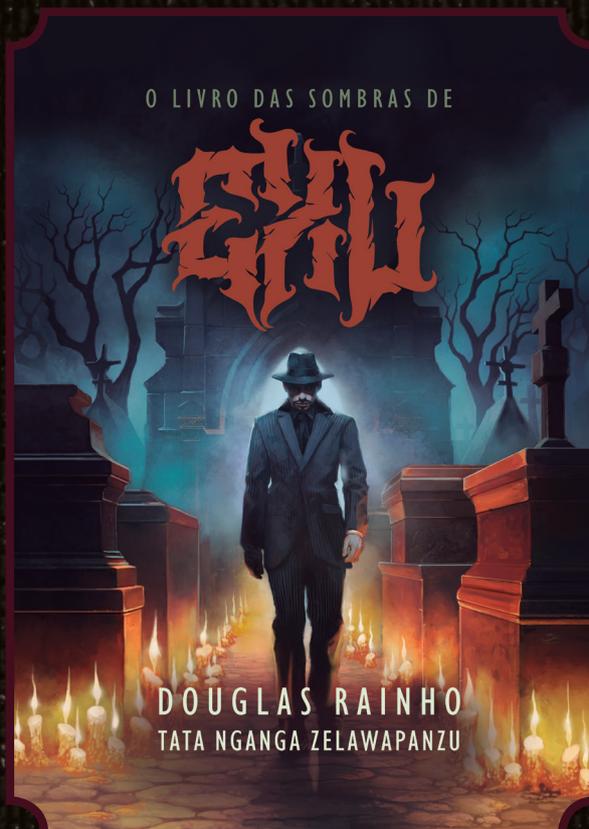
*Por Tata Zelawapanzu*

Recentemente lancei o “Livro das Sombras de Exu”, que dentro vários objetivos, tem por missão descortinar a minha visão sobre essas entidades, trago a seguir o prefácio da obra explicando a minha motivação para escrever esse livro, que está disponível para venda no Clube de Autores.

“Eu sempre quis escrever um livro sobre Exu e de certa forma já o fiz, com a edição chamada Exuzada. Entretanto, ela trouxe um viés bem diferente, com conotação mais didática e lúdica, sem se aprofundar na figura de Exu ou em sua complexidade. Aliás, justamente essa complexidade foi que me fez temer escrever algo sobre Exu, tendo alguns rascunhos feitos, mas sempre deixados incompletos.

Essa minha reticência em lançar algo nesse sentido sempre partiu pela minha mania perfeccionista de trazer uma informação gabaritada, mas sem revelar o que é secreto em culto. Mas, devido ao cenário que percebo nos diversos ensaios feitos no blog Perdido em Pensamentos sobre essa temática, era preciso amadurecer essa ideia para ajudar outras pessoas que também se sentem perdidas quando falamos sobre Exu.

Eu, como um mestre de Quimbanda, aliado à minha outorga sacerdotal dentro da Umbanda, não me julgo a última palavra sobre essas entidades. Mas, por trabalhar há muito tempo com elas, percebo que tenho como trazer de maneira didática tópicos para



Arte capa: Bebeto Daroz

debate que podem acrescentar ao conhecimento dos leitores. Quem acompanha minhas outras obras sabe como sou minucioso muitas vezes, então não espere diferente no livro.

Contudo, já ressalto algo como um alerta em nossas primeiras páginas: “Existe muito que está escrito neste livro, que para entender e praticar, é preciso ter as chaves de acesso, os arcanos de exu, que só são passados de forma iniciática”. Além disto, muito do que está escrito neste livro guarda e oculta o que não está escrito, ou o que está nas entrelinhas, sendo visível só

para aqueles que obtêm esse conhecimento e essa outorga espiritual. Espero que esta leitura desconstrua mitos, reforce certezas, mas que acima de tudo lhe permita discernir, duvidar, questionar e engrandecer o seu próprio pensamento. Exu é força dinâmica na vida e ele está sempre em movimento, por isso é preciso entender que nenhuma outra entidade ou divindade se atualiza e se torna tão contemporânea quanto Exu. Que os olhos de ver se abram, e que os ouvidos para ouvir estejam prontos, pois aqui abrimos as portas do Abismo.”

Dentre os capítulos, dois deles, tenho certeza de que chamarão grande atenção: O Grimorium Negro de Exu e o Grimorium Vermelho de Pombagira, que são fichas organizadas sobre as características das falanges dos Exus, separados dentro das tradicionais sete linhas (e não sete reinos). Quis listar como nos grimórios medievais, com suas atribuições e oferendas, como um grande catálogo enciclopédico para referência. A seguir eu trago alguns exus que foram listados nesse livro

### EXU TRANCA-RUAS

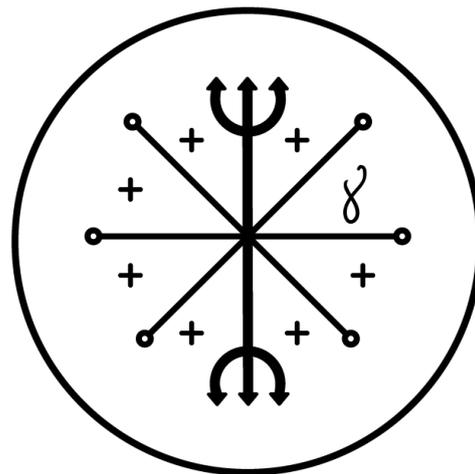
**Demônio Associado:** Tarchimache

**Palavras-Chave:** Abre e fecha caminhos de todos os tipos, conforme sua regência – Almas, Sete Encruzilhadas, da Calunga, das Matas, de Embaré etc.

**Positivo:** Caminhos abertos, sucesso em determinado objetivo.

**Negativo:** Caminhos fechados, falta de sucesso nos objetivos.

**Firmeza:** Vela preta-e-vermelha, Marafó Amarelo ou Whisky estilo Tennessee como o Jack Daniels, e



PONTO DE EXU TRANCA RUAS

charutos de boa qualidade, com capa clara.

**Oferenda:** Padê de farinha de mandioca misturada com marafó branco ou amarelo, sete bistecas de porco e sete bifes bovinos selados no azeite de dendê. Coloca-se batatas inglesas assadas cortadas em rodelas em cima da farofa e rega-se tudo com azeite de dendê. Acrescente também a firmeza, sendo sete o número chave: sete copos com whisky, marafó amarelo ou branco, sete charutos, e sete velas pretas-e-vermelhas ou brancas-e-pretas.

### EXU PEMBA

**Demônio Associado:** Brulefer

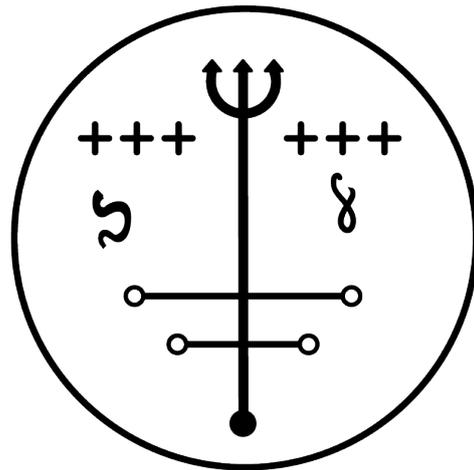
**Palavras-Chave:** Saúde Pulmonar, Amores Ocultos, Traições, Feitiços Escritos, Questões de Ordem Sexual, Conquista Amorosa.

**Positivo:** Pode unir as pessoas, trazer um amor para a vida das pessoas, criar contratos entre elas.

**Negativo:** Pode desunir pessoas, separar casais, promover adultério e proliferação de doenças venéreas.

**Firmeza:** Velas pretas-e-brancas, marafo branco e charutos de boa qualidade.

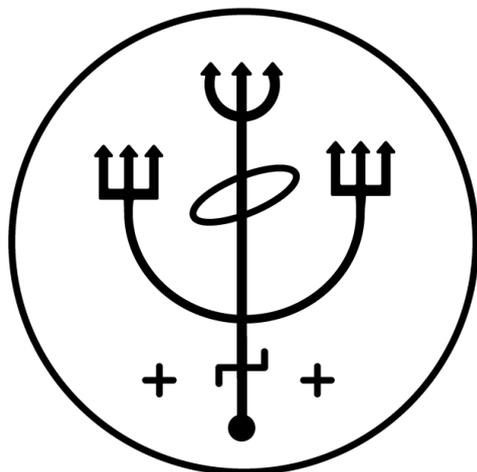
**Oferenda:** Padê composto de farinha de mandioca e farinha de milho misturadas, junto com azeite de dendê. Em cima da oferenda acrescenta-se raspas de coco e frutas cítricas, e sete pembas de cores diversas. Acrescente também a firmeza, sendo sete o número chave: sete copos com marafo branco, sete charutos e sete velas pretas-e-brancas.



PONTO DE EXU SETE CRUZES

**Firmeza:** Vela preta-e-vermelha ou preta-e-branca, marafo branco e charutos de qualidade.

**Oferenda:** Padê composto de farinha de mandioca misturada com cachaça e azeite de dendê; cebolas e laranjas em rodela por cima do padê. Pode-se oferecer um frango inteiro assado e recheado com farinha de mandioca, pipocas, pimenta, cebola roxa e laranjas cortadas em meia-lua, temperando com sal. Jogue por cima do frango já assado, azeite de dendê e pétalas de crisântemo branco. Acrescente também a firmeza, sendo sete o número chave: sete copos com marafo branco, sete charutos e sete velas pretas-e-brancas, ou outras que o Exu aceite.



PONTO DE EXU PEMBA

## EXU 7 CRUZES

**Demônio Associado:** Merifild

**Palavras-Chave:** Morte, Ameaça de Morte, Passagens, Limites, Portas, Cruzeiros, Almas Desencarnadas sem Descanso.

**Positivo:** Controlam e conduzem almas que tiveram vida ou morte violentas, espíritos selvagens.

**Negativo:** Pode ocasionar perturbação espiritual com espíritos violentos, homicidas e selvagens na vida das pessoas.

## EXU VENTANIA

**Demônio Associado:** Bechard

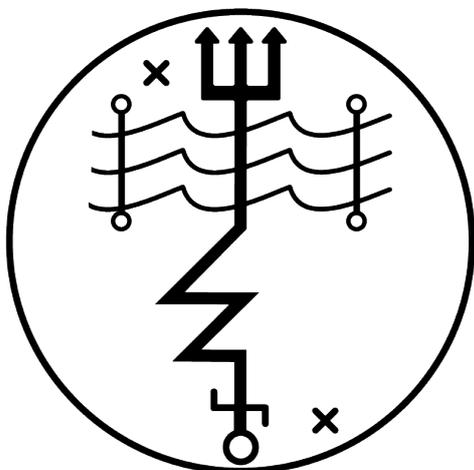
**Palavras-Chave:** Efeitos Climáticos, Tempestades, Chuvas, Furacões, Movimentação, Medo, Histeria, Fobia.

**Positivo:** Capaz de alterar o clima de um local e provocar chuvas. Consegue afastar e movimentar situa-

ções e pessoas. Retira a inércia e o medo das pessoas.

**Negativo:** Pode causar medo patológico, histeria e fobias. Pode ser manipulado para criar vozes ilusórias que irão deixar o alvo louco.

**Firmeza:** Vela preta-e-vermelha ou amarela, marafo branco, às vezes com água de coco dentro de copos de bambu, e charutos que exalem bastante fumaça.

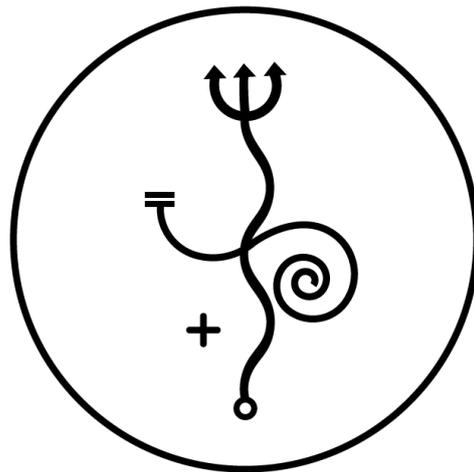


PONTO DE EXU VENTANIA

**Oferenda:** Padê composto de farinha de milho com azeite de dendê e alguns tipos de frutas, principalmente as que nascem no alto das árvores. Acrescente também a firmeza, sendo sete o número chave: sete copos com marafo branco, sete charutos e sete velas pretas-e-vermelhas, ou outras que o Exu aceite.

## POMBAGIRA MARIA MULAMBO

**Palavras-Chave:** Vícios, Dificuldades Financeiras, Dificuldades na Vida, Movimento, Limpeza Espiritual.



PONTO DE POMBAGIRA MARIA MULAMBO

**Positivo:** Muito utilizada para resolver dificuldades financeiras e promover limpezas espirituais.

**Negativo:** Faz terminar tudo que não tem valor, encerra relacionamentos, pode criar pobreza e dificuldades na vida.

**Firmeza:** Vela vermelha-e-preta, cachaça com canela (canelinha) e charutos de boa qualidade.

**Oferenda:** Padê composto de farinha de mandioca misturada com cachaça de canela; decorar com 9 canelas em pau, cebola roxa em rodela por cima, tudo regado com dendê. Acrescente também a firmeza, sendo sete o número chave: sete copos de cachaça com canela, sete charutos e sete velas vermelhas-e-pretas, ou outras que a Pombagira aceite.

**Tata Nganga Zelawapanzu**  
Templo de Quimbanda Cova de Tiriri  
[instagram.com/covadetiriri](https://www.instagram.com/covadetiriri)

# Idealizadores



**PAPÓ NA  
ENCRUZA**



